

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

LEATRICE FERRAZ MACÁRIO

**LETRAMENTO DIGITAL: A PRODUÇÃO HIPERTEXTUAL NO ENSINO
SUPERIOR**

VITÓRIA DA CONQUISTA - BA
2016

LEATRICE FERRAZ MACÁRIO

**LETRAMENTO DIGITAL: A PRODUÇÃO HIPERTEXTUAL NO ENSINO
SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Sentido e Discurso

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira

Coorientadora: Profa. Dra. Maíra Avelar Miranda

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2016

Macário, Leatrice Ferraz.

M1121 Letramento digital: a produção hipertextual no ensino superior.
/ Leatrice Ferraz Macário; orientadora: Márcia Helena de Melo
Pereira. — Vitória da Conquista, 2016.
134f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste
da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da
Conquista, 2016.

Referências: f. 122-127.

1. Gêneros textuais. 2. Hipertexto - Educação. 3. Letramento
digital. 4. Blog – Tecnologias digitais I. Pereira, Márcia Helena de
Melo. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa
de Pós-Graduação em Linguística. III. T.

CDD: 371.334

Catálogo na fonte: Cristiane Cardoso Sousa – CRB 5/54-P
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Digital Literacy: The Hypertextual Production into Higher Education

Palavras-chave em inglês: Blog. Education. Textua Genres. Hypertext. Digital Literacy.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira (Presidente-Orientadora); Profa. Dra Máira Avelar Miranda (Coorientadora-UESB); Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (UESB); Profa. Dra. Cristiane Dall’Cortivo Lebler (UNISC)

Data da defesa: 10 de agosto de 2016

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

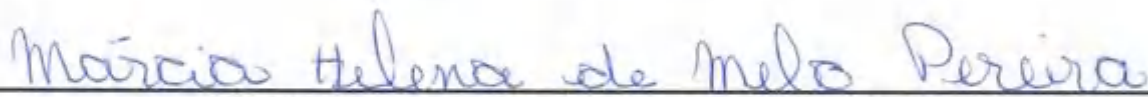
LEATRICE FERRAZ MACÁRIO

**LETRAMENTO DIGITAL: A PRODUÇÃO HIPERTEXTUAL NO ENSINO
SUPERIOR**

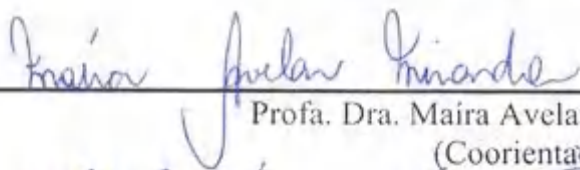
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de mestre em Linguística.

Data da aprovação: 10 de agosto de 2016.

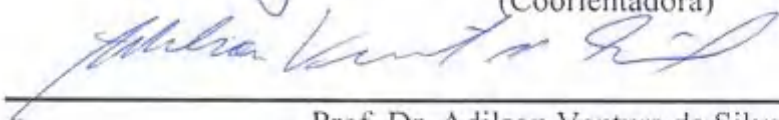
BANCA EXAMINADORA



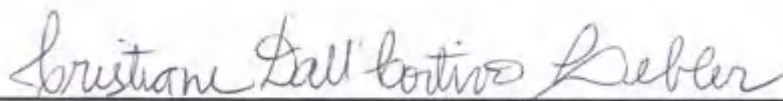
Profa. Dra. Márcia Helena de Melo Pereira (UESB)
(Orientadora)



Profa. Dra. Maira Avelar Miranda (UESB)
(Coorientadora)



Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (UESB)



Profa. Dra. Cristiane Dall' Cortivo Lebler (UNISC)

Às minhas lindas filhas Alice e Ana Luísa e a
Lúcio, marido e parceiro de tantos desafios.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o resultado de um esforço coletivo e não uma obra individual e, por isso, quero agradecer àqueles que são corresponsáveis por ter chegado a essa etapa.

Agradeço à UESB, por me oportunizar, através do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Curso de Comunicação Social, alcançar minha formação de mestrado e graduação, respectivamente.

Agradeço ao corpo técnico e docente que, de maneira competente e inspiradora, nos conduziu ao longo dos anos para o amadurecimento acadêmico de forma que nos possibilitasse chegar ao título de mestres.

E, de maneira muito especial, quero agradecer à professora doutora Márcia Helena de Melo Pereira pelas orientações e também pela compreensão e motivação. Para além da competência intelectual demonstrada brilhantemente na condução do processo de orientação, a professora Márcia se mostrou um ser humano capaz de entender, acolher e encorajar e isso foi fundamental para que eu chegasse até aqui, mesmo diante de situações adversas que seriam capazes de afastar muitos estudantes da conclusão de seu curso.

Agradeço incansavelmente à minha família pelo amor que impulsionou, encorajou e que permitiu a ausência da mãe e da esposa. O apoio, o carinho, a atenção e a compreensão de vocês me fizeram conseguir vencer as madrugadas na busca desse resultado.

Aos colegas de curso que dividiram o conhecimento, as angústias, as brincadeiras, as vitórias e tantos momentos que ficarão guardados na memória e no coração, quero agradecer e dizer que torço muito por cada um de vocês.

E, também, agradeço à Faculdade de Tecnologia e Ciências por me permitir o exercício da docência que gerou esta pesquisa.

RESUMO

As tecnologias digitais têm se apresentado como ferramentas importantes para o estímulo à leitura, escrita e interesse dos alunos pelos temas trabalhados na sala de aula, atualmente. Os *blogs*, que antes eram simples diários virtuais, passaram a ser utilizados para múltiplos objetivos, tendo o *blog* educativo crescido significativamente no uso por professores e estudantes, para fins pedagógicos. Este trabalho tem por objetivo analisar o potencial do *blog* educativo para o favorecimento da aprendizagem de estudantes de um curso de graduação por meio da realização de uma pesquisa-ação em que se constituíram como sujeitos a serem investigados dez alunos e seus respectivos *blogs*. Incentivados pelo professor/pesquisador, os alunos foram solicitados a criarem seus próprios *blogs* na plataforma *Wordpress*, a fim de discutirem temáticas trabalhadas na disciplina Sistemas Multimídia e Hiperemídia, durante todo o semestre letivo 2014.2, com atualização de periodicidade semanal. Tendo como principais pressupostos teóricos os estudos da Linguística Textual, com Xavier, Marcuschi e Koch, principalmente da Teoria da Enunciação de Bakhtin e do Interacionismo social de Vigotsky, abordamos o hipertexto e seu papel no letramento digital, bem como os gêneros textuais, situando o *blog* como um hipergênero e, finalmente, apresentamos o *blog* educativo e sua função no processo de aprendizagem. Como principais resultados, constatamos que os alunos, após assistirem às aulas, lerem a bibliografia indicada pela docente e, posteriormente, escreveram sobre as temáticas da disciplina em seus *blogs*, apropriavam-se com maior profundidade dos conteúdos curriculares, além de terem sido estimulados a um comportamento de aprendizagem autônoma, na medida em que puderam escrever em suas páginas sobre temas correlatos, mas não solicitados. Além disso, por meio de uma pesquisa aplicada em forma de um questionário semiestruturado, os alunos demonstraram a percepção sobre seu processo de aprendizagem com o uso do *blog*. Por meio dessa pesquisa, é possível identificar as potencialidades do *blog* educativo como estimulador e facilitador do processo de aprendizagem, levando os alunos a um contato mais próximo dos conteúdos curriculares, através da leitura e reflexão para a escrita. Assim, concluímos que o *blog* alcançou o pretendido e foi capaz de favorecer o processo de aprendizagem de estudantes de graduação e, portanto, pode ser um gênero a ser usado em sala de aula uma vez que encontra a receptividade e interesse dos alunos em utilizá-lo em prol de sua formação. Ao professor, portanto, cabe o papel de mediador, e, à tecnologia, o papel de instrumento para o acesso e produção de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Blog. Educação. Gêneros Textuais. Hipertexto. Letramento Digital.

ABSTRACT

Digital technologies have been, nowadays, introducing themselves as important tools to stimulate reading, writing and making students more engaged in the themes presented in the classroom. Blogs, that in the past were simply a virtual journal, have become used for multiple purposes, the educational blog had a significant growth in this usage by teachers and students in its pedagogical goals. The goal of this essay is to analyze the potential of the educational blogs in facilitating the student's learning process during a undergraduate course by conducting a research-action in which the objects observed were ten students and their blogs. Motivated by the teachers/researchers were asked to create their own blogs using the Wordpress platform in order to discuss the issues worked at the Hypermedia and Multimedia Systems during the whole second semester of 2014, the blogs were to be updated every week. Having as main theoretical assumptions the studies of Textual Linguistics, with Xavier, Marcuschi and Koch, mainly, Bakhtin's Enunciation Theory and the Social Interactionism of Vigotsky, we approach the hypertext and its role in the digital literacy, as well the textual genres, pointing the blogs as a hyper genre and, finally, presenting the educational blog and its function in the learning process. As main results, it was observed that the students, after attending to the classes, reading the indicated bibliography and, afterwards, writing about the themes of this subject in their blogs, they appropriated with more depth on the curriculum contents, moreover they were stimulated to adopt an autonomous learning behavior, as much as they were able to write on their blogs about correlated but unsolicited issues. Further more, by a research made using a semi-structured essay, the students demonstrated the perception of their learning process using the blog. By this research, it is possible to identify the potentialities of the educational blog as a stimulating and facilitating tool in the learning processes, leading the students to a closer contact to the curriculum contents through the reading and thinking to the writing. Therefore, the conclusion is that the blogs had reached their goals and were able to favor the learning process of undergraduate students, and so, may be a genre to be used in the classroom since it receives the acceptance and interest of the students in using it towards their formation. For the teacher the role of mediator is sued, and, to technology the role of being an instrument for knowledge access and production.

KEYWORDS

Blog. Education. Textual Genres. Hypertext. Digital Literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Tipos de blogs	50
Figura 02 – Matriz para Tipificação dos blogs.....	52
Figura 03 –Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação...	60
Figura 04 – Página Inicial da Plataforma de Criação de Blogs, Wordpress.....	72
Figura 05 – Imagem do Grupo da disciplina no Facebook.....	74
Figura 06 – O texto de descrição do grupo do Facebook.....	76
Figura 07 – Compartilhamento do <i>link</i> do conteúdo postado no Blog Caverna Informacional, do Aluno 9.....	76
Figura 08 – Postagem de conteúdo do aluno 7 no grupo da disciplina.....	77
Figura 09 – Diálogo nos comentários do blog Agora Sou Publicitário, do aluno 08.....	78
Figura 10 – Comentário feito por um aluno da turma ao blog do Aluno 05.....	79
Figura 11 – Comentário feito por uma visitante ao blog do Aluno 02.....	80
Figura 12 – Resposta do Aluno 02 ao comentário do visitante de sua página.....	81
Figura 13 – Post do Blog Comunicadores de Primeira Viagem, do Aluno 4.....	85
Figura 14 – Comentário da docente no post do Aluno 4.....	86
Figura 15 – Comentário no Blog Garota Publicitária, do Aluno 10.....	87
Figura 16 – Post de Apresentação do Blog Garota Publicitária, do Aluno 10.....	88
Figura 17 – Post de Apresentação do Blog Pinguim Sertanejo, do Aluno 03.....	88
Figura 18 – Post do Blog Conexão Publicitária, do Aluno 05.....	89
Figura 19 – Trecho do último post do Blog Linkar, do Aluno 07.....	90
Figura 20 – Podcast produzido pelo aluno 08 para o Blog Agora Sou Publicitário..	91
Figura 21 – Postagem do Aluno 05, no blog Conexão Publicitária, sobre a Sociedade em Rede.....	96
Figura 22 – Postagem do Aluno 04, no blog Comunicadores de Primeira Viagem, sobre a Sociedade em Rede.....	97
Figura 23 – Postagem do Aluno 01, no blog The Expedition, sobre o que é a WEB	100
Figura 24 – Postagem do Aluno 06, no blog Espaço 201, sobre o que é a WEB.....	101
Figura 25 – Postagem do Aluno 10, no blog Espaço Garota Publicitária, sobre O que é o Virtual?.....	104

Figura 26 – Postagem do Aluno 03, no blog Pinguim Sertanejo, sobre A Comunicação e o Marketing na Cibercultura.....	107
Figura 27 – Postagem do Aluno 02, no blog Media's Rising, sobre As Redes Sociais na Internet.....	109
Figura 28 – Postagem do Aluno 10, no blog Garota Publicitária, sobre As Redes Sociais na Internet.....	110

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 – Sexo dos alunos pertencentes à turma pesquisada.....	62
Gráfico 02 – Faixa etária	63
Gráfico 03 – Origem educacional.....	63
Gráfico 04 – Experiências anteriores com blog.....	72
Gráfico 05 – Nível de Dificuldade para Criação do Blog.....	73
Gráfico 06 – Nível de dificuldade para a produção textual.....	83
Gráfico 07 – As principais dificuldades encontradas na escrita dos textos do blog.	83
Gráfico 08 – Temas que os alunos mais gostaram de escrever	113
Gráfico 09 – Contribuição do blog para a prática de leitura.....	114
Gráfico 10 – Contribuição do blog para a prática de escrita.....	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Resultado das produções dos alunos.....	95
Tabela 02 – Resultado das produções dos alunos.....	98
Tabela 03 – Resultado das produções dos alunos.....	102
Tabela 04 – Resultado das produções dos alunos.....	105
Tabela 05 – Resultado das produções dos alunos.....	108

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Exemplos dos desvios cometidos no texto da figura 13.....	86
Quadro 02 – Abreviaturas utilizadas no <i>Post</i> do Blog Conexão Publicitária (Figura 18).....	89
Quadro 03 – Postagens multimídia do Blog Conexão Publicitária, do Aluno 05.....	92
Quadro 04 – <i>Posts</i> autônomos dos alunos.....	111

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	14
2 O HIPERTEXTO NA EDUCAÇÃO.....	20
2.1 Hipertexto: o texto em evolução.....	21
2.2 Hipertexto: conceito e características.....	25
2.3 Hipertexto e o letramento digital.....	30
2.4 As Contribuições das TICS para a Aprendizagem.....	36
3 OS GÊNEROS TEXTUAIS.....	40
3.1 Os Gêneros Virtuais.....	43
3.1.1 <i>O Blog Na Prática Pedagógica: Uma Análise Do Gênero.....</i>	<i>44</i>
3.1.2 <i>A Origem e o Conceito de Blog.....</i>	<i>45</i>
3.1.3 <i>Blog: gênero ou suporte?.....</i>	<i>50</i>
3.1.4 <i>As Contribuições do Blog para os Processos Educativos.....</i>	<i>53</i>
4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA.....	59
4.1 Pesquisa-ação.....	59
4.1.1 <i>Universo da Pesquisa e Amostra.....</i>	<i>61</i>
4.1.2 <i>Etapas da Pesquisa.....</i>	<i>64</i>
4.1.3 <i>Instrumentos da Pesquisa.....</i>	<i>67</i>
5 A COLABORAÇÃO DOS BLOGS EDUCATIVOS PARA A APRENDIZAGEM: A ANÁLISE DOS DADOS.....	70
5.1 O Processo de Criação dos Blogs.....	71
5.2 As Contribuições da Interação para o Processo de Aprendizagem.....	73
5.3 Os Caminhos da Escrita Hipertextual.....	82
5.4 Os Caminhos do Aprendizado.....	93
5.5 A Percepção do Aluno sobre seu Processo de Aprendizagem.....	112
5.6 Discussão dos Resultados.....	116
6 CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS.....	122
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	129
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)..	132

1 INTRODUÇÃO

A sociedade atual passa por uma rápida transformação, parte dela proporcionada pelo avanço e impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's). Em praticamente todas as áreas sociais é possível observar tal impacto, seja nos processos ou nas formas de interação. Pelos seus *smartphones*, *tablets* ou computadores as pessoas têm a possibilidade de efetuar as mais diversas transações financeiras, realizar compras, estabelecer relacionamentos de diferentes tipos e, principalmente, adquirir informação.

Nesse cenário, a cultura se transforma rápida e significativamente, em especial quando observa-se como as TIC's potencializam novas formas de relações sociais. Essa sociedade em rede, que Castells (1999) apresenta como uma estrutura social baseada em redes por tecnologias de comunicação e informação e que são capazes de processar e distribuir informação a partir do conteúdo que é acumulado na internet, é estruturada por relações historicamente determinadas pela produção, experiência e poder. Essa configuração social tem promovido a Revolução da Informação, que se caracteriza pela aplicação do conhecimento e informações para geração de novos conhecimentos, dispositivos e de processamento da comunicação.

Devido a essas profundas transformações no processo de produção, distribuição e consumo de conteúdos, a sociedade deixa de estar centrada nos bens físicos para se estabelecer como uma sociedade baseada em informação e conhecimento. Esse fato desloca um grande número de pessoas que, até então, limitava-se ao papel de receptores e reprodutores de conteúdo para o papel de produtores. E, ao pensarmos nas populações mais jovens, os chamados nativos digitais, esse cenário assume um outro patamar: boa parte desse grupo já se estabelece no mundo como produtor ativo de conteúdo nos mais diversos formatos.

Dito isso, é importante salientar que à escola cabe um papel importante. Ela precisa apropriar-se da responsabilidade de inserção, orientação e mediação da comunidade acadêmica nessas novas práticas sociais, promovendo a chamada Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012), uma vez que vivemos imersos em uma multiculturalidade. A inserção das TICs no ambiente acadêmico torna-se, portanto, importante para contribuir com o processo de formação de indivíduos para que sejam capazes de atuar em sociedade com autonomia e criticidade. Dentre as inúmeras possibilidades da implementação do uso da tecnologia na educação, a aplicação de estratégias pedagógicas com e na *web* tem demonstrado ser viável e enriquecedora, uma vez que o jovem educando já se encontra familiarizado com a linguagem e o ambiente virtual.

A partir de um viés antropológico, Pierre Lévy analisa o espaço virtual, sob o nome de Cibercultura (1999), dando o *status* a essas tecnologias de Tecnologias da Inteligência (1993), uma vez que os sistemas cognitivos se alteram em prol de uma inteligência coletiva. Isso significa que, a partir do uso dos recursos tecnológicos, especialmente os recursos da Cibercultura, o indivíduo se apropria e produz informações na interação com o outro. Essa apropriação não diz respeito a simples atuações no mundo digital, como uma digitação ou busca de informações em um buscador como o Google, por exemplo, mas ao processo de construir conhecimento e criar soluções inovadoras para as situações que lhe são apresentadas.

No contexto educativo tem se tornado urgente a necessidade da inserção das TIC's para a promoção de práticas de letramento. Como indicam Teixeira e Moura (2012, p. 55), há uma necessidade atual de “(re)pensar” o letramento a partir da cultura do papel para uma coexistência com a cultura da tela e outras tecnologias para a escrita e leitura.

Apesar da internet comercial já ter pouco mais de vinte anos no Brasil, o tema do letramento digital é muito novo. Na verdade, o próprio uso do termo letramento é relativamente recente no país. Desde meados da década de 1980, vários pesquisadores brasileiros levantaram a questão sobre a nomeação de alfabetizado para aqueles que detinham a tecnologia do ler e escrever e, apesar de estarem criando volumes e índices de alfabetização que têm sido anunciados pelos órgãos públicos, não se percebe efetivamente condições adequadas de práticas de leitura e escrita. Desde então, tem-se ascendido a defesa sobre o letramento, que identifica a aquisição da linguagem como uma prática social e evidencia-se que a aquisição e o domínio da linguagem, principalmente a escrita, provocam transformações no desenvolvimento humano, na medida em que se tornam possíveis a exposição de ideias, o desenvolvimento da imaginação, o raciocínio crítico e reflexivo.

Como uma prática social, o letramento considera a necessidade dos indivíduos dominarem um conjunto de informações e habilidades mentais que devem ser trabalhadas pelas instituições de ensino com o objetivo de estimular a autonomia e a capacidade crítica e reflexiva. O ambiente virtual é propício para o estímulo a essa autonomia dos estudantes, pois fazem parte das características da *web* 2.0 o hipertexto, a interatividade, a colaboração e a autoria. Uma das vantagens de utilização das ferramentas *web* como recursos didáticos é o fato do aluno já estar inserido nesse ambiente. Cabe ao professor, no contexto da educação formal, canalizar tal interesse para os conteúdos pré-estabelecidos com estratégias diferenciadas e criativas. Ramal (2002) propõe uma cibereducação integradora, com a qual a escola se torna híbrida, integrando aluno e tecnologia. A tecnologia, que nesse trabalho refere-se às TICs, ao ser inserida no contexto da educação, apresenta novos desafios, mas também possibilidades de

grandes resultados. Um deles é o desenvolvimento da autonomia do aluno, na medida em que o uso de ferramentas digitais, sob orientação do docente, possibilita que ele busque e construa seu conhecimento. Mesmo entendendo que outras estratégias educativas também sejam capazes de promover tal autonomia, o uso das tecnologias digitais é favorecido pela imersão dos alunos no contexto das tecnologias digitais. Nesse sentido, Soares (2002) indica que o letramento digital é “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (SOARES, 2002, p. 151).

Entre os gêneros digitais que potencializam o letramento digital está o *blog*. No início de sua existência os *blogs* funcionavam como diários virtuais, mas, com o passar do tempo, ganharam novas funcionalidades e tornaram-se importantes veículos de produção de conteúdo segmentado. Dentre as principais vantagens em utilizá-lo está a facilidade de se produzir textos sem a necessidade de se ter conhecimento em programação, seu caráter multimidiático e a alta capacidade interativa e colaborativa. Diante dessas características, o *blog* passou a ser utilizado também como recurso pedagógico pela capacidade de estimular a autonomia estudantil e contribuir para o letramento digital. Silva (2009) afirma que o uso do *blog* na educação, enquanto interface de colaboração e interação social, representa uma possibilidade de promoção de uma aprendizagem construída de forma colaborativa, pelo fato de aproximar os aprendizes do conhecimento, bem como de outros aprendizes através das experiências interativas. E, diferentemente de outras estratégias pedagógicas, a utilização dos *blogs* amplia a capacidade comunicativa do aluno para além da sala de aula, uma vez que aquilo que ele publica poderá ser visualizado por qualquer pessoa com acesso à internet, em qualquer lugar do mundo.

E foi com esse intuito que, desde 2006, utilizamos essa estratégia na prática docente no ensino superior. As experiências nas disciplinas ministradas em cursos de graduação ao longo de alguns anos, com a utilização de *blogs* educativos para estimular os alunos a leitura e a escrita, levavam-nos a observar que, com suas produções, os alunos demonstravam um interesse maior pelos conteúdos ministrados, uma vez que precisavam ouvir, discutir, ler e escrever. E essa observação empírica suscitou o surgimento do problema que norteou o nosso trabalho de pesquisa: quais as potencialidades dos *blogs* como ferramentas didático-pedagógicas para o processo de aprendizagem de alunos do ensino superior?

Obviamente que, após todos esses anos utilizando o *blog* na prática acadêmica, algumas hipóteses já haviam sido levantadas e careceriam de verificação. Acreditávamos que a criação de *blogs* e sua atualização constante seriam capazes de estimular a aprendizagem dos alunos, uma vez que, para escrever, eles precisam aprofundar as leituras acerca das temáticas propostas

pelo professor. E essa atualização constante levaria os alunos a um contato maior com a prática da escrita. Tínhamos, ainda, a hipótese de que o *blog* seria capaz de incentivar a autonomia dos alunos, possibilitando-os escrever sobre temas correlatos ao curso, mas que não fariam parte das temáticas obrigatórias propostas pela docente. Assim, o aluno passaria a ser protagonista da sua formação, assumindo para si a responsabilidade antes dada, quase que exclusivamente, ao professor.

Agora, com caráter científico, realizamos a presente pesquisa e pretendemos apresentar os reais resultados da implantação dessa estratégia de ensino para a melhoria do processo de aprendizagem, estímulo à prática da escrita e o incentivo à autonomia dos alunos. Nosso objetivo com este trabalho foi, portanto, analisar as potencialidades do uso de *blogs* em estratégias de Letramento Digital quanto ao favorecimento do processo de aprendizagem dos alunos de graduação. Objetivamos, também, verificar se o uso de *blogs* é capaz de favorecer a autonomia do aprendiz nos alunos e se eles se aproximam da prática da escrita. Além disso, almejamos avaliar a viabilidade do uso de *blogs* em estratégias educativas no Ensino Superior. A partir desses objetivos, nossa pretensão foi a de contribuir com a comunidade acadêmica, apresentando o *blog* como uma possibilidade de enriquecimento da prática pedagógica.

Para a realização deste estudo, estivemos inseridos no grupo pesquisado como professora da disciplina de um curso de graduação, durante um semestre letivo, com a utilização da metodologia da pesquisa-ação, ou seja, na condição de professora fizemos parte no grupo pesquisado, mas, ao mesmo tempo, lançamos o olhar investigativo sobre o objeto desta pesquisa com o rigor científico-metodológico necessário. Os procedimentos consistiram na criação de *blogs* educativos individuais que tiveram de ser atualizados periodicamente sob a orientação e condução da docente, conforme os conteúdos curriculares iam sendo ministrados em sala de aula. Durante o semestre, observamos o comportamento dos sujeitos com relação ao objeto (*blog*) proposto, criando relatos aprofundados das situações vivenciadas. À medida em que os conteúdos iam sendo ministrados, a turma recebia indicações de leituras e, após realizadas, todos os alunos postavam os textos reflexivos correspondentes ao conteúdo em seus respectivos *blogs*. Além disso, foram estimulados a, de maneira autônoma, atualizarem suas páginas com a produção de textos referentes à disciplina, mas sem a indicação direta do professor.

Além da análise dos resultados da criação e produção textual nos *blogs*, a pesquisa também contou com a aplicação de uma entrevista que teve o objetivo de medir a percepção do aluno sobre a experiência relatada anteriormente e também sobre sua avaliação a respeito da

qualidade da aprendizagem após ela. Mais detalhes dessa metodologia serão apresentados no capítulo quatro.

Entendemos que este estudo se torna uma importante contribuição científica, na medida em que pretende apresentar o *blog* como estimulador da aprendizagem de estudantes do Ensino Superior. Como já apresentado, a Revolução da Informação (CASTELLS, 1999) se caracteriza pela aplicação do conhecimento e informações para geração de novos conhecimentos, dispositivos e de processamento da comunicação. Os participantes dessa pesquisa estão inseridos no grupo social que tem acesso e usufrui das TIC's. Portanto, a escola (em todos os níveis) deve apropriar-se da responsabilidade de inserção, orientação e mediação da comunidade acadêmica nessas novas práticas sociais. Dessa forma, é nossa intenção contribuir com a comunidade acadêmica, apresentando o *blog* como possível ferramenta didático-pedagógica relevante no processo de ensino-aprendizagem.

A estrutura dessa dissertação está assim organizada:

No **capítulo dois**, faremos uma abordagem sobre o Hipertexto na Educação, explicando sobre o seu surgimento e como evoluiu com o desenvolvimento das próprias tecnologias digitais, para, posteriormente, apresentarmos seu conceito e características a partir dos principais autores que tratam sobre esse tema, a exemplo de Pierre Levy (1993; 1999), Theodor Nelson (1993), Ingedore Koch (2009) e Antonio Carlos Xavier (2002), dentre outros. E, finalmente, ainda no capítulo 2, falaremos sobre a relação do hipertexto com o Letramento Digital e o papel da tecnologia para o favorecimento dos processos educativos.

No **capítulo três**, dissertaremos especificamente sobre o *blog*, analisando-o como um hipergênero textual e como uma possibilidade de enriquecimento dos processos de aprendizagem. Iniciaremos nossa abordagem apresentando sua origem e conceituação, bem como o *blog* como gênero, para, em seguida, discorrermos sobre seu papel nos processos educativos.

A partir dessa abordagem teórica, indicaremos, no **capítulo quatro**, a trajetória metodológica que decidimos seguir, apresentando os caminhos de pesquisa que traçamos através do método científico da pesquisa-ação.

E, finalmente, no **capítulo cinco**, faremos a análise dos *blogs* selecionados. É o momento de entendermos o papel que a escrita nos *blogs* tem para o processo educativo de estudantes do ensino superior.

Na **conclusão**, identificaremos as contribuições que os *blogs* produzem para a prática pedagógica e as respostas alcançadas para os nossos questionamentos de pesquisa e, assim, apresentaremos nossa contribuição para o campo acadêmico e científico.

Desejamos, por último, que nosso trabalho possa inspirar outros pesquisadores que se interessem pelas temáticas aqui abordadas, mesmo entendendo que há muito mais a se produzir para além do que fizemos. É com esse desejo que passamos a apresentar os capítulos que se seguem.

2 O HIPERTEXTO NA EDUCAÇÃO

As tecnologias digitais têm passado por um processo de grande valorização na sociedade do século XXI, especialmente pelo seu alto potencial de produzir, armazenar e disseminar informações. Tal capacidade contribui para a transformação dessa mesma sociedade nos mais diversos contextos e, em especial, na Educação. Vários estudos atuais têm demonstrado que o uso de computadores, *smartphones* e *tablets* em processos educativos pode ampliar o contato dos alunos com os conteúdos curriculares e extracurriculares, potencializando a aprendizagem. Um dos principais pesquisadores a fazer tal defesa é o professor da Faculdade de Educação de Harvard, Christopher Dede (2007), que afirma ser possível, através do uso de dispositivos digitais móveis, a integração do mundo dentro e fora da escola. No entanto, enfatiza que o potencial das tecnologias na educação só será alcançado na medida em que houver projetos pedagógicos consistentes, caso contrário, o uso de tecnologia perde o sentido.

Diante desse cenário, os ambientes escolares (em todos os níveis) precisam se apropriar de um novo e importante papel. Passa, agora, a também ser responsabilidade das Instituições de Ensino a inserção, orientação e mediação da comunidade acadêmica nessas novas práticas sociais, promovendo a chamada Pedagogia dos Multiletramentos (ROJO, 2012), uma vez que vivemos imersos em uma multiculturalidade. Nesse contexto, torna-se imprescindível a inserção das TIC's no espaço escolar, potencializando, dentre outras coisas, a produção textual em ambientes digitais.

A partir da década de 1990 e até os dias atuais, vivemos na transição de uma aprendizagem centralizada na figura do professor e do livro didático para uma aprendizagem flexível, interativa e colaborativa. Lévy (1993) enfatiza que paisagens inéditas e distintas estão emergindo diante de pessoas pré-dispostas a aprenderem e a produzirem novos conhecimentos, por meio das ferramentas digitais.

Neste capítulo, pretendemos discutir de que maneira o hipertexto pode contribuir para o processo de aprendizagem, especialmente por meio das características de interatividade e colaboração que apresenta, contribuindo, portanto, para o letramento digital. Para isso, o dividimos em seções, nas quais, inicialmente, apresentaremos a evolução histórica do hipertexto, bem como os conceitos e suas características, para, posteriormente, discutir sobre o papel do hipertexto para o letramento digital.

2.1 Hipertexto: o texto em evolução

Para abordarmos a história do hipertexto, é importante o fazermos sob a perspectiva da própria evolução da escrita, a qual, desde sua invenção, passou a fazer parte do cotidiano de diversas sociedades e atraiu para si importância fundamental tanto para o estabelecimento das relações humanas quanto para o entendimento delas. Uma vez que o hipertexto não nasceu com a internet; mesmo que grande parte de suas definições remetam à sua utilização na *web*, é importante apresentarmos sua história em consonância com a história da escrita.

Fischer (2009) enfatiza que as mudanças pelas quais a escrita passou e passará são feitas a fim de atingir uma série de objetivos específicos e ressalta que “pequenas mudanças constantes em um sistema de escrita ao longo de vários séculos, e mesmo milênios, resultarão em enormes diferenças e uso dessa escrita mais tarde” (FISCHER, 2009, p.15), e isso implica dizer que a mínima alteração na escrita acontece em consonância com alguma alteração social e ela impactará as sociedades futuras em seu modo de escrever. Segundo o autor,

A arte na pedra sempre possuiu um repertório de símbolos universais: antropomorfos (imagens humanizadas), flora, fauna, o sol, estrelas, cometas e muito mais, incluindo incontáveis desenhos geométricos. Na maior parte, eram reproduções gráficas de fenômenos comuns do mundo físico. Ao mesmo tempo, elementos mnemônicos eram usados em contextos linguísticos também, como registros com nós, pictográficos, ossos ou paus entalhados, bastões ou tábuas com mensagens, jogos de cordas para cantos, seixos coloridos etc. ligando objetos físicos com a fala. Por milhares de anos, a arte gráfica e esses elementos mnemônicos se desenvolveram em certos contextos sociais (FISCHER, 2009, p.15).

O surgimento da escrita acontece, não por coincidência, quando o homem deixa de ser nômade para se tornar sedentário e, assim, cultivar seu próprio alimento e criar seus animais. A fim de organizar essas novas práticas de subsistência, desenvolveu um recurso para registrar seus bens e a quantidade de alimento estocado, como explica Levy (1993, p.87): “O nascimento da escrita está ligado aos primeiros estados burocráticos de uma hierarquia piramidal e as primeiras formas de administração econômica centralizada em impostos e gestão de grandes domínios”. Também para Barbosa, a escrita é um “marco de passagem da pré-história para a história” (BARBOSA, 2013, p. 13) e seu desenvolvimento está associado ao desenvolvimento político-cultural e econômico de um povo, constituindo-se um sistema de intercomunicação humana por meio de signos convencionais visíveis.

Os primeiros registros do uso de ideogramas e fonemas datam por volta de 3000 a.C, na Mesopotâmia. No Egito, também nesse período, já eram usados papiros e tintas rudimentares

para representação de signos na comunicação escrita. Muitos séculos depois, surgiram o alfabeto norte-semítico na Ásia Ocidental, as escritas cuneiforme e Aramaica, na Síria e Oriente -próximo, respectivamente, e o alfabeto grego, entre os anos 1000 e 900 a.C (FISCHER, 2009). Para Barreto (1998), a passagem da cultura tribal para a escrita promoveu uma transformação tão profunda para a sociedade na mesma medida em que vivenciamos a passagem da cultura escrita para a eletrônica/digital. É importante lembrar que a Biblioteca do Museu de Alexandria, criada no século III a.C, tinha a ambição de reunir em um só lugar todo o conhecimento do mundo e foi nesse período que surgiu o pergaminho como uma outra opção de suporte para a escrita.

O papel surgiu na Europa, entre os séculos XIII e XV, sendo este o marco para a Revolução da Imprensa, em que o invento de Gutenberg leva o mundo da era dos manuscritos para a era do papel impresso. Nesse momento, possibilita-se à leitura e à escrita tornarem-se atividades individualizadas e a produção e interpretação do conhecimento não ficariam mais restritas aos religiosos. Isso levou a sociedade a uma profunda transformação, contribuindo para a extensa disseminação do conhecimento e potencializando as interações entre escritores e leitores, permitindo-os partilharem dos conteúdos sem necessariamente compartilharem do mesmo tempo e espaço. Levy(1993, p.83) afirma que “a comunicação puramente escrita elimina a mediação humana no contexto que adaptava ou traduzia as mensagens vindas de um outro tempo ou lugar” e em seu conceito sobre Hipertexto, denomina-o como um conjunto de nós ligados por conexões.

Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível, porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LEVY, 1993, p. 33). Conceituaremos o hipertexto com maior aprofundamento na próxima seção, apresentando também suas características.

Essa ideia da escrita hipertextual pode ter sido originada por volta dos séculos XVI e XVII, com as chamadas marginalias, espécie de índices pessoais, citações e remissões a outros trechos feitas pelos leitores dos livros, que eram anotadas nos cantos das páginas. Tais marcações eram, posteriormente, transcritas para um caderno público e acessado pelos visitantes das bibliotecas (PRIMO & RECUERO, 2004). E, muitas vezes, essas anotações é que eram utilizadas pelo público, uma vez que, na Idade Média, boa parte dos livros estava trancada

em salas privadas, restritas ao clero. Podemos ainda citar Leonardo da Vinci como um modelo de produção hipertextual. Como cita Maria Clara Aquino:

Um dos exemplos do uso passado da escrita hipertextual é Leonardo da Vinci (1452-1519), que realizava anotações nas margens das páginas de seus escritos. Manuscritos do artista, que pretendia escrever um livro sobre as propriedades físicas e os efeitos geográficos da água, datados de 1508, foram encontrados na Itália pelo colecionador de arte inglês Thomas Howard. Em 1681 Henry Howard, neto de Thomas, presenteou a Royal Society com os documentos, que posteriormente foram transferidos para o Museu Britânico em 1831 (AQUINO, 2015, p.03).

No século XVIII, as bibliotecas desenvolveram um modo hipertextual de organização de suas obras. Consistia em usar fichas catalográficas, classificadas em ordem alfabética ou por meio de índices gerais em árvores. Tais fichas tinham por objetivo facilitar o acesso e busca de informações.

Possibilitada pelo desenvolvimento da eletricidade, lentamente migramos da era unicamente do papel para a Revolução Tecnológica, em que o texto encontra outros suportes. Nesse período, inventos influenciaram a comunicação, como a criação do daguerreótipo, em 1837, e, nos anos subsequentes, do telégrafo, telefone, rádio, entre outros.

O modelo do hipertexto similar ao que conhecemos hoje começa a tomar forma no século XX, com o físico e matemático americano Vannevar Bush, em 1945, com o Memex, o antecessor do computador pessoal. Coordenando uma grande equipe na Agência de Desenvolvimento e Pesquisa Científica do Governo Norte Americano, Bush desenvolveu uma forma de organizar a enorme quantidade de dados que deveriam ser armazenados e disponibilizados para uma consulta rápida e eficiente por outros pesquisadores.

Bush concebia que na leitura fazia-se necessário recorrer ao individual, resgatando pensamentos transitórios e reações a textos anteriores. Além disso, acreditava na necessidade de uma tecnologia virtual para a aplicação de seus preceitos, e sob essas duas crenças de Bush baseia-se a ideia original do hipertexto. Lévy (1993) afirma que:

[...] para Vannevar Bush, a mente humana não funciona dessa forma, mas sim através de associações. Ela pula de uma representação para outra ao longo de uma rede intrincada, desenha trilhas que se bifurcam, tece uma trama infinitamente mais complicada do que os bancos de dados de hoje ou os sistemas de informação de fichas perfuradas existentes em 1945. Bush reconhecia não ser possível duplicar o processo reticular que embasa o exercício da inteligência. Ele propunha apenas que nos inspirássemos nele. Imaginou então o dispositivo, que denominou Memex, para mecanizar a

classificação e a seleção por associação, paralelamente ao princípio da indexação clássica (LEVY, 1993, p. 28).

Santaella (2003, p. 92) explica que Bush descreveu o primeiro sistema hipermídia com o objetivo de lidar com a explosão do conhecimento científico no período da segunda guerra mundial. O que Bush fez com o Memex foi criar trilhas associativas que possibilitassem o acesso às informações através da relação, da conexão entre os assuntos. Mas, até então, o termo hipertexto ainda não havia sido mencionado.

Conforme nos informa Castells (2003), por volta de 1969, a internet surgiu sob o nome ARPANET, um projeto da Secretaria de Defesa dos Estados Unidos para os fins da Guerra Fria, objetivando a troca segura de informações entre as bases e aliados americanos. O surgimento da rede interativa de computadores foi resultado de pesquisas realizadas conjuntamente entre órgãos governamentais, universidades e centros de pesquisa. Por possuir uma arquitetura de protocolos abertos, a rede permitia a participação de diversos usuários em seu desenvolvimento e aperfeiçoamento. Um dos pesquisadores de maior importância, nesse período, foi Theodor Nelson. Em seu projeto, intitulado Xanadu, o pesquisador demonstrou as experimentações do matemático Vannevar Bush para apresentar o modelo textual da internet, configurado por meio de hiperconexões chamadas de nós ou *links* e nomeado de Hipertexto. Posteriormente, com o objetivo de tornar a interface de acesso às informações mais amigável, Tim Berners-Lee criou a *Word Wide Web* (WWW), um sistema de hipertexto no qual informações poderiam ser acrescentadas pelos usuários e acessadas por computadores que estivessem conectados à rede. Após o fim da Guerra Fria, o governo disponibilizou a tecnologia da ARPANET para universidades e outros centros de pesquisa e, apenas na década de 90, ela se tornou acessível à população de maneira comercial, já sob o nome de Internet e com um sistema de comunicação flexível e descentralizado.

O ambicioso Projeto Xanadu, de Theodor Nelson, apesar de nunca ter saído do papel, pretendia unir livros, enciclopédias, jornais, revistas, documentos particulares e corporativos, enfim, todas as publicações do mundo, disponibilizando-as para acesso dos leitores de forma interligada. Da mesma forma que Bush, Theodor Nelson pretendia que as informações, ligadas umas às outras, pudessem ser acessadas de forma arbitrária e não de forma sequencial.

Com a criação da interface da internet, com o WWW, a aplicação da prática hipertextual conseguiu ser alcançada de forma similar ao que pretendia Nelson e Bush. Em 1991, a *web* foi criada na Suíça pelo pesquisador Tim Berners Lee que concebeu o WWW como uma linguagem

que serviria para conectar as informações dos computadores com uma interface intuitiva, acessível aos usuários comuns.

Com a expansão da rede, no primeiro momento através das universidades, o compartilhamento de informações começa a ganhar grandes proporções e sua evolução costuma ser apresentada pelos pesquisadores a partir de três importantes marcos: a *Web 1.0.*, *Web 2.0* e *Web 3.0* ou *Web Semântica*.

A *Web 1.0* corresponde ao início do período comercial (1993-2000), caracterizada, principalmente, pela falta de participação interativa do usuário com o conteúdo. A *Web 2.0*, por sua vez, é marcada pela criação de espaços colaborativos de produção de conteúdo a partir do ano de 2003 e em voga na atualidade. Por ter como uma das principais características a interatividade, a *Web 2.0* também é chamada de a Era Social, fortalecida pelo surgimento das mídias sociais. O termo *Web 2.0* foi criado pelo especialista no setor Tim O'Reilly, classificando essa nova forma de utilizar a internet como uma “*web* como plataforma”.

A *Web 3.0* está em seu período inicial de formatação e corresponde a uma internet que utiliza de inteligência artificial para armazenamento e uso de dados de navegação para geração de experiências personalizadas. O termo *Web 3.0* foi criado pelo jornalista John Markoff, do New York Times, baseado na evolução do termo *Web 2.0* criado por O'Reilly, em 2004. Outras denominações desse mesmo momento são “*Web Semântica*” ou “*Web Inteligente*”.

Todas essas transformações da *web* impactaram profundamente o modo de produção e acesso ao conhecimento, criando o que Castells (1999) chama de Sociedade da Informação, caracterizada por: informação como matéria-prima, efeitos das novas tecnologias com alta penetrabilidade, predomínio da lógica de redes, flexibilidade e crescente convergência de tecnologias.

2.2 Hipertexto: conceito e características

Apesar de parecer recente, o hipertexto é tão antigo quanto o próprio texto escrito. Etimologicamente, a palavra é construída com base no radical grego Hiper, que significa “além”. Logo, já é possível inferir um possível rompimento com o conceito de linearidade, atribuído como antônimo do significado da palavra. Desde o surgimento da escrita, o homem foi além da linha, como veremos na seção seguinte sobre a história do hipertexto. Mas o termo só surgiu na década de sessenta, criado pelo pesquisador Theodor Nelson, nos Estados Unidos. Em *Literary Machine* (1993), Nelson assim o conceitua:

Trata-se de um conceito unificado de ideias e de dados interconectados de modo que podem ser editados sobre o computador. Uma instância com a qual se pode religar as ideias e os dados, evidenciando a dupla vocação do Hipertexto: um sistema de organização de dados e um modo de pensar (apud XAVIER, 2002, p.24).

No primeiro conceito, Nelson associa o hipertexto diretamente ao suporte do computador; já no segundo, ele apresenta o termo como uma metáfora do pensamento humano. Este último encontra eco em outros pesquisadores, como Pierre Levy, filósofo francês e o mais famoso entusiasta do hipertexto, estando presente em quase todas as obras que se propõem a falar sobre esse tema. Para ele, o hipertexto é a metáfora do mundo sem barreiras (1999) em que textos e pessoas estão ligados em um sentido que ultrapassa a técnica da informática e assume caráter social e cultural.

Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos, que podem, eles mesmos, ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível, porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira (LEVY, 1993, p. 33).

Para Levy (1996, p. 40), o hipertexto é uma “matriz de textos potenciais” que só se realiza na interação com o outro. O que o diferencia de um texto impresso é que a não-linearidade, característica importante do hipertexto, resulta em múltiplas possibilidades de leitura, dando ao leitor certo poder na construção de sentido, equiparado ao de autor. Isso fica claro quando Levy (1996, p. 41-42) afirma que o hipertexto é o produto da leitura e o “ato de leitura é uma atualização das significações de um texto, atualização e não realização”. Assim como Levy, Koch (2009) eleva o leitor de hipertextos ao patamar de coautor do texto, uma vez que, segundo ela, o hipertexto possibilita a opção de diferentes caminhos e diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento de um tema.

Também sob o princípio da não-linearidade, a pesquisadora Snyder (apud XAVIER, 2002) assim define hipertexto:

É um medium de informação que existe apenas on-line num computador. É uma estrutura composta de blocos de textos conectados por nexos (links) eletrônicos que oferecem diferentes caminhos para os usuários. O Hipertexto providencia um meio de arranjar a informação de uma maneira não-linear

[sic]; tendo o computador como o automatizador das ligações de uma peça de informação com outra. Quando a estrutura hipertextual acomoda não apenas texto impresso, mas também sons digitalizados, gráficos, animações e realidade virtual, é também designado como hipermídia ou multimídia (SNYDER, apud XAVIER, 2002, p. 25).

A autora enfatiza que o hipertexto não existe fora do computador, uma vez que necessita de hiperlinks para sua viabilização. Porém, autores como Pierre Levy (1993) refutam essa ideia, pois postulam a presença da não-linearidade em obras como enciclopédias, dicionários, fichários etc. Mesmo não havendo unanimidade sobre tal conceito, aqui nos interessa o hipertexto presente nos suportes digitais e que Xavier (2002, p. 29) apresenta como “o espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido”. Para ele, há diferenças entre a característica da não-linearidade e a descontinuidade da leitura (discorreremos sobre isso mais à frente, nas páginas 27 e 28). Esse espaço virtual seria a constituição de mais uma tecnologia de enunciação, com sua própria maneira de dispor, compor e superpor, entrelaçadamente, na tela digital, os recursos semióticos de natureza linguística e não linguística. O autor reforça que

ao amalgamar esses recursos semiolinguísticos e preservar, isonomicamente, o valor sógnico de cada um deles para a construção geral do sentido, o modo de enunciação digital efetuado no Hipertexto tende a produzir, em seus hiperleitores, percepções jamais antes experienciadas em qualquer outro modo de enunciação analógico (XAVIER, 2002, p. 29).

Para Koch (2009), o hipertexto “constitui um suporte linguístico-semiótico hoje intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais desterritorializadas” (KOCH, 2009, p. 63). A autora corrobora o pensamento de Marcuschi (1999), ao afirmar o caráter multilinearizado, multissequencial e não determinado do hipertexto presente em um novo cenário: o ciberespaço.

Também sob a perspectiva dos estudos linguísticos, Marcuschi (1999) define o hipertexto “como um tipo de escritura”, ou seja, para ele, é uma forma de organização cognitiva e referencial, com princípios que formam conjuntos de possibilidade estruturais que rompem padrões de linearidade em alguns níveis. E é sob essa natureza que o autor (MARCUSCHI, 1999, p. 02) apresenta as características do hipertexto, a seguir elencadas:

- a) *Não-linearidade*: considerada a característica central do hipertexto, ela permite uma navegação entre os nós que constituem a rede de maneira flexível;

- b) *Volatilidade*: o hipertexto não é estável e as escolhas que os leitores fazem nele são passageiras porque ele é um fenômeno eminentemente virtual e suas propriedades decorrem dessa virtualidade;
- c) *Topografia*: Não há hierarquia na produção de conteúdo do hipertexto. Ele se constitui como um espaço de escritura e leitura que não possui limites para seu desenvolvimento.
- d) *Fragmentariedade*: um conteúdo hipertextual está sempre ligado a outros fragmentos de textos, o que não permite ao autor ter controle sobre os caminhos que seus leitores irão percorrer na leitura.
- e) *Acessibilidade Ilimitada*: o hipertexto não apresenta limites quanto ao tipo de ligação que pode estabelecer na rede. Ele pode conter e acessar qualquer tipo de fontes, sejam elas dicionários, vídeos, fotos, obras científicas, literárias, etc.
- f) *Multisemiose*: o hipertexto possibilita a integração de múltiplas linguagens, simultaneamente. Por exemplo, é possível interconectar uma música com um texto escrito ou um vídeo com uma foto e qualquer outro tipo de linguagem verbal e/ou nãoverbal.
- g) *Interatividade*: Propiciada pela multisemiose, pela acessibilidade ilimitada e, principalmente, pela relação de um leitor-navegador com múltiplos autores em quase sobreposição em tempo real.
- h) *Interatividade*: Essa é um outro tipo de interatividade presente no hipertexto e que consiste na natureza intertextual, possibilitada pelo recurso de integração de textos ou fragmentos de textos.

Tais características formam o que Marcuschi (2001, p. 83) chama de “rede de múltiplos segmentos textuais conectados”, não necessariamente lineares, em que o leitor tem maior liberdade para escolher os caminhos a navegar pelo hipertexto. E essa liberdade, ligada à falta de linearidade, exige do leitor maior noção de coerência de forma mais aberta e interativa.

Para Koch (2009), esse leitor traz das leituras de textos impressos suas competências textuais para a leitura e interpretação do hipertexto. Ao apresentá-lo como um evento textual-interativo, a autora reforça a possibilidade que o hipertexto possui de ampliar a interlocução com diversos leitores, uma vez que a conexão em rede retira a limitação de interlocutores. Sobre isso ela diz que, dentre as características do hipertexto, é relevante destacar o fato de não haver limitação do interlocutor. Qualquer um pode estabelecer a interação com o autor do hipertexto e se tornar coautor, pela interação.

Ao caracterizar o hipertexto, Xavier (2002) objetiva apresentar as diferenças entre texto e hipertexto, a fim de demonstrar as potencialidades desse último para o processo enunciativo. Assim, para ele (2002, p. 30-36), o hipertexto possui as seguintes características:

- a) *A imaterialidade*: o hipertexto não pode ser tocado.
- b) *A Confluência de modos enunciativos*: ao contrário do texto, o hipertexto possibilita a existência de outros tipos de textualidade, além da escrita.
- c) *A Nãolinearidade*: Xavier diferencia a questão da nãolinearidade ou deslinearidade em relação ao que chama de descontinuidade. Para ele, a primeira diz respeito exclusivamente ao hipertexto, uma vez que diz respeito ao dispositivo material e não ao discurso. Já a segunda, oferece alternativas ao leitor para quebrar a linearidade da leitura em qualquer suporte de texto.
- d) *A Intertextualidade infinita*: O hipertexto acentua a função e as vantagens da intertextualidade. Nele, os links ligam diversos textos e as “memórias discursivas” presentes, ou seja, eles conduzem instantaneamente os leitores a qualquer tipo de conteúdo que esteja indexado à rede e, dessa forma, permitem a vinculação e associação intertextual sem fim.

As características apresentadas por Xavier reforçam seu conceito de hipertexto como um modo de enunciação digital, com a superposição e integração de vários outros modos de enunciação em um mesmo suporte digital de leitura. Esses modos de enunciação são, segundo o autor, todas as formas de expressão e comunicação desenvolvidas pelo homem ao longo do tempo e que se encontram na tela do computador, espaço definido para a existência do hipertexto.

Ao conceituar e caracterizar o hipertexto, Xavier (2002) o faz sob a perspectiva sociointeracionista, considerando a linguagem “uma forma de interação com o outro, na presença, ainda que virtual, de um tu que partilha a interlocução com um eu, de onde partem as ações linguísticas dirigidas ao tu que reage assumindo uma atitude responsiva ativa” (XAVIER, 2002, p.12). Assim, no contexto da educação, o pesquisador invoca a necessidade de se pensar o letramento digital em uma “conspiração” contra a perspectiva de ensino/aprendizagem como preenchimento de espaços vazios em mentes *tabula rasa*. Ao contrário, o educador não pode enxergar o aluno como um simples depósito de informações a ser preenchido, mas considerar suas experiências e interações e promover, entre outros tipos de letramento, o letramento digital, assunto da nossa próxima seção.

2.3 Hipertexto e o letramento digital

As profundas transformações pelas quais passam a sociedade evocam o desenvolvimento de novas práticas sociais nas mais diversas instituições. No entanto, não é raro observarmos que as escolas, em seus diferentes níveis (básico e superior), permanecem com seus modelos pedagógicos e sua estrutura rígida, na contramão do desenvolvimento tecnológico, social e cultural. Ao mesmo tempo, cresce o número de pesquisas realizadas no âmbito da educação brasileira que apresentam dados preocupantes quanto às dificuldades apresentadas por crianças e jovens relacionadas às práticas de leitura e de escrita. Nesse contexto, também tem crescido a ênfase ao incentivo das práticas de letramento como alternativa eficaz para melhoria do ambiente escolar como espaço incentivador da aprendizagem a partir da realidade do aluno.

Cagliari (2004) afirma que muitas atividades relacionadas à escrita e à leitura, propostas pela instituição escolar, não apresentam significados para o estudante, uma vez que estas têm objetivos que não encontram eco nos anseios deles como práticas sociais. E, considerando a realidade chamada por Levy (1999) de a “era da informação”, torna-se emergente a necessidade de compreender as funções sociais da leitura e da escrita não apenas no tradicional contexto do texto impresso, mas nas mais diversas formas midiáticas, especialmente naquelas realizadas no computador, uma vez que estas têm alcançado adesão do público estudante e, mais do que isso, provocado transformações no conceito de tempo e espaço e dado acesso a um grande número de informações, democratizando as relações de compartilhamento de dados. Corroborando com esse pensamento, Xavier (2002) afirma que

Da mesma maneira, a informática digital vem, rapidamente, instituindo e valorizando certas práticas e competências que, em tese, devem ser, imediatamente, adquiridas por aqueles que desejarem se integrar a este novo horizonte social, técnico e cultural que ora se inaugura. Pressupondo a cultura letrada da qual deriva e sem a qual não funcionaria, a cultura digital, também chamada por Eugene Provenzo (1992) de Pós-Tipográfica, tem ocupado cada vez mais espaço nas sociedades com alto grau de letramento e vem propondo uma substancial reorganização nos ambientes sociais, políticos, econômicos e educacionais (XAVIER, 2002, p. 50).

Tal reorganização torna-se urgente quando analisamos os espaços educativos que, na maioria dos casos, mantêm estruturas pedagógicas enraizadas em modelos tradicionais criados em tempos remotos. É preciso aprofundar os conhecimentos sobre os benefícios que o emprego

das tecnologias digitais gera, em sala de aula, para estudantes e professores. Marcuschi e Xavier (2004) afirma que “as inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral e da língua, em particular, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas emergentes no mundo” (MARCUSCHI & XAVIER, 2004, p. 7).

Tais mudanças, como qualquer outra, provocam, em seu momento inicial, dúvidas e receios nos atores sociais que as vivenciam. Não é raro presenciarmos professores atribuindo ao computador a culpa do descaso à leitura pelos alunos, ou ainda os acusarem de deslumbramento pela tela em detrimento do papel. Ribeiro (2008) afirma que “leitores habilitados compreendem textos, estejam eles no papel ou na tela, muito embora seus gestos de leitura possam passar por mudanças, leves ou incisivas” (RIBEIRO, 2008, p. 17). E é nesse contexto que a questão do Letramento Digital tem ascendido em importância nas pesquisas científicas, a fim de responder aos questionamentos sobre sua eficácia para os processos de aprendizagem, mais especificamente quanto à leitura e escrita.

Kleiman (1995) afirma que “podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p. 19). Sob esta análise, o Letramento constitui as práticas sociais de leitura e escrita presentes em eventos e suas consequências para a sociedade.

Para Soares (1998), o letramento caracteriza-se como o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais da leitura e escrita, de quem participa de eventos em que a escrita está inserida nos eventos de interação social e do processo de interpretação dessa interação. Para ela, os eventos são fundamentais para a prática do letramento, mas também afirma que há dificuldade de delimitar com precisão um conceito universal para o termo e isso “[...] deve-se ao fato de que o letramento cobre uma vasta gama de conhecimentos, habilidades, capacidades, valores, usos e funções sociais; o conceito de letramento envolve, portanto, sutilezas, complexidades difíceis de serem contempladas numa única definição” (SOARES, 1998, p. 66). A autora enfatiza que:

Embora correndo o risco de uma excessiva simplificação, pode-se dizer que a inserção no mundo da escrita se dá por meio da aquisição de uma tecnologia – a isso se chama alfabetização, e por meio do desenvolvimento de competências (habilidades, conhecimentos, atitudes) de uso efetivo dessa tecnologia em práticas sociais que envolvem a língua escrita – a isso se chama letramento (SOARES, 2004, p.90).

Já Kleiman (2007) faz uma certa crítica ao processo de ensino ao afirmar que, em muitos espaços escolares, a prática da alfabetização está desvinculada da de letramento:

A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Na escola, onde predomina a concepção da leitura e da escrita como competências, concebe-se a atividade de ler e escrever como um conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas até se chegar a uma competência leitora e escritora ideal: a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem (KLEIMAN, 2007, p. 2).

Para Britto (2004), o letramento é

um movimento mais geral, que se relaciona com a percepção da ordem da escrita, e seus usos e objetos, bem como de ações que uma pessoa ou um grupo de pessoas faz com base em conhecimentos e artefatos da cultura escrita. Sendo assim, se a noção de alfabetizado implica uma condição do tipo tudo ou nada, a de letramento (ou de alfabetismo) sugere uma multiplicidade de níveis e graus, em função do quanto o indivíduo realiza com seus conhecimentos de escrita (BRITO, 2004, p. 53).

Assim, fica claro que o letramento está relacionado aos usos efetivos que as pessoas fazem da alfabetização a que foram submetidas, mas, mesmo naqueles que não a tiveram, é possível verificar a existência de pessoas letradas a partir das experiências de letramento a que foram submetidas.

Nesse contexto, o trabalho do professor se altera, bem como os recursos pedagógicos que utiliza. Torna-se necessário, portanto, a oferta de autonomia ao professor para que ele selecione os materiais e, a partir do conhecimento das realidades em que seus alunos estão inseridos, implemente a didática e os conteúdos mais adequados. Em um cenário social globalizado, em que os indivíduos estão cada vez mais expostos a uma superinformação, mas, paradoxalmente, também em uma sociedade da sub-informação (MORIN, 1996), há a necessidade de proporcionar aos alunos a capacidade de recepcionar, hierarquizar e organizar todo esse turbilhão a que está submetido, a fim de construir e gerar conhecimento para a formação do saber coletivo. Ou, como apresenta Levy (1993), as tecnologias possibilitariam a formação de uma inteligência coletiva, pois engendram um novo modo de pensar o mundo, de entender a aprendizagem e as relações com esse mundo.

Em todo esse universo hipermediático, a educação assume um papel de extrema importância. A escola não pode estar à parte da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), mas

inserida nela, como os jovens estão. Caso contrário, corre-se o risco destes jovens substituírem a escola por outras fontes de instrução. Ramal (2002) propõe uma cibereducação integradora, em que a escola se torne híbrida, integrando aluno e tecnologia. A tecnologia, ao ser inserida no contexto da educação, traz novos desafios, mas também possibilidades de grandes resultados. Um deles é o desenvolvimento da autonomia do aluno, na medida em que o uso de ferramentas digitais, sob orientação do docente, possibilita que ele busque e construa seu conhecimento.

Paulo Freire (1996) afirma que o ensino não é transferência de conhecimento e que a educação é uma das mais ricas experiências humanas. Em *Pedagogia da Autonomia*, ele indica possibilidades aos educadores para que se estabeleçam novas condições de educabilidade. O estudante deve assumir, desde o início, o seu processo de aprendizagem como sujeito de sua formação, participando efetivamente da construção coletiva que é a educação, juntamente com o docente.

Sob essa perspectiva do estímulo à autonomia discente na construção do conhecimento, é importante refletir sobre as novas possibilidades da ação pedagógica com a língua escrita, no sentido de se repensarem metodologias de trabalho que favoreçam a formação de sujeitos letrados.

A formação desses sujeitos estaria intimamente relacionada ao contexto da autoria, na medida em que associamos as condições de autor à condição letrada, isto é, à inclusão e à participação efetivas dos sujeitos no tecido social que se constitui com o conhecimento da chamada variedade padrão da língua e da linguagem escrita (GOULART, 2011, p. 41). Goulart afirma que, no contexto da concepção de letramento, as novas tecnologias da informação se incorporam, de várias maneiras, ao espectro de conhecimentos dos diferentes sujeitos e de segmentos sociais. A escrita, de maneira especial, se mostra cada vez mais necessária para que a constituição e o uso de novos gêneros textuais, implicados nas TIC's, sejam feitos de modo crítico.

Os novos gêneros textuais, que têm emergido no contexto social das tecnologias digitais e, por isso dependem da formação de sujeitos letrados ou que se letrem no contexto da virtualidade com a variedade de suportes sociais de escrita (desde os mais tradicionais aos mais novos), fazem parte de uma rede prioritariamente de textos escritos (GOULART, 2011, p. 55).

É nesse contexto que se torna necessário conceituar Letramento Digital. Xavier (2007) apresenta o termo como a realização de práticas de leitura e escrita diferente das formas tradicionais de letramento e alfabetização: “ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos” (p. 02). Em sua tese de doutoramento, Xavier (2002) enfatiza que, à revelia das tradicionais

organizações burocráticas de ensino, o jovem encontra novos espaços de aprendizagem capazes de saciar a sede de conhecimento própria da idade, conforme salienta, abaixo:

Da geração digital surgem as comunidades virtuais. Verdadeiros nichos para onde convergem aprendizes insatisfeitos e pessoas comuns convertidas em autodidatas pela urgente necessidade de aprender imposta pelas exigências contemporâneas. Tais pessoas realizam intensas trocas de informações na rede, ensinam e aprendem mutuamente uns com os outros. Pondo em funcionamento um processo ininterrupto de geração de novos saberes resultantes dessa efervescente confluência de conhecimentos e experiências derivadas de gente comum e/ou instituições de orientação não tradicional (XAVIER, 2002, p. 54).

No entanto, Ribeiro (2008) apresenta uma preocupação relevante ao afirmar a dificuldade em conceituar o letramento digital:

Se os letramentos são vários, o termo não abarcaria todos os letramentos existentes e os ainda por inventar? Ao que nos parece, quanto mais amplo o sistema de mídias, maiores serão as possibilidades de ler, escrever e atuar por meio da escrita. Assim, nosso espectro de domínios de uso, com funções as mais diversas e suportes diferentes, também se ampliará.

Num sistema de mídias composto por livros, televisões, computadores e seus aplicativos, tratar do letramento digital distingue um domínio do letramento. “É o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)” (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005, p. 9). Por que digital? Por que não empregamos a tradução de *computer* ou de *multimedia literacy*? A opção parece, mais uma vez, depender do escopo do problema a ser tratado (RIBEIRO, 2008, p. 34).

O Letramento Digital está presente em uma série de situações de comunicação inovadoras e recentes que têm ganhado grande importância social. As possibilidades provenientes da *Web 2.0* para a Educação são muitas. O hipertexto, pelo seu caráter multimodal, pode ser uma ferramenta de aprendizagem para os estudantes de graduação, transferindo a eles a corresponsabilidade, a autonomia e a produção textual. Para Xavier (2007), as produções hipertextuais exigem novas competências, geram eventos de letramentos novos e demandam gêneros próprios. Segundo o autor, “as condições sociais, culturais e tecnológicas estão se apresentando rapidamente como favoráveis à necessidade da aquisição do letramento digital” (XAVIER, 2007, p.07). O letramento digital se apresenta na sociedade contemporânea como uma necessidade educacional e urgente. Ribeiro (2008) reforça que:

Para alcançar algum grau de letramento digital, as pessoas precisam aprender ações que vão desde gestos e o uso de periféricos da máquina até a leitura dos gêneros de texto que são publicados em ambientes *on-line* e expostos pelo monitor. Por exemplo: *sites* podem conter crônicas, anúncios de emprego,

anúncios publicitários, notícias, reportagens, ensaios, resumos de artigos científicos, os próprios artigos, etc. Em muitos casos, a diferença entre as novas mídias e os livros, por exemplo, é que impressos são mídias *unplugged*, *off-line* (RIBEIRO, 2008, p. 40).

Dessa forma, no ambiente educacional, o letramento digital amplia significativamente a potencialidade de aprendizagem através do uso de recursos tecnológicos digitais, especialmente através do hipertexto. Mas o letramento digital vai além do desenvolvimento de habilidade técnicas para uso de equipamentos e recursos tecnológicos. É preciso que o indivíduo desenvolva habilidades de análise crítica e tenha participação ativa nos processos de interação mediados por tecnologias digitais. E essa interação exige dos interlocutores referentes muito ligados à cultura digital, mas também a outros aspectos da cultura humana.

Com a internet, as relações interpessoais extrapolam as limitações geográficas e assumem dimensões mundiais. Os interlocutores da comunicação podem estar em tempos e espaços diferentes um do outro, mas a internet possibilitou, conforme pontua Ribeiro (2012), a criação de

espaços discursivos, redes de relacionamento e ambientes de aprendizagens com dimensões globais, que encurtam distâncias geográficas e temporais. [...] A aprendizagem, não mais pautada somente nas experiências das gerações, é construída através do diálogo, da mobilidade e das trocas entre os usuários (RIBEIRO, 2012, p. 35).

Esse novo ambiente de aprendizagem possibilita ao indivíduo aprender pela troca, pelo diálogo e não mais apenas pela exposição do professor, até então único detentor do conhecimento com poder de transmissão, e isso altera profundamente as relações no ambiente escolar. É como Santaella (2003) afirma: “há sempre um processo cumulativo de complexificação: uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações” (SANTAELLA, 2003, p. 25). Sobre isso, vamos discorrer um pouco mais, no item 1.4, a seguir.

2.4 As Contribuições das TIC's para a Aprendizagem

A relação do homem com a natureza sempre foi mediada pela tecnologia, mas ganhou impulso no século XX com a Revolução Tecnológica. Com ela, a sociedade se transforma significativamente, impulsionando a passagem da Sociedade Industrial para a Sociedade da Informação (CASTELLS, 1999).

Uma das principais características dessa sociedade é o processo de informatização articulado com os sistemas midiáticos de comunicação. Segundo Lima (2010), o conceito de Sociedade da Informação surgiu nas décadas de 60 e 70 do século passado, quando o computador pessoal começa a se popularizar e as empresas criam dependência sobre seu uso e, posteriormente, com a chegada da internet em caráter comercial na década de 90, conforme história já contada neste capítulo. No entanto, suas características dificultam a formulação de conceitos precisos acerca da Sociedade da Informação, conforme enfatiza Mattelart (2002):

A imprecisão que envolve a noção de informação coroará a de “sociedade da informação”. A vontade precoce de legitimar politicamente a realidade hic et nunc desta última justificará os escrúpulos da vigilância epistemológica. A tendência a assimilar a informação a um termo proveniente da estatística (data/dados) e a ver informação somente onde há dispositivos técnicos se acentuará. Assim, instalar-se-á um conceito puramente instrumental de sociedade da informação. Com a atopia social do conceito apagar-se-ão as implicações sociopolíticas de uma expressão que supostamente designa o novo destino do mundo (MATTELART, 2002, p. 73).

Reforçando a ideia de que a Sociedade da Informação tomará boa parte dos aspectos da vida humana, Mattelart (2002) decreta, conclusivamente, o fim do pensamento de *tabula rasa*, ao afirmar que “não há nada mais que não seja obsoleto. O determinismo tecnocomercial gera uma modernidade amnésica e dispensa o projeto social. A comunicação sem fim e sem limites institui-se como herdeira do progresso sem fim e sem limites” (MATTELART, 2002, p. 172).

A partir da *Web 2.0*, a Sociedade da Informação potencializou, através da interatividade, o surgimento de cidadãos ativos conectados com a fonte de informação. E, diante desse cenário, o papel das instituições de educação passa a ser questionado, uma vez que elas não têm acompanhado, com celeridade e aprofundamento, as mudanças em curso.

Os desafios são enormes e, especificamente na América Latina, o debate centra-se, atualmente, na identificação e aplicação das reformas mais apropriadas para dar vazão a essas maiores exigências nos currículos, na formação dos professores, na avaliação dos estudantes, na gestão e administração, nas instalações físicas e seu equipamento (UNESCO, 2013).

Para Kenski (2012), educação e tecnologias são indissociáveis, sendo essencial que se utilize a primeira para ensinar sobre a segunda, e que se faça uso da segunda para ensinar as bases da primeira. No entanto, a autora alerta para o fato de que as TICs têm sido utilizadas muito mais como recursos didáticos do que como ferramentas poderosas de transformação e mobilização para a aprendizagem, como podemos ler, abaixo:

As novas tecnologias de comunicação (TICs), sobretudo a televisão e o computador, movimentaram a educação e provocaram novas mediações entre a abordagem do professor, a compreensão do aluno e o conteúdo veiculado. A imagem, o som e o movimento oferecem informações mais realistas em relação ao que está sendo ensinado. Quando bem utilizadas, provocam a alteração dos comportamentos de professores e alunos, levando-os ao melhor conhecimento e maior aprofundamento do conteúdo estudado. As tecnologias comunicativas mais utilizadas em educação, porém, não provocam ainda alterações radicais na estrutura dos cursos, na articulação entre conteúdos e não mudam as maneiras como os professores trabalham didaticamente com seus alunos. Encaradas como recursos didáticos, elas ainda estão muito longe de serem usadas em todas as suas potencialidades para uma melhor educação (KENSKI, 2012, p. 45).

O termo Tecnologias em Educação é, hoje, comumente utilizado para designar um conjunto de dispositivos, serviços, conteúdos e aplicativos digitais. Essas ferramentas são descritas no Texto Base do Seminário Internacional Tecnologias para transformação da educação (UNESCO, 2013, p. 14 -17). Vejamos quais são elas:

- *Dispositivos*: equipamentos que visam facilitar o acesso e a produção de conteúdo, como computadores, *tablets*, *smartphones* e, mais recentemente, a lousa digital interativa, entre outros;
- *Serviços*: o principal serviço digital no mundo educativo é a conectividade, mas cabe salientar que a situação na América Latina está muito distante da realidade de outros países onde a banda larga para uso educacional é de qualidade, gratuita e universal;
- *Conteúdos*: incomparavelmente a qualquer outro tempo e lugar, na rede a proliferação de conteúdos cresce a ritmos exponenciais e os estudantes utilizam-se dos aplicativos digitais para produzir e compartilhar tais conteúdos;
- *Aplicativos*: todos os dias, milhares de softwares para dispositivos digitais são criados e parte destes é aplicada ao contexto educacional. Tais aplicativos potencializam a participação mais efetiva dos alunos em seu processo de formação e, por esse motivo, tem crescido o número de professores e instituições que tem adotado a sua utilização para fins pedagógicos.

Com o uso dessas tecnologias, torna-se possível estender a presença da escola para além dos horários e das paredes da sala de aula, potencializando a aprendizagem, já que, em suas casas, os estudantes podem continuar com a realização de atividades acadêmicas de maneira individual ou coletiva, através de alguma plataforma de cooperação.

No entanto, na contramão de tudo isso, mesmo com o equipamento das escolas com computadores e internet, na maioria das vezes, nem os professores possuem formação que os permita o uso da tecnologia com os potenciais que ela gera e nem os currículos promovem esse incentivo. Enquanto o jovem estudante, vinte e quatro horas por dia conectado, encontra em salas escolares um ambiente de aulas rígido, linear, em seus dispositivos móveis e computadores ele navega em busca de informação, conhecimento e interatividade. Com a explosão das redes sociais digitais, uma verdadeira transformação aconteceu no modo de se relacionar que afeta o modo de aprender. De acordo com Kenski (2012),

Em relação à educação, as redes de comunicação trazem novas e diferenciadas possibilidades para que as pessoas possam se relacionar com os conhecimentos e aprender. Já não se trata apenas de um novo recurso a ser incorporado à sala de aula, mas de uma verdadeira transformação, que transcende até mesmo os espaços físicos em que ocorre a educação. A dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso é revolucionário(KENSKI, 2012, p. 47).

Potencializar uma educação integradora e interativa é urgente no contexto atual. As escolas, especialmente as de nível superior, que recebem jovens com alto nível de conectividade, precisam ser mais atraentes e corresponder ao novo perfil desse estudante. Caso contrário, aquilo que era ansiedade por aprender pode se transformar em desmotivação e desinteresse e, como afirma Moran (2012), “não basta colocar os alunos na escola. Temos de oferecer-lhes uma educação instigadora, estimulante, provocativa, dinâmica, ativa desde o começo e em todos os níveis de ensino” (MORAN, 2012, p. 08). Dessa forma, as mídias sociais podem ser, dentre outros, espaços potencializadores desse modelo de aprendizagem levantado pelo autor, pois possibilitam integração e interatividade conectadas. Ainda de acordo com o autor, a sala de aula deixa de ser o único espaço do aprendiz e com as tecnologias educacionais “podemos aprender estando juntos fisicamente e também conectados, podemos aprender no mesmo tempo e ritmo ou em tempos, ritmos e formas diferentes” (MORAN, 2012, p.10).

Assim, entre as mídias sociais com o potencial de promover o letramento digital encontra-se o *blog*. Nesse sentido, no capítulo seguinte, pretendemos fundamentá-lo como um gênero textual e indicá-lo à prática pedagógica com base em suas características de colaboração e interação social, com possibilidade de auxiliar a aprendizagem, uma vez que é capaz de aproximar o estudante do conhecimento durante o processo de escrita e durante as experiências colaborativas e interativas que mantiver.

3 OS GÊNEROS TEXTUAIS

O ato comunicativo, sob a perspectiva bakhtiniana, realiza-se nos gêneros textuais, que são concebidos nos enunciados, e estes, por sua vez, formados pela sua composição, conteúdo temático e estilo.

Vários autores têm apresentado o surgimento de novos gêneros textuais que se realizam na *web* (gêneros virtuais), como *e-mails*, *chat*, *blogs* etc. Marcuschi é, no Brasil, uma das principais autoridades científicas a fazer tal incorporação desses ambientes no rol dos gêneros textuais. Neste trabalho, interessa-nos o *blog* que, para esse autor (2004), é um gênero textual emergente que abriga vários outros gêneros, funcionando, também, como suporte, e conceitua gênero como “formas sociais de organização e expressões típicas da vida cultural” (MARCUSCHI, 2004, p.16).

Com o objetivo de tornar clara a classificação do *blog* como um gênero, consideramos importante tecer um pequeno aprofundamento sobre a conceituação de gênero.

Dessa forma, destacamos que os gêneros textuais têm sido estudados por pesquisadores do mundo todo e sua origem não é recente. Platão já usava o termo gênero e classificava-o de três formas: lírico, épico e dramático. Da mesma forma, Aristóteles também distribuía os gêneros textuais em três categorias. Com o passar do tempo, até a contemporaneidade, a noção de gênero se estendeu a toda produção textual.

A partir do século XX, o estudo dos gêneros assume novas e importantes perspectivas com o surgimento da Linguística. Borges (2012) apresenta essas variadas perspectivas surgidas entre o século XX e o XXI para a definição dos gêneros textuais:

a) sócio-histórica e dialógica (Bakhtin); b) sociorretórica e sócio-histórica cultural (Carolyn Miller, John Swales, Charles Bazerman, Amy Devitt); c) interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para a língua materna (Bernard Schneuwly, Joaquim Dolz e Jean-Paul Bronckart); d) comunicativa (Steger, Gülich, Bergmann, Berkenkotter); e) sistêmico-funcional (Halliday); f) sociorretórica de caráter etnográfico voltada ao ensino de segunda língua (Swales, Bhatia); g) análise crítica (N. Fairclough, G. Kress) (BORGES, 2012, p. 121-122).

Mesmo com tantas correntes conceituais, a perspectiva bakhtiana ganhou força em todo o mundo, especialmente no Brasil, iniciando uma tradição de estudos que influenciaram diretrizes oficiais e práticas de ensino. De acordo com Marcuschi (2011),

Essa laicização progressiva da categoria levou a que se diluísse a noção de gênero, a ponto de podermos indagar que categoria é essa a que chamamos de gênero textual. Mesmo assim, é inegável que a reflexão sobre gênero textual é

hoje tão relevante quanto necessária, tendo em vista ser ele tão antigo quanto a linguagem, já que vem essencialmente envolto em linguagem (MARCUSCHI, 2011, p. 18).

Tamanha importância deve-se ao fato de Bakhtin ter percebido que o emprego da língua se faz sob a forma de enunciado e, portanto, ele é a unidade real da comunicação discursiva (BAKHTIN, 1997, p. 269). Sob pressupostos dialógicos, essa noção de enunciado materializa elementos da situação enunciativa concreta e elementos sociodiscursivos estabilizados nas e pelas interações historicamente formuladas. É pelo enunciado que o outro garante seu espaço na dinâmica discursiva dialógica e, por consequência, passa a ser constituído pelo fluxo de múltiplas vozes que participam dessa alternância dos sujeitos do discurso nas situações de comunicação. Por ser uma unidade da comunicação discursiva, o enunciado também elucida as especificidades, as quais se constituem nos campos sociais. Nas palavras de Bakhtin (1997):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de se surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da atividade humana, o que não contradiz a unidade nacional de uma língua (BAKHTIN, 1997, p. 248).

As práticas sociais caracterizam os enunciados e Bakhtin enfatiza que os gêneros são padrões comunicativos socialmente utilizados e que funcionam como espécies de modelos comunicativos globais. O discurso diz respeito aos usos coletivos da língua e são assim legitimados por alguma instância da atividade humana socialmente organizada. Portanto, toda a manifestação linguística se dá como discurso; e este se realiza na ação social.

Esse caráter social, presente na teoria bakhtiniana, define o texto como um produto da interação social em que as palavras são percebidas como produtos das trocas sociais, vinculadas a situações materiais concretas que definem o estado de uma comunidade linguística. O uso da língua, para Bakhtin (1997), efetua-se na forma de enunciados orais e escritos, concretos e únicos, que surgem das esferas da atividade humana. Novos gêneros surgem à medida em que os atos comunicativos necessitam de novos meios para se concretizarem e, como a comunicação possui natureza dinâmica e inesgotável, à medida que ela se transforma, novos gêneros surgem. Para Bakhtin (1997, p. 280), “cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros textuais que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. Esse renomado autor apresenta dois tipos diferentes de gêneros: o primário (simples) e o secundário (complexo). Os primários podem ser exemplificados com as

réplicas do diálogo cotidiano ou uma carta; já os secundários são os romances, discursos científicos, ideológicos, entre outros.

Marcuschi (2004) enfatiza que o estudo dos gêneros textuais tem se tornado uma área cada vez mais fértil e interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e atividades culturais e sociais. Amparado pelo pensamento de Bakhtin (1997), Marcuschi entende o gênero a partir da ideia do relativamente estável, e jamais como modelo estanque nem como estruturas rígidas. Ao contrário, enfatiza que concebe os gêneros como “formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem” (MARCUSCHI, 2011, p. 18). Os gêneros são, portanto, entidades dinâmicas e não estáticas. O autor enfatiza que:

todos nós sabemos que a língua não é apenas um sistema de comunicação nem um simples sistema simbólico para expressar ideias. Mas muito mais uma forma de vida e uma forma de ação, como dizia Wittgenstein. E como as atividades discursivas estão organizadas em gêneros, esses são as verdadeiras formas de vida (MARCUSCHI, 2005, p. 11).

Marcuschi (2011) ainda reforça que os gêneros textuais devam ser considerados parte constitutiva da sociedade em seus *habitats* típicos, uma vez que são em primeiro lugar fatos sociais e não apenas fatos linguísticos.

Miller (2012) também nos chama a atenção para que não se use o termo gênero de forma fechada, mas baseada na prática retórica e, “consequentemente aberta e organizada em torno de ações situadas (isto é, pragmática em vez de sintática ou semântica)” (MILLER, 2012, p. 27). A pesquisadora propõe uma classificação etnometodológica, que consiste na explicação do conhecimento a partir do que a prática cria. Há dois aspectos relevantes nessa teoria proposta por Miller: a noção de situação retórica recorrente e a fusão entre forma, substância e situação.

Para Miller (1984), “compreender os gêneros socialmente pode nos ajudar a explicar como encontramos, interpretamos, reagimos e criamos certos textos” (MILLER, 1984, p. 151), uma vez que os textos, tanto os orais quanto os escritos, orientam nossas práticas sociais cotidianas e estas são permeadas pelas práticas de letramento de forma que não há como realizar ações sem que alguma forma de linguagem esteja envolvida. Na internet, a linguagem escrita está integrada a outros aspectos textuais, como imagem, som, audiovisual, animações, etc. É o que Marcuschi (2002) chama de hibridismo mais acentuado, um fenômeno novo nas práticas sociais letradas e que possui um acúmulo de representações semióticas. Esse contexto marca uma revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente, marcado, especialmente, pelo surgimento dos gêneros virtuais, nos quais nos ateremos, a seguir.

3.1 Os Gêneros Virtuais

Uma vez que a sociedade humana está em constante transformação, é notório o surgimento de novos gêneros textuais, de tempos em tempos. Um exemplo significativo é observarmos que, com o advento da escrita, um número grande de gêneros textuais ampliou-se, como o surgimento das cartas, bilhetes e memorandos. Da mesma forma, o telefone possibilitou a constituição do gênero telefonema e, com seu avanço para o celular, surgiram os SMS. E, mais recentemente, com o desenvolvimento das interfaces gráficas do computador, possibilitando que usuários comuns usassem o equipamento para diversos fins e, posteriormente, o surgimento da internet, fez emergir vários novos gêneros como o *e-mail*, *oschats* e os *blogs* (MARCUSCHI & XAVIER, 2004). Esses gêneros são apresentados como gêneros virtuais e Marcuschi (2002) assim os apresenta:

Uma das características centrais dos gêneros em ambientes virtuais é serem altamente interativos, geralmente **síncronos** (com simultaneidade temporal), embora **escritos**. Isso lhes dá um caráter inovador no contexto das relações entre fala-escrita. Além disso, tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos etc.) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação com a presença de imagem, voz, música e linguagem escrita numa **integração de recursos semiológicos**. Quanto a isso, há outro aspecto nas **formas de semiotização** desses gêneros relativo ao uso de marcas de polidez ou indicação de posturas. São os conhecidos *emoticons* (*ícones indicadores de emoções*) ao lado de uma espécie de *etiqueta netiana* (etiqueta da Internet, tal como analisada por Crystal, 2001), trazendo descontração e **informalidade** à formulação (monitoração fraca da linguagem), tendo em vista a volatilidade do meio e a rapidez da interação (MARCUSCHI, 2002, p. 16, destaques do autor).

Para o autor, no ambiente virtual permite-se trabalhar tanto a oralidade e a escrita quanto os gêneros textuais tradicionais, uma vez que o que ele denomina gêneros emergentes na era digital se configuram como práticas sociais e comunicativas derivadas de variações de outros gêneros já consolidados. Exemplo disso é a carta que se transformou nos *e-mails*; os diários pessoais que se apresentam hoje nos *blogs* e a conversa informal que aparece nos *chats*.

Crystal, em 2001, já listava vários gêneros virtuais (*e-mail*, *chat*em aberto, *chat*reservado, *chat*agendado, *chat*privado, entrevista com convidado, lista de discussão (*workgroups*), *blogs*) e, com o desenvolvimento da *web 2.0*, inúmeros outros foram criados, tornando difícil até mesmo sua listagem pela extensão da quantidade de opções. Podemos exemplificar, com as redes sociais, os *blogs*, *wikis*, *whatsapp*, aplicativos de interação etc.

Crystal ainda enfatiza que, na *web*, os novos comportamentos humanos evidenciam, especialmente, o modo como os internautas lidam com a linguagem e afirma:

à medida que, cada vez mais, se adota uma perspectiva social para compreender a Internet, o papel que desempenha a linguagem se converte também em um objetivo central. Tanto é assim, que sem querer menosprezar as notáveis conquistas tecnológicas da Internet, nem a originalidade e a variedade na apresentação de conteúdos visuais, o que se torna evidente de imediato é a sua natureza linguística. Se a Internet é uma revolução é provavelmente uma revolução linguística (CRYSTAL, 2001, p.08).

Corroborando esse pensamento, Rojo e Barbosa (2015) ressaltam que a informação e os conteúdos transbordam na *web* e esse transbordamento leva a uma necessidade do uso do prefixo hiper. As autoras afirmam que “nesse contexto de hiperinformação, as ações de cutucar, seguir, curtir, taguear e comentar ganham destaque” (ROJO & BARBOSA, 2015, p.122).

Assim como Crystal, Marcuschi (2004) também tipifica os gêneros emergentes no ambiente digital em *chats*, *e-mails*, entrevistas, fóruns de discussão e *blogs* e ele vai mais além ao afirmar que “a introdução da escrita conduziu a uma cultura letrada nos ambientes em que a escrita floresceu. Tudo indica que hoje, de igual modo, a introdução da escrita eletrônica, pela sua importância, está conduzindo a uma cultura eletrônica, com uma nova economia da escrita” (MARCUSCHI, 2004, p. 14).

Mas, como é o *blog* que nos interessa mais de perto, vamos conceituá-lo e caracterizá-lo, a seguir.

3.1.1 O Blog Na Prática Pedagógica: Uma Análise Do Gênero

A nova sociedade que emergiu no século XXI viu em uma de suas instituições mais importantes a estagnação de suas práticas. As escolas, de modo geral, não têm acompanhado as transformações tecnológicas, culturais e sociais pelas quais passa o mundo, o que gera desinteresse e desmotivação nos jovens estudantes, nativos digitais.

As novas práticas sociais requerem novas práticas de letramento, como já dissemos no capítulo 1 (Introdução), e requerem que alunos e professores sejam flexíveis para se ajustarem a essas novas dinâmicas. Essa necessidade fica muito evidente quando o trabalho pedagógico é desenvolvido com alunos de graduação, pois eles fazem parte da geração de nativos digitais que encontram na *web* as fontes de informação e entretenimento, dedicando boa parte das horas de seu dia à conectividade. As metodologias hoje aplicadas, como as tradicionais aulas

expositivas, não conseguem, na maior parte das vezes, valorizar a absorção e produção do conhecimento a fim de formar cidadãos com autonomia para construir relações profissionais sólidas e atuar no mundo de maneira ativa.

O uso de tecnologias como ferramentas de auxílio às práticas pedagógicas favorece o processo de aprendizagem ubíqua. A Aprendizagem Ubíqua está centrada na pedagogia construtivista, ou seja, o foco do processo é o aprendizado e não o professor. Para Santaella (2010), ela é caracterizada por estar disponível a qualquer momento, sendo que qualquer curiosidade pode ser saciada pelo acesso aos dispositivos móveis conectados em rede, fazendo com que essa informação se transforme em aprendizagem quando incorporada a outros usos. Santos (2002) corrobora essa ideia afirmando que

A noção de espaço de aprendizagem vai além dos limites do conceito de espaço/lugar. Com a emergência da “sociedade em rede”, novos espaços digitais e virtuais de aprendizagem vêm se estabelecendo a partir do acesso e do uso criativo das novas tecnologias da comunicação e da informação. Novas relações com o saber vão se instituindo num processo híbrido entre o homem e a máquina, tecendo teias complexas de relacionamentos com o mundo (SANTOS, 2002, p. 121).

Nesse sentido, os *blogs* educativos emergem como espaços propícios para uma promoção de aprendizagem ubíqua, estimulando os estudantes a buscarem e produzirem conhecimento para além do espaço físico da sala de aula.

Neste capítulo, pretendemos discutir o *blog* como gênero textual propício para o estímulo à aprendizagem de jovens. Para isso, entendemos ser importante apresentar a origem dos *blogs*, bem como conceituá-lo como gênero textual digital e, a partir daí, demonstrar seu uso como uma ferramenta pedagógica.

3.1.2 A Origem e o Conceito de Blog

O termo *blog* é uma abreviatura de *weblog*, criado por Jorn Barger, em 1997, dois anos antes da criação do software *Blogger*, principal responsável pelo início da popularização mundial desses ambientes de escrita. No primeiro momento, funcionavam como diários pessoais virtuais para escrita íntima de seus autores. No entanto, pouco tempo depois, os *blogs* ascenderam a espaços de discussões multitemáticas, colaborativos e compartilháveis, pertencentes à essência da internet apresentada por Gibbons e outros (1994) como um bem público para conhecimento cumulativo que pode ser compartilhado.

Próprio do fenômeno da *Web 2.0*, a escrita em *blogs* dispensava, desde seu início, o conhecimento especializado em computação. Isso atraiu um número significativo de internautas que encontraram nesses espaços a possibilidade de tornarem-se autores, já que é muito fácil escrever, editar, atualizar e fazer manutenção.

Schittine (2004) explica que o termo *weblog* significa “diário íntimo na internet”, uma vez que se origina de *Web* (página na internet) + *blog* (diário de bordo). Apesar da etimologia da palavra apresentar o *blog* como um diário, há algum tempo ele deixou de o ser. A este respeito, Komesu (2005) saliente que:

O *blog* pode ser definido, portanto, como uma página *web*, composta de parágrafos dispostos em ordem cronológica (dos mais aos menos atuais colocados em circulação na rede), atualizada com frequência pelo usuário. O dispositivo permite a qualquer usuário a produção de textos verbais (escritos) e não verbais (com fotos, desenhos, animações, arquivos de som), a ação de copiar e colar um *link* e sua publicação na *web*, de maneira rápida e eficaz, às vezes, praticamente simultânea ao acontecimento que se pretende narrar (KOMESU, 2005, p. 99).

A autora apresenta o conceito hoje aceito para *blogs*, que vai além do diário e se apresenta no ciberespaço como um ambiente para uma escrita livre, com possibilidade de interação e colaboração e apresentação de hipertextos multimídia. O *blog* reúne várias das características próprias da *Web 2.0* e pode servir para diversos fins, mas um dos mais importantes é a distribuição social do conhecimento (GIBBONS et al., 1994). Esse conhecimento é cumulativo, colaborativo e compartilhável, tornando-se um bem público. Sendo assim, é possível dizer que esses ambientes são propícios para a aprendizagem, que Johnson (1992) descreve como tendo três tipos diferentes, de acordo com o grau de interação. Essa tipologia representa a lógica de uso do *blog*: 1) *aprender fazendo*: o blogueiro não é uma profissão acadêmica, mas o escritor de *blogs* aprende, na prática, como utilizá-lo para a produção de seus hipertextos; 2) *aprender a interagir*: uma das principais qualidades dos *blogs* é que, além de ser escrito com *hyperlinks*, oferecem a possibilidade de trocar ideias com o resto dos habitantes da blogosfera; 3) *aprender pesquisando*: a produção textual em *blogs* suscita a busca constante em fontes que oferecem informações sobre o assunto a ser abordado. Esse ciclo, que envolve seleção e adaptação, pode ter como consequência a possibilidade de se estender o conhecimento de quem participa neste processo; 4) *compartilhamento de aprendizagem*: o processo de troca de experiências permite aos habitantes da Blogosfera participar de uma aprendizagem colaborativa.

Após apresentarmos essas características, cabe uma observação. Acessar a informação não significa aprendizagem: a interação humana é o coração de aquisição das habilidades e competências complexas, como já defendido por Vygosty (1989). O desenvolvimento humano acontece de maneira processual, tanto por meio de aquisições quantitativas quanto por meio de transformações qualitativas, a partir do contexto das relações sociais.

Com a popularização dos computadores domésticos, tornou-se massificado o princípio da interatividade, entendida como a capacidade do utilizador para intervir nos processos computacionais e ver os efeitos da intervenção em tempo real. Berners-Lee (1999), o criador da *web*, em seu livro *Tecendo a Web*, explica que essa interatividade é um conceito complexo e, por isso, é comum que as pessoas entendam coisas diferentes sobre ela. De acordo com esse pesquisador, a interatividade é potencializada pela criatividade humana que existe, na medida em que tem um elevado grau de participação do usuário na geração e transmissão de mensagens. Esta interatividade criativa oferece a possibilidade de gerar conteúdo, coletivamente, criar e promover o intercâmbio de conhecimento (tácito e explícito). Este conceito de interatividade é baseado no princípio de que duas ou mais pessoas trabalham em conjunto (ainda que virtualmente) para criar ou alcançar um objetivo comum. No campo da educação, isso transforma aquele que antes era um mero espectador passivo para um operador ativo de seu processo formativo. Komesu (2004) assim define a interatividade:

Trata-se da interface entre o usuário e a máquina, mas também da possibilidade de contato entre o usuário e outros usuários, na utilização de ferramentas que impulsionam a comunicação de maneira veloz, com a eliminação de barreiras geográficas. A noção de interatividade na internet pode ser assim associada à questão do tempo e à do espaço. [...] O suporte material da internet coloca o escrevente em contato com o Outro. Sua utilização condiciona novas práticas para a escrita e a leitura das páginas hipertextuais (KOMESU, 2004, p. 06).

Além da interatividade, Gutierrez (2005) indica que os *blogs* caracterizam-se da seguinte forma:

por serem páginas publicadas por uma só pessoa; por serem relatos pessoais, partindo de um ponto de vista próprio; por possuírem estrutura hipertextual; por se constituírem de textos curtos e postados em blocos padronizados; por estes blocos de texto ou *posts* estarem organizados em ordem cronológica reversa; por cada um dos blocos de texto possuir um link permanente de acesso; por permitirem o acesso público e gratuito ao conteúdo da página; por serem contextualizados e enriquecidos por comentários; por serem frequentemente atualizados; por terem as postagens mais antigas arquivadas, permanecendo à disposição; e por serem intertextuais e

interdependentes, possuindo ligação com outros textos (GUTIERREZ, 2005, p. 03).

Além dessas características, na obra de Banks (2009) Warren enfatiza que escrever em um *blog* possibilita o surgimento de uma prática consistente da escrita. Segundo ele, as pessoas reagem sobre um texto e isso faz com que todas elas, envolvidas no *blog* como escritores e/ou leitores, tornem-se melhores redatores e leitores ao aperfeiçoarem a técnica da produção textual, já que a autoria pode ser tanto de quem escreve como de quem lê e produz uma intervenção, ao comentar sobre o que está escrito.

De maneira mais significativa, o que distingue os *blogs* das outras páginas da *web* é a facilidade com que podem ser criados, editados e publicados, sem a necessidade de conhecimentos técnicos especializados. As plataformas de armazenamento dos *blogs* são, normalmente, gratuitas, e as ferramentas de edição funcionam de maneira intuitiva, similar aos tradicionais editores de texto.

No princípio, atraiu um número maior de jovens, como diário virtual, para exposição dos fatos do cotidiano. No entanto, na virada do século XX, o *blog* passou a ser utilizado como divulgador de temas e discursos variados em um leque de possibilidades, tais como: o entretenimento, corporativismo e atividades de profissionais como jornalistas, empresários, políticos, escritores, professores e alunos que aos poucos estão descobrindo e explorando a principal de suas características: a interatividade, que pode levar à formação de redes colaborativas de aprendizagem.

Todavia, há um problema de categorização. Diante dessa multifuncionalidade dos *blogs*, Recuero (2002) compartilha a dificuldade em categorizá-los, uma vez que, hoje, há uma infinidade de tipos sendo produzidos por todo o mundo.

Os weblogs atuam como versões mais dinâmicas dos websites pessoais. E, com os websites pessoais, dividem as mesmas críticas: são experiências de publicação amadoras, muitas vezes produtos narcisísticos e exibicionistas. São geradores de conteúdo pessoal. E, como os websites pessoais, podem ser classificados em um sem-número de categorias (RECUERO, 2002, p. 3).

Mesmo com essa dificuldade, a autora apresenta as principais categorias de *blogs* que podem ser mais facilmente distinguíveis. São elas: a) *Diários Eletrônicos* – são os *blogs* atualizados com pensamentos, fatos e ocorrências da vida pessoal de cada indivíduo, como os diários. O escopo desta categoria não é trazer informações ou notícias, mas simplesmente servir como um canal de expressão de seu autor; b) *Publicações Eletrônicas* – são *blogs* que se

destinam principalmente à informação. Trazem, como revistas eletrônicas, notícias, dicas e comentários sobre um determinado assunto, em geral o escopo do *blog*. Comentários pessoais são evitados; c) *Publicações Mistas*—são aquelas que efetivamente misturam *postspessoais*sobre a vida do autore *postsinformativos*, com notícias, dicas e comentários de acordo com o gosto pessoal.

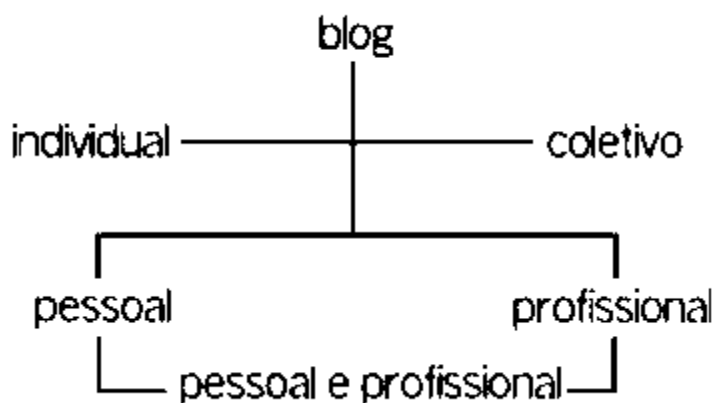
No entanto, independentemente de serem diários ou publicações eletrônicas, Efimova e Hendrick (2005) nos chama a atenção para o fato da vocação midiática do *blog* apresentar, de forma muito importante, a personalização como uma das principais características. Essa personalização começa desde as escolhas do autor pela publicação e vai até todas as outras decisões que tomar na escrita e divulgação de seu texto. Os *blogs* representam alguém, na medida em que pensamentos, fatos da vida e outros elementos narrados servem como representação do indivíduo. Os autores afirmam que

Weblogs estão se tornando de forma cada vez maior, nas identidades on-line de seus autores. A maioria dos weblogs não são formais, sem face, sites corporativos ou fontes de notícias: eles são autorais por indivíduos (conhecidos como blogueiros), e percebidos como vozes pessoais não editadas (EFIMOVA & HENDRICK, 2005, p. 02).

A dificuldade de categorizar, classificar e tipificar os *blogs* permanece, pois ela está relacionada à própria dificuldade da “percepção de fronteiras entre a esfera pública e a esfera privada/intima, constitutivas das práticas discursivas dos sujeitos da sociedade atual” (KOMESU, 2005, p.108). Fundamentada sob dois critérios principais, Komesu apresenta uma tipologia de *blogs* a partir do número de enunciadores a quem se atribui a autoria do *blog*, “já que se trata de uma atividade de escrita que pode ser praticada de maneira individual (blog1) ou coletiva (blogn, onde *n* indica o número de enunciadores do blog)” (KOMESU, 2005, p. 108), e, também, a partir do tema, reconhecido por certa coerência e homogeneidade das informações, “a qual implica, segundo Maingueneau (1995), as condições do enunciador e do co-enunciador [*sic*], o espaço (topografia) e o tempo (cronografia) a partir dos quais se desenvolve a enunciação e, conseqüentemente, a atividade verbal do Gênero de discurso” (KOMESU, 2005, p. 108).

Ao delimitar os tipos, Komesu (2005) subdividiu-os ainda em *blog* pessoal e *blog* profissional, os quais podem ser observados no esquema abaixo:

Figura 01 – Tipos de blogs



Fonte: Komesu(2005, p. 109).

Komesu explica seu gráfico da seguinte maneira:

No **blog pessoal** [...], o tema predominante é a *esfera íntima* da vida do(s) escrevente(s). Este tipo de *blog* é reconhecido pela ênfase no tratamento de assuntos do cotidiano – as várias atividades diárias [...] e pela discussão de questões existenciais que envolvem a vida, a morte, o relacionamento afetivo [...]. Acreditamos que seja por esse trabalho de escrita íntima marcada na sucessão temporal identificada nos *posts* que a associação entre *blogs* e o diário íntimo seja tão recorrente, tanto para as instituições que os produzem quanto para seus usuários. [Os **blogs profissionais** são considerados pelos profissionais da comunicação como uma oportunidade de trabalhar os detalhes de determinado fato, com informações e *opiniões pessoais* que não caberiam a pretensa objetividade do texto jornalístico, ou ao interesse das instituições e do mercado (KOMESU, 2005, p. 109-119, destaques do autor).

A partir dessa categorização, é importante apresentarmos os gêneros de *blogs* existentes, mesmo que poucos autores o abordem de forma aprofundada. Na seção seguinte, pretendemos conceituar gênero sob as contribuições principalmente de Bakhtin e Marcuschi, para, a partir daí, demonstrar e conceituar os gêneros de *blogs* existentes, tendo como principal norteador dessa discussão o pesquisador brasileiro Alex Primo.

3.1.3 Blog: gênero ou suporte?

O surgimento de novos gêneros advindos, especialmente, da internet, fez crescer uma discussão sobre a diferença entre suporte e gênero. De maneira recorrente, o *blog* é apresentado por alguns autores como suporte e por tantos outros como gênero; diante disso, pretendemos, à luz de importantes pesquisadores linguistas, justificar o posicionamento que daremos a ele neste trabalho.

Já conceituados aqui, os *blogs* têm se popularizado e sido usados para diversos fins, desde diários íntimos, até para o auxílio com processos educativos. Mas ele é um suporte para gêneros textuais ou ele próprio pode ser caracterizado como gênero?

Para responder a isso, iniciamos com o que Marcuschi (2008) apresenta como suporte. Para ele, “o suporte não é neutro e o gênero não fica indiferente a ele” (MARCUSCHI, 2008, p. 174), sendo essencial entender, segundo esse mesmo autor, que não é o suporte que vai determinar o gênero, mas é o gênero que vai determinar ou exigir o suporte mais adequado ao propósito do ato comunicativo.

De forma conceitual, Marcuschi (2008) afirma que o suporte é um *locus* físico ou virtual com formato específico que fixa o gênero materializado em texto, categorizado de duas formas: os suportes convencionais e os suportes incidentais. Os suportes convencionais são produzidos para suportar textos, como os livros, jornais, revistas, rádios, televisão, internet etc. Já os suportes incidentais podem trazer textos, mas não são destinados a esse fim de modo sistemático. Como exemplo de suportes incidentais podemos citar o corpo humano, paredes, janelas, carros etc.

Baseando-se em ideia semelhante defendida por Chartier (1999), Marcuschi acredita que não há texto sem suporte e que cada gênero tem um suporte. O mérito de sua diferenciação entre suportes e gêneros textuais é significativo, uma vez que Marcuschi deu o pontapé inicial para as discussões sobre esse tema, no Brasil. Além disso, ele estabelece uma separação bem delimitada entre os dois termos e, a partir de Marcuschi, vários autores têm se empenhado para aprofundar tal debate. Um deles é Bonini (2011) que apresenta duas formas de suporte: os físicos (o álbum, o outdoor etc.) e os convencionados (o jornal, a revista etc.). O autor (2011) esclarece que:

Essa posição (que revejo no presente artigo) pressupõe, conforme discutido em Bonini (2003), a existência de um contínuo que vai do gênero (como unidade da interação dialógica) ao suporte em sua forma mais característica (como portador físico). Em meio a esses dois pontos extremos, haveria a ocorrência de elementos híbridos que seriam, ao mesmo tempo, um gênero formado por outros gêneros (um hipergênero) e um suporte, sendo exemplos, entre outros, o jornal, a revista, o *site* (BONINI, 2011, p. 682).

Sobre os *blogs*, Bonini (2011) os classifica como um hipergênero, já que “em todos eles, podem ser introduzidas outras mídias: vídeo, *e-mail*, arquivo (pdf, doc, ppt, entre outros), *chat*, fórum, programa de conversação instantânea (p. ex., MSN), fotografia, áudio, etc.” (BONINI, 2011, p. 700). Essa noção de hipergênero é oriunda da definição de Maingueneau (2006). Para o autor:

Trata-se de categorizações como “diálogo”, “carta”, “ensaio”, “diário” etc. que permitem “formatar” o texto. Não se trata, diferentemente do gênero do discurso, de um dispositivo de comunicação historicamente definido, mas um modo de organização com fracas coerções que encontramos nos mais diversos lugares e épocas e no âmbito do qual podem desenvolver-se as mais variadas encenações da fala. O diálogo, que no Ocidente tem estruturado uma multiplicidade de textos longos ao longo de uns 2.500 anos, é um bom exemplo de hipergênero. Basta fazer com que conversem ao menos dois locutores para se poder falar de “diálogo”. O fato de o diálogo – assim como a correspondência epistolar – ter sido usado de modo tão constante decorre do fato de que, por sua proximidade com o intercâmbio conversacional, ele permite formatar os mais diferentes conteúdos (MAINGUENEAU, 2006, p. 244).

A linguagem do *blog* encontra-se entre o texto formal e o diálogo e, assim, tanto sob a visão de Bonini quanto a de Mangueneau, é possível percebê-lo como hipergênero. Essa é, portanto, a definição que será aceita para este trabalho, deixando de lado a visão de *blog* apenas como suporte, pois, como apresenta Marcuschi (2004):

Os blogs são datados, comportam fotos, músicas e outros materiais. Têm estrutura leve, textos em geral breves, descritivos e opinativos. São um grande sistema de colagem em certos casos [...] Não são como e-mails nem como chats, pois cada qual pode pôr no livro do outro o seu recado ou comentário sobre algo que o outro escreveu (MARCUSCHI, 2004, p.62).

Para Marcuschi, os *blogs* transmutam gêneros anteriores e Primo (2008) apresenta dezesseis tipos de *blogs*, conforme podemos visualizar na figura 02, a seguir:

Figura 02 – Matriz para Tipificação dos blogs

		INDIVIDUAL		COLETIVO	
		Profissional	Pessoal	Grupal	Organizacional
DENTRO	Auto Reflexivo	1	5	9	13
	Informativo Interno	2	6	10	14
	Informativo	3	7	11	15
	Reflexivo	4	8	12	16
FORA		INTERAÇÕES FORMALIZADAS		INTERAÇÕES COTIDIANAS	INTERAÇÕES FORMALIZADAS
					REFLEXÃO
					RELATO
					REFLEXÃO

Fonte: Primo (2008, p. 03).

Essa tipificação de Primo mostra como os *blogs* não podem ser apresentados como simples suportes, pois, tendo como base a definição de Bakhtin (1997) que trata os gêneros

como tipos relativamente estáveis de enunciados e que os textos estão situados social e historicamente, os diversos tipos de *blogs* se constituem como gêneros textuais que apresentam fortemente a característica da personalização. Para Amaral, Recuero e Montardo (2006), os *blogs* são pessoais, permitindo que os autores expressem suas opiniões e, conseqüentemente, as suas identidades, independentemente do tipo.

O *blog* educacional, objeto deste estudo, está na Matriz de Tipificação de Blogs de Primo (figura 02) como um blog pessoal. No entanto, como reforça o autor, não se caracteriza pela simplicidade conceitual, mas como uma produção individual motivada pela vontade de expressar a opinião do autor e interação com os leitores. Primo apresenta quatro tipos de gêneros de *blogs* pessoais, conforme a figura acima: 5. *Pessoal autorreflexivo* – voltado para a reflexão sobre si; 6. *Pessoal informativo interno* – objetiva o relato das atividades pessoais e/ou profissionais do blogueiro; 7. *Pessoal informativo* – usado para registro de informações de interesse pessoal do blogueiro; 8. *Pessoal Reflexivo* – o blogueiro comenta as informações a que tem acesso, refletindo e demonstrando suas opiniões sobre os temas que interessar. O *blog* educacional pode ser enquadrado como um *blog* pessoal reflexivo em que seus autores refletem sobre os temas do currículo formal ou temas extracurriculares, mas que contribuam para a formação do autor e do leitor.

3.1.4 As Contribuições do Blog para os Processos Educativos

Popularmente, a internet é apresentada como um grande oceano repleto de conhecimento onde seus internautas podem navegar livremente e se alimentar das informações que desejarem. A ideia relacionada a uma grande rede de computadores conectados tornou-se limitada e foi substituída pela ideia de um grande nó social de milhões de seres humanos conectados, tornando-se possível o compartilhamento de experiências.

Boa parte dessas experiências estão sendo compartilhadas pelos chamados nativos digitais, grupo de jovens que estão chegando, neste momento, às universidades. Com idade em torno de 19 anos, eles já relegaram a TV a um papel secundário e dedicam horas de seu dia à navegação na *web* e a jogar seus avançados games, transformando esses espaços em ambientes naturais para aprendizagem e entretenimento.

Obviamente, o uso de tecnologias na educação não é recente, mas, enquanto o mundo muda radicalmente, as instituições de ensino tradicionais não promoveram as profundas transformações necessárias para tornar o processo de aprendizagem adequado ao perfil e às necessidades desses jovens do século XXI.

Sob esse ponto de vista, os *blogs* têm se transformado em plataformas para partilha tanto do conhecimento sistematizado (explícito) quanto do conhecimento não sistematizado (tácito). É o que Gibbons e outros (1994) chamam de conhecimento socialmente distribuído. Esse conhecimento é cumulativo, colaborativo, compartilhável e, portanto, um bem público.

Johnson (1992), mesmo antes do surgimento da *Web 2.0*, já afirmava que o conhecimento é sempre gerado em negociação contínua e não será produzido até que os interesses das várias partes envolvidas estejam incluídos. Ele descreve tipos de aprendizagem, de acordo com o aumento do grau de interação. Considerando a lógica do uso de um *blog* para fins educacionais, é possível relacionar essa tipologia à educação, pois, com os *blogs* podemos:

- a) *Aprender fazendo*: No *blog*, a dinâmica de tentativa e erro está sempre presente. Não há uma profissão regulamentada de blogueiro, mas o exercício constante da escrita em *blogs*, gera a familiaridade com o uso do ambiente e também a aquisição de novos conhecimentos. Tal processo estimula a autonomia dos estudantes para ser o protagonista de seu processo de formação;
- b) *Aprender a interagir* – Essa é uma das principais qualidades proporcionada pelo *blog*, que oferece a possibilidade da troca de ideias entre os internautas;
- c) *Saber procurar* – Para a escrita em *blogs*, muitas vezes é necessária a pesquisa de informações sobre o assunto que se pretende escrever. Essa busca, seleção e adaptação termina estendendo-se ao conhecimento de quem participa desse processo;
- d) *Compartilhamento de Aprendizagem* – O coproceto de troca de experiências permite que aqueles que interagem na blogosfera participem de uma aprendizagem colaborativa.

Também para Xavier (2007), as tecnologias digitais influenciam significativamente o processo de ensino/aprendizagem e, cada vez mais frequentemente, os docentes têm feito uso dessas tecnologias. O *blog* educacional é apresentado por Carvalho e outros (2006) como um espaço eletrônico individual ou coletivo próprio para a partilha de informações, ideias, opiniões, materiais e referências.

Além das vantagens relacionadas ao aprendizado, o uso do *blog* para a prática pedagógica é favorecido pela familiaridade que a maioria dos alunos tem quanto à criação, produção e leitura. Esses alunos fazem parte da chamada geração de nativos digitais, formada

por jovens com idade em torno de 19 anos e que nasceu em um mundo conectado e já adota em seu dia a dia o comportamento de aprendizagem ubíqua. De acordo com Recuero (2002):

Os blogs trazem a construção de uma rede de relações, construções e significados. O leitor de um texto, por exemplo, é convidado a verificar a sua fonte (através de um link), observar a discussão em torno do assunto (através dos comentários), é convidado a ler outros textos que tratam do mesmo assunto em outros blogs e pode, inclusive, fazer suas próprias relações através da participação ativa como comentarista ou como blogueiro, em seu próprio blog (RECUERO, 2002, p.57).

Ao ser inserido na prática pedagógica, com objetivos claros, o *blog* pode ser um grande aliado para a ação educativa do professor. Como afirma Soares e Almeida (2005),

um ambiente de aprendizagem pode ser concebido de forma a romper com as práticas usuais e tradicionais de ensino-aprendizagem como transmissão e passividade do aluno e possibilitar a construção de uma cultura informatizada e um saber cooperativo, onde a interação e a comunicação são fontes da construção da aprendizagem (SOARES & ALMEIDA, 2005, p. 03).

Em modelos pedagógicos tradicionais, o aluno contemporâneo tem se comportado de forma passiva, afastando-se do professor e do conteúdo que ministra por não reconhecer a linguagem, a postura e a cena de uma aula. Vigotsky (1989) já afirmava, no século passado, que a aprendizagem se faz em rede, a partir da interação e das relações praticadas nos diversos ambientes sociais. Dito isto, é possível identificar o *blog* como esse ambiente capaz de oferecer aos seus usuários a participação livre em seus processos, assim como adicionar e distribuir conteúdo. Essa interatividade estimula a criatividade e oferece a possibilidade de geração de conteúdo coletivamente, bem como a criação, promoção e intercâmbio de conhecimento.

O *Blog* Educacional, também chamado por alguns de Edublog, é um espaço eletrônico individual ou coletivo criado com o objetivo de se partilhar informações, ideias, opiniões, materiais e referências. Esse gênero pode ser adotado pelo professor e/ou aluno e serve para fins pedagógicos previamente estabelecidos e aplicados tanto para a Educação Básica quanto para a Superior. As vantagens de seu uso são inúmeras e podemos relatar, aqui, algumas das mais significativas apresentadas por Silva (2009):

- O *blog* educacional é fácil de ser utilizado, pois não é necessário ao autor deter o conhecimento sobre linguagem de programação;
- Sua publicação é rápida. Isso possibilita que determinado conteúdo seja compartilhado com os internautas sem a limitação do espaço da sala de aula. Não há

necessidade de se esperar a próxima aula para apresentar determinado conteúdo. O aluno publica seu texto no momento em que escreve e pode interagir com seus leitores a qualquer tempo;

- Possibilita a aprendizagem coletiva, através dos mecanismos de interação;
- O *blog* educacional serve como um repositório de conhecimento.

Tais vantagens encontram eco na teoria construtivista, na qual o conhecimento é explorado e experienciado pelo aluno, e não simplesmente ensinado pelo professor. O sujeito é o protagonista de seu processo de formação. Mas, obviamente, a adoção de uma nova prática pedagógica encontra acolhimento e resistência. Rosa e Islas (2009) indicam a existência de três posturas possíveis quando da incorporação das TICs na prática docente:

A primeira é de resistência, associada ao medo, ao desconhecido, ao receio de fazer um mau papel frente aos alunos [...] A segunda é a postura de conformismo, segundo a qual os professores aceitam se atualizar sob a alegação de que não lhes resta outra alternativa. E a terceira é a mais otimista, que mostra que a educação necessita de uma revolução com o uso adequado das tecnologias de forma dialógica e contínua (ROSA & ISLA, 2009, p. 169).

Enquanto a inserção dos *blogs* nos ambientes educativos ainda é rara pelo desconhecimento e/ou desinteresse de parte dos professores, os jovens estudantes estão familiarizados com sua escrita e leitura e, mais do que isso, levam tempo dedicando-se à atualização dessas páginas *on-line*. Mas Moran (2009), de maneira positiva, indica que os professores têm se tornado mais abertos ao uso dos *blogs* em suas práticas docentes principalmente por permitir um processo educativo com mais interação e participação dos alunos. Assim também pensa Xavier (2005), que enfatiza que o professor consciente dessa realidade virtual já compreendeu que seu papel está muito mais centrado em ser pesquisador e não repetidor de informação, articulador do saber e não fornecedor de conhecimento, gestor de aprendizagens e não um mero instrutor de regras, consultor que sugere e não um chefe autoritário que manda e, por fim, um motivador da aprendizagem pela descoberta e não um rígido avaliador de conteúdos.

Sendo assim, os *blogs* podem ser utilizados para diversos fins pedagógicos, como, por exemplo:

- *Blog* do Professor – utilizado para que o docente publique notícias sobre os assuntos trabalhados na disciplina, além de compartilhar exercícios, textos, calendário etc.;

- *Blog* individual do aluno – em que publica *posts* relacionados ao tema e conteúdos abordados em sala de aula;
- *Blog* coletivo de grupo de estudantes – Coletivamente, o grupo planeja, cria e escreve sobre as temáticas trabalhadas em sala de aula.

Obviamente, não podemos negar o fato de que em outras estratégias de ensino é possível verificar ações e resultados semelhantes a esses descritos, mas, com o *blog*, o aluno participa do processo de letramento digital, aproveitando-se da sua familiaridade e interesse pelos recursos digitais e, além disso, se insere em um processo de produção de conteúdo que possibilita a interação com um universo maior de leitores e, também, de outros conteúdos para uma linguagem intertextual.

A este respeito, Cipriani (2006) enfatiza que:

O uso do blog acadêmico contribuiu para que os alunos se tornassem mais conscientes da progressão de seus conhecimentos em relação às discussões da disciplina. Os processos de comunicação e conversação existentes em um blog foram os principais responsáveis pelo sucesso da experiência (CIPRIANI, 2006, p.67).

Além dos benefícios já apresentados, os *blogs* resolvem uma das principais queixas dos professores: a passividade dos alunos diante das atividades propostas pelos professores. Isso porque, com o *blog*, o aluno é corresponsável pelo seu processo de formação e, obviamente, é suscitado a ter mais comprometimento e abrir-se para a interação com um público potencial diverso, uma vez que o *blog* estará publicado na *web* e, portanto, será acessado por qualquer pessoa que o encontre na rede. Interação, cooperação, compartilhamento e colaboração são termos comuns ao universo dos *blogs* e contribuem de maneira importante no processo de formação dos jovens estudantes. Segundo Lima (2010):

O sujeito precisa estar ciente de que está inserido em uma dinâmica onde ele não é um espectador. Pelo contrário, ele deve se envolver e usufruir do potencial comunicativo oferecido pelas ferramentas virtuais e pelas propostas de discussão colaborativa, buscando ir além da compreensão/memorização de conceitos isolados. Dessa forma, o educando possui a responsabilidade de situar o seu grau de aprendizagem e de (re)agir, ponderando seu nível de envolvimento com a (re)construção de seu conhecimento (LIMA, 2010, p. 04).

O uso do *blog* na educação abre espaço para recriar e criar novas ideias baseadas no assunto curricular que teve sua discussão iniciada em sala de aula. E, além do aluno, o professor

também é desafiado a desenvolver uma característica colaborativa e multimidiática. A possibilidade de incorporação de músicas, textos, vídeos, animações e diversos outros formatos de mídias potencializa ao professor a criação de um processo de formação rico e estimulante aos seus alunos. Uma vez que os *blogs* apresentam essa possibilidade muito rica de apresentação de conteúdos, o seu uso pode levar os discentes a percursos muito interessantes sob o ponto de vista pedagógico e também sob o ponto de vista da interação.

Nossa pesquisa teve por objetivo identificar esse potencial no cenário do ensino superior e, para isso, foi utilizada uma pesquisa-ação, em que os alunos foram convidados a criar seus *blogs* educacionais individuais e utilizar esse espaço para a produção textual e exploração das múltiplas possibilidades de expressão que os *blogs* proporcionam. No capítulo seguinte, explicamos, em detalhes, os procedimentos metodológicos que utilizamos ao longo de um semestre letivo a fim de alcançarmos os objetivos propostos para nossa investigação científica.

4 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

Ao longo de um semestre letivo, desenvolvemos atividades de pesquisa com uma turma de graduação que suscitou um grande trabalho, a fim de verificar as hipóteses levantadas sobre a eficácia do uso do *blog* para a aprendizagem. Dessa forma, apresentamos, neste capítulo, a trajetória metodológica percorrida durante a pesquisa, que se caracteriza como pesquisa-ação, com a abordagem netnográfica.

Serão descritas, primeiramente, as atividades científicas referentes à pesquisa-ação, que se constituíram na criação e manutenção de *blogs* educativos por parte dos alunos matriculados na disciplina Sistemas Multimídia e Hipermídia, da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC), no semestre letivo 2014.2, sob nossa orientação como professora da disciplina. Justificaremos, a seguir, a escolha pela pesquisa-ação e aprofundaremos sobre os procedimentos adotados para alcançarmos os resultados que serão expostos no capítulo seguinte, da análise dos *blogs*.

4.1 Pesquisa-ação

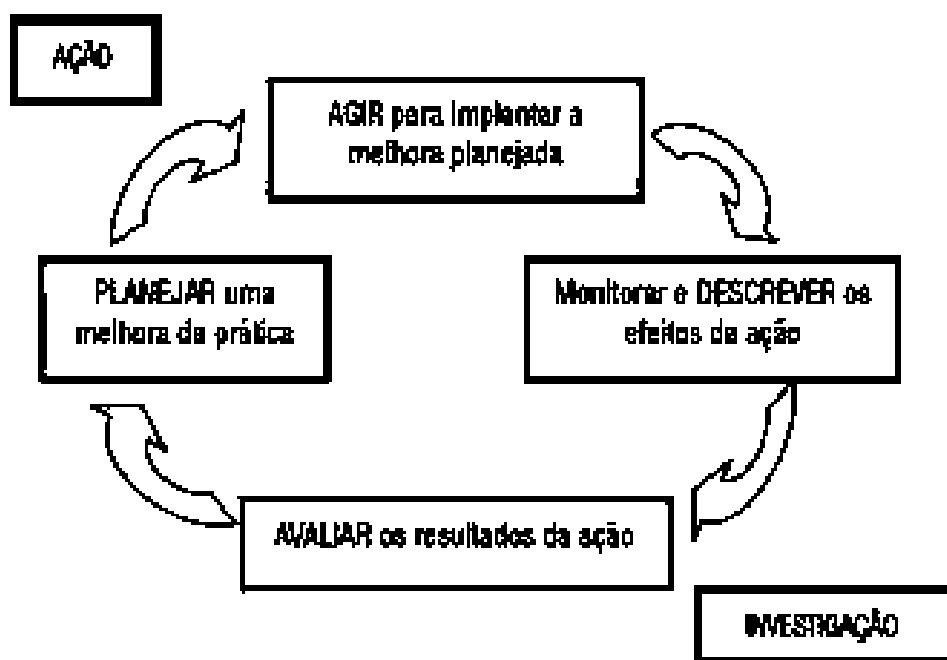
A pesquisa-ação começa a ser mais utilizada em projetos científicos, principalmente na área de Educação, com objetivo de se investigar práticas pedagógicas e/ou a inserção de novos métodos de ensino-aprendizagem. Ela consiste em “investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo” (THIOLENTT apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009, p. 40). Sua aplicação pressupõe planejamento rigoroso do pesquisador e um processo metodológico sistemático em que este pesquisador abandona o papel de observador, mas assume uma posição participativa ativa.

A pesquisa-ação educacional é realizada, principalmente, como uma estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores, possibilitando que eles usem os resultados alcançados para aprimorar o ensino. Um dos fundamentos dessa metodologia científica é exatamente seu caráter transformador. A condição para se caracterizar uma pesquisa como pesquisa-ação é o envolvimento profundo na *práxis* social do grupo pesquisado e, por isso mesmo, ela assume um caráter de criticidade. Kincheloe (1997) afirma que a pesquisa-ação rejeita as noções positivistas de racionalidade, de objetividade e de verdade e deve pressupor a exposição entre valores pessoais e práticos, com fins primordiais para transformar uma realidade. Lemos em Elia e Sampaio (2001), que

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa [...] (KEMMIS & MC TAGGART, 1988apud ELIA & SAMPAIO, 2001, p.248).

Tripp (2005) apresenta um diagrama representativo das quatro fases do ciclo básico de uma investigação-ação. Conforme a figura 3, são elas:

Figura 03 –Representação em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação



Fonte: Tripp (2005, p. 446).

Esse ciclo envolve a identificação do problema norteador da pesquisa, o planejamento de uma solução, sua implementação, monitoramento e avaliação dos resultados.

Nossa pesquisa é fruto de uma longa experiência com o uso de *blogs* em sala de aula, para alunos de graduação. Durante os anos em que usamos o *blog* de diferentes formas (*blog* do professor, *blog* de grupos de alunos, *blogs* individuais), para fins educativos, percebemos o maior envolvimento do aluno com as respectivas disciplinas e isso nos fez levantar hipóteses acerca do uso desse hipergênero para o processo de aprendizagem de alunos de graduação, como temos enfatizado. Para a verificação dessas hipóteses, a pesquisa foi realizada no semestre letivo 2014.2, com a turma de alunos matriculados na disciplina Sistema Multimídia e

Hipermídia, do curso de Publicidade e Propaganda, da Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC). As ações relacionadas à pesquisa foram desenvolvidas com todos os trinta e três alunos, mas, para efeito de análise de dados, foi escolhida uma amostra aleatória de dez alunos que desenvolveram seus *blogs* educativos individuais.

Obviamente, uma pesquisa-ação desenvolvida em uma sala de aula de graduação envolve um alto grau de complexidade e, por isso mesmo, essa atividade exigiu um grande esforço metodológico na compreensão da multiplicidade de relações sociais envolvidas e a interpretação dos dados resultantes se deu a partir do suporte de diversas fontes teóricas e práticas.

Como procedimentos metodológicos, lançamos mão da abordagem netnográfica, de caráter qualitativo, e também da pesquisa de campo com aplicação de questionário semiestruturado aos alunos, de caráter quantitativo. Explicaremos, a seguir, os detalhes referentes à execução da nossa pesquisa.

4.1.1 Universo da Pesquisa e Amostra

Como explica Novelli (2006, p. 168), o universo da pesquisa é o “conjunto de pessoas que possui características comuns e detém alguma informação sobre o tema explorado”. Em nossa pesquisa, constituíram-se como sujeitos do universo a professora e os alunos do curso de Publicidade e Propaganda da FTC, matriculados na disciplina Sistema Multimídia e Hipermídia, no semestre letivo 2014.2, no turno noturno. A turma era formada, no início do semestre, por trinta e seis alunos matriculados, mas, ainda na primeira unidade, dois desistiram da disciplina e a turma passou a ser formada por trinta e quatro alunos, sendo 35,3% (doze alunos) do sexo masculino e 64,7% (22 alunas) do sexo feminino. Ainda em relação ao perfil do nosso universo de pesquisa, verificamos que 90% dos alunos matriculados na disciplina em questão são originários de escolas públicas do ensino básico. Sendo jovens na faixa etária entre dezoito e trinta anos, todos indicaram, no início do semestre, ter familiaridade com mídias sociais, possuindo acesso a um ou mais desses dispositivos e/ou mídias sociais: computador, *smartphone*, *tablet*, perfil em redes sociais, perfil gestor em *blog*. Informaram, também, que fazem acesso ao que foi relacionado, diariamente. Dito isso, percebe-se que o sujeito da nossa pesquisa é familiarizado com as mídias digitais.

Prensky (2001) nomeia esses jovens de nativos digitais, pois eles nasceram em um mundo já conectado e, por isso mesmo, estão acostumados a obter informações na *web* através da multiplicidade de dispositivos aos quais têm acesso e estão familiarizados com a linguagem

digital pré-existente e também são os principais responsáveis pelas suas mutações. Para o autor, essa geração possui características diferentes das que a antecedeu, principalmente no que diz respeito à produção e aquisição de conteúdo, além das relações sociais que estabelecem. O autor destaca que essa é uma geração que pensa e processa informações de forma diferente e possui tanta familiaridade com a linguagem digital que é possível até mesmo dizer que, para ela, a linguagem digital corresponde a uma segunda língua.

A aplicação da pesquisa foi realizada durante todo o semestre e, devido à impossibilidade de se separar a turma em alunos que participariam da pesquisa e alunos que não participariam, as atividades foram desenvolvidas com todos os alunos. No entanto, para efeito de análise dos dados, foi selecionada uma amostra de dez alunos e seus respectivos *blogs*. O recorte da turma foi feito respeitando-se as características apresentadas pelos alunos na investigação inicial, relatadas no parágrafo anterior. Os grupos de alunos que tiveram seus *blogs* como objeto de análise dessa pesquisa possuem os perfis apresentados a seguir:

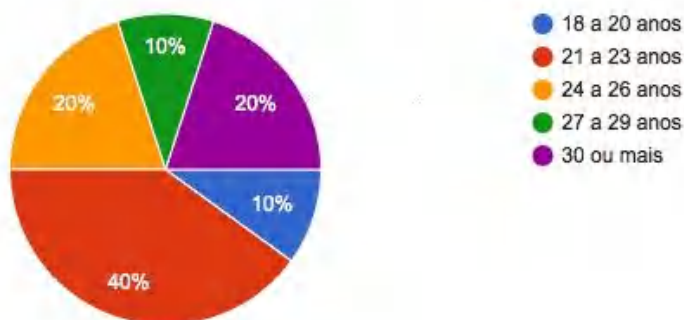


Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Os *blogs* analisados foram produzidos por 60% de mulheres e 40% de homens, na faixa etária entre dezoito e acima de trinta anos, conforme a demonstração dos gráficos 01 e 02. Essas informações foram importantes para a seleção do grupo de estudantes que comporia a pesquisa. Percebemos que se trata de um grupo de jovens nativos digitais, especialmente ao percebermos que 70% estão na faixa de dezoito a vinte e seis anos, como ilustra o gráfico 02:

Gráfico 02– Faixa etária

Idade (marque sua idade em dezembro de 2014) (10 respostas)

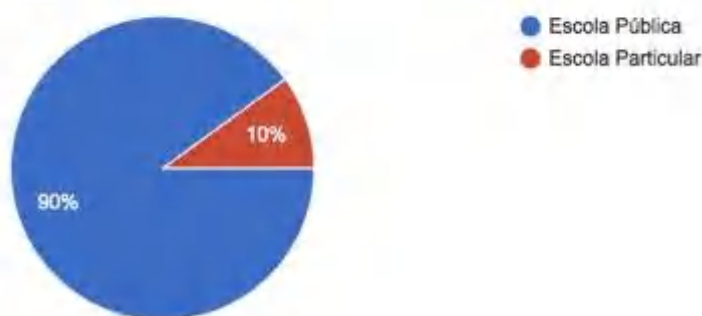


Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Uma outra característica importante dos sujeitos da nossa pesquisa é que 90% dos estudantes participantes da pesquisa são oriundos de escolas públicas e apenas 10% estudaram em escolas particulares, conforme demonstrado no gráfico 03, a seguir. Notoriamente, a escola pública carrega sobre si dados negativos quanto à qualidade de ensino e poderíamos, com isso, nos antecipar a emitir um julgamento de valor em relação a esse dado. No entanto, convém maior prudência da nossa parte. Apesar do gráfico 03 apresentar os dados que observamos, a seguir, Vasconcelos (2015) nos apresenta um outro cenário, que veremos na sequência:

Gráfico 03 – Origem educacional

Você estudou em: (10 respostas)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Apesar dos estereótipos presentes na formação oriunda do ensino público brasileiro, não é possível avaliar o nível de letramento de um estudante de graduação a partir de sua origem em relação à educação básica, como bem nos alerta Vasconcelos (2015):

Analisemos com mais cuidado. O SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) deixa claro que, na média, a qualidade da escola privada é sofrível; está melhor que a escola pública, mas só um pouco e em patamares

muito baixos. Os resultados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos, da OCDE - Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) desmistificaram a imagem que se tenta passar das escolas particulares, como se fossem do “primeiro mundo”: na verdade, também os alunos brasileiros de escolas particulares têm ocupado os últimos lugares (VASCONCELLOS, 2015, p. 23).

Mas, além disso, Vasconcellos é enfático ao afirmar que o “desmonte social tem consequências muito concretas na aprendizagem dos alunos” (VASCONCELLOS, 2015, p.24), e que, também, e de forma significativa, há fatores importantes relacionados ao ambiente escolar que têm comprometido a formação discente. Como consequência disso, esses alunos com deficiências no aprendizado têm chegado ao ensino superior, o que potencializa um comprometimento da formação dos profissionais que atenderão à sociedade nas mais diversas especialidades e, por isso mesmo, a adoção de estratégias didático-pedagógicas que colaborem efetivamente para a aprendizagem transformadora desses estudantes.

Enfim, consideramos para realização de nossa pesquisa esse grupo de dez alunos, com essas características aqui apresentadas e seus respectivos *blogs*. Em se tratando do grupo de indivíduos pesquisados, Chizzotti considera que “[...] todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam” (CHIZZOTTI, 2001, p. 83).

4.1.2 Etapas da Pesquisa

A pesquisa foi realizada nas etapas descritas a seguir:

Pesquisa exploratória: foi iniciada com a escolha do objeto a ser investigado e elaboração do projeto de pesquisa, que foi encaminhado para o Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para sua aprovação. A partir daí, deu-se a realização de uma profunda pesquisa bibliográfica que fundamentasse tanto a realização das atividades práticas da investigação científica quanto a escrita dos capítulos teóricos desta dissertação, já aqui apresentados. Concomitante com o aprofundamento teórico, iniciamos as atividades de pesquisa em sala de aula e a primeira ação foi dar ciência aos alunos e identificar o perfil dos estudantes, conforme descrevemos na seção sobre Universo e Amostra. A partir dessa atividade, foi solicitado àqueles que fariam parte da amostra pesquisada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes do início das atividades relacionadas à produção do *blog*. A escolha pelo campo da pesquisa se deu de maneira natural, uma vez que a disciplina,

curso e instituição eram as que estavam à disposição para realização das atividades. Logo no início do semestre, apresentamos a proposta à turma e demos as primeiras orientações.

Opção Metodológica pela Netnografia: a netnografia é um conceito de Robert Kosinets (1998) para as pesquisas qualitativas realizadas no ambiente *online*. Ela apresenta um contexto de pesquisa mediado por ferramentas e ambientes virtuais e as práticas são construídas no ciberespaço. Amaral (2008) aponta os procedimentos metodológicos da pesquisa netnográfica e identifica a pertinência do uso desse método para analisar os espaços de socialização mediados por computador, a exemplo dos *blogs*. Zimmer (2011) conclui que “a ‘netnografia’, aplicada ao estudo dos *blogs*, apresenta como possibilidades a exploração da comunicação multimídia, permitindo, contar com dados coletados em texto, áudio e vídeo, recursos que podem enriquecer a observação dos estudos etnográficos tradicionais” (ZIMMER, 2011, p. 51). É nesse sentido que a netnografia se aplica à nossa pesquisa, visto que tanto a produção textual quanto a coleta e análise dos dados foram feitas a partir do uso de um ambiente *online*.

Criação dos blogs: os alunos foram orientados, no início do semestre, a criarem individualmente seus *blogs* na plataforma *Wordpress* (www.wordpress.com). Lá, eles deveriam definir o nome do *blog*, seu endereço e sua identidade visual. Os alunos foram recomendados a nomear seus *blogs* dentro da temática da Comunicação Social e tomaram ciência de que lá eles deveriam produzir conteúdos determinados sistematicamente, mas também teriam liberdade para postar livremente outros assuntos, desde que dentro do escopo da Comunicação.

Produção de Conteúdo: ao longo do semestre, à medida em que os conteúdos curriculares eram ministrados, os alunos eram solicitados a aprofundarem a leitura acerca dos temas e produzirem *posts* sobre eles para seus respectivos *blogs*. Essa dinâmica acontecia da seguinte forma:

- a) A aula era ministrada na sexta-feira pela professora em sala de aula e para cada conteúdo era indicada uma bibliografia para leitura em casa durante a semana correspondente;
- b) O aluno fazia a leitura;
- c) Produção e postagem de hipertexto crítico-reflexivo acerca do conteúdo até a sexta-feira seguinte, em horário anterior ao início da aula;
- d) Postagem do *link* do texto no grupo da disciplina presente na rede social *Facebook* a fim de convidar os colegas a interagirem em seu *blog*;
- f) Visitação dos *blogs* dos colegas, a fim de gerar a leitura e a interatividade;

- g) Retorno das discussões para a sala de aula: em cada aula, alguns alunos eram convidados a lerem e comentarem seus *posts* em sala e a professora fazia as devidas correções e orientações.

Coleta de Dados: foram duas etapas de investigação: na primeira, os dados foram coletados diretamente dos *blogs* dos alunos, identificando-os a partir das variáveis de análise; na segunda fase, foi aplicado um questionário semiestruturado, o qual, segundo Triviños (1987, p. 152), “favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” através da abordagem dos assuntos específicos ao objetivo da pesquisa, como também possibilita o conhecimento de questões inerentes às circunstâncias momentâneas. As respostas podem estar condicionadas à padronização de alternativas e podem vir também sem esse condicionante. Entendemos que o papel de professora, nesse contexto da pesquisa, poderia interferir no comportamento dos alunos ao responderem aos questionamentos investidos. Com o intuito de minimizar tal possível percepção de autoridade por parte do aluno, optamos por elaborar o instrumento através da ferramenta de formulário do Google Drive, própria para realização de pesquisas, e enviamos o *link* para que os alunos respondessem de maneira anônima. Dessa forma, acreditamos que a ausência da professora no ato da aplicação da entrevista deixou o aluno mais à vontade para emitir sua verdadeira opinião acerca das questões levantadas sem a pressão relacionada à relação de autoridade existente entre professor e aluno.

Análise dos Dados: assim como a coleta de dados, a análise também envolveu duas etapas bem distintas. Minayo (1996) nos diz que, na interpretação dos dados, dois objetivos devem ser considerados: ultrapassar a incerteza de uma leitura crítico-reflexiva que possibilite a validação da interpretação feita pelo pesquisador e enriquecer a leitura através da compreensão das significações e a descoberta de conteúdos latentes e, assim, integrar as descobertas, ampliando a compreensão de contextos culturais com significações que vão além do que está explícito nas mensagens. A este respeito, Chizotti (2001) salienta que:

[...] os dados não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são ‘fenômenos’ que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos (CHIZOTTI, 2001, p. 84).

Na primeira etapa, a análise dos dados referiu-se às produções dos alunos nos *blogs*— um trabalho complexo e de base qualitativa. Minayo (1996) explica que o trabalho de campo é uma etapa essencial da pesquisa qualitativa, pois é nesse momento que ocorre a interação entre

pesquisador e sujeitos. Nessa fase, portanto, ocorre a relação de intersubjetividade resultando num “produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta como com as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção do conhecimento” (MINAYO, 1996, p. 105).

Na segunda etapa, já no final do semestre e encerramento das atividades curriculares, aplicamos uma entrevista e os dados foram tabulados quantitativamente e analisados, relacionando-os com os resultados das produções hipertextuais apresentadas nos *blogs*.

4.1.3 Instrumentos da Pesquisa

De acordo com os objetivos que estabelecemos para nossa investigação, foi necessário elaborar procedimentos e instrumentos capazes de fazer-nos alcançá-los. Para a fase 1 da pesquisa, constituída da produção de conteúdo para os *blogs*, optamos pelo método da análise de conteúdo que, segundo Bardin (1977), é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos que, analisados adequadamente, nos abrem as portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social, de outro modo inacessíveis. Na nossa análise, procuramos identificar e descrever os resultados alcançados pelos alunos com suas publicações, considerando a aprendizagem dos conteúdos ministrados na disciplina. As etapas para análise dos conteúdos que seguimos foram:

1. *Leitura e Organização*– os textos dos alunos foram lidos e organizados a cada semana, sendo registradas as adequações dos conteúdos às propostas feitas em sala de aula;
2. *Verificação da Interatividade* – foram avaliadas as interações que os alunos tiveram com suas postagens;
3. *Caracterização dos textos* – de acordo às características do hipertexto, foi identificada a presença de conteúdo hipertextual nas postagens dos alunos nos *blogs*;
4. *Classificação dos textos em categorias* – para identificar a aprendizagem quanto à adequação do conteúdo e presença de reflexão crítica, optamos pela constituição dos seguintes tipos de categorias: 1. não atende / 2. atende parcialmente / 3. atende / 4. não produziu o *post*. Assim, nessa etapa foi realizada a releitura das produções textuais e categorização, a fim de se verificar o alcance do aprendizado referente ao conteúdo ministrado;

5. *Descrição* – primeiro momento da comunicação dos resultados. Nessa etapa, os dados foram apresentados quantitativa e qualitativamente, demonstrando a qualidade da produção textual, a adequação dos conteúdos dos *blogs* aos conteúdos ministrados pela docente;
6. *Interpretação* – aprofundamento da análise, identificando quais resultados foram alcançados e verificando a validade das hipóteses desta pesquisa.

Ao longo da análise dos conteúdos produzidos pelos alunos, apresentaremos os dados coletados a partir da entrevista que fizemos com os alunos, a fim de identificar o processo de produção textual a partir do ponto de vista dos participantes da pesquisa. Com o acréscimo desse recurso metodológico, foi possível identificar as dificuldades encontradas pelos alunos durante a realização da atividade e, principalmente, verificar os resultados alcançados para a aprendizagem.

Na entrevista, foram analisadas as respostas para as seguintes questões, conforme Apêndice A:

- a) Sexo;
- b) Idade;
- c) Tipo de escola em que estudou;
- d) Antes da disciplina Sistemas Multimídia e Hiperemídia, o aluno já havia tido um blog pessoal?;
- e) Qual era a temática do blog?;
- f) Ele ainda está no ar?;
- g) A etapa de criação do blog da disciplina, qual foi o nível de dificuldade que encontrou?;
- h) E sobre a produção dos textos, qual foi o nível de dificuldade que encontrou?;
- i) Quais foram as principais dificuldades encontradas na escrita dos textos do seu blog?;
- j) Sobre qual dos temas solicitados os alunos mais gostaram de escrever? Por quê?;
- k) Comparando com a prática de leitura relacionada às outras disciplinas, o aluno considera que o blog contribuiu para o aumento da rotina de leitura?;
- l) O aluno considerou que o blog contribuiu para a melhoria da qualidade da sua escrita?;
- m) Comparando com os métodos de ensino de outras disciplinas, como o aluno avalia o uso do blog no seu processo de aprendizagem?;

- n) Os blogs foram atualizados após o encerramento da disciplina?;
- o) Quais os benefícios os alunos conseguiram perceber para o uso do blog como ferramenta didática, na disciplina Sistemas Multimídia e Hiperarquia?;
- p) Quais os malefícios conseguiram perceber para o uso do blog como ferramenta didática, na disciplina Sistemas Multimídia e Hiperarquia?

É o resultado dessa investigação que passamos a mostrar, a seguir.

5 A COLABORAÇÃO DOS *BLOGS* EDUCATIVOS PARA A APRENDIZAGEM: A ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, apresentaremos os resultados alcançados com a realização da pesquisa-ação da qual fizeram parte a professora da disciplina Sistemas Multimídia e Hiperídia, da FTC de Vitória da Conquista, na Bahia, e os alunos matriculados. Conforme já apresentado no capítulo anterior, essa análise dos resultados acontecerá de duas formas: na primeira, analisaremos o conteúdo dos *blogs* educativos individuais dos alunos e, na segunda, faremos a análise das respostas alcançadas na entrevista aplicada através de questionário enviado *online*.

Visando atender ao objetivo geral dessa investigação, que é verificar o potencial do *blog* como contribuidor para o processo de aprendizagem de alunos de graduação, promoveremos uma discussão à luz dos teóricos que embasam esse trabalho.

Os alunos criaram tanto conteúdos pré-determinados pela docente quanto de forma autônoma. Analisaremos a abordagem hipertextual que seguiram e, para isso, faremos a análise a partir dos temas trabalhados na disciplina e que deveriam ser abordados pelos alunos em seus *blogs* e, posteriormente, apresentaremos o que foi produzido autonomamente pelos blogueiros discentes.

Ao longo do semestre, seis dos temas que foram trabalhados na disciplina deveriam ser alvo de uma maior reflexão crítica dos alunos para a produção dos hipertextos para seus *blogs*. Os alunos não receberam limitações quanto ao tamanho ou formato do texto, mas deveriam abordar a temática solicitada. Foram elas:

- A Sociedade em Rede
- O que é a Web?
- O que é o virtual?
- Comunicação e o Marketing na Ciberultura
- Redes Sociais
- A publicidade nas redes sociais

Atendendo à Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012, que rege que “as pesquisas envolvendo seres humanos devem atender aos fundamentos éticos e científicos pertinentes”, primaremos veementemente pelo respeito à dignidade dos alunos e, dessa forma, suas

identidades serão preservadas. Cada aluno será apresentado por um código, vinculado ao seu *blog*, a saber:

- Aluno 1 – Blog The Expedition;
- Aluno 2 – Blog Media's rising;
- Aluno 3 – Blog Pinguim Sertanejo;
- Aluno 4 – Blog Comunicadores de Primeira Viagem;
- Aluno 5 – Blog Conexão Publicitária;
- Aluno 6 – Blog Espaço 201;
- Aluno 7 – Blog Linkar;
- Aluno 8 – Blog Agora Sou Publicitário;
- Aluno 9 – Blog Caverna Informacional;
- Aluno 10 – Blog Garota Publicitária.

5.1 O Processo de Criação dos *Blogs*

Na primeira aula da disciplina, no semestre letivo 2014.2, os alunos foram apresentados ao Plano de Ensino e também ao trabalho relacionado à pesquisa científica realizada para o mestrado em Linguística. Nessa mesma aula, foram orientados quanto à criação dos *blogs* na plataforma *Wordpress*, que é a plataforma mais usada em todo o mundo para a criação de *blogs*. Por ser uma ferramenta intuitiva de criação, que não exige conhecimento de programação, os alunos foram estimulados a criarem seus *blogs* sozinhos, em suas residências, e navegar, experimentando todas as funcionalidades, dentro dessa plataforma. A aula seguinte, com objetivo de orientar os alunos que não conseguiram desenvolver a atividade sozinhos, foi realizada no laboratório de informática e contou com a monitoria daqueles que já haviam conseguido criar suas páginas para auxiliar os colegas. Após este momento, todos estavam com suas páginas criadas no Wordpress, cuja página inicial mostramos a seguir, com a figura 04:

Figura 04 – Página Inicial da Plataforma de Criação de Blogs, Wordpress



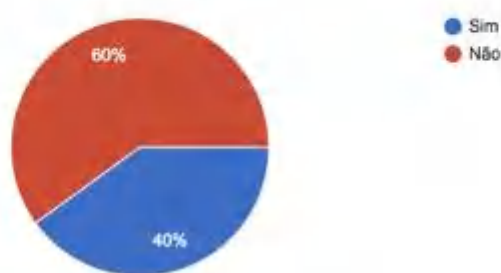
Fonte: Site do Wordpress:<www.wordpress.com>.

A escolha do Wordpress se deu pela qualidade estética das páginas criadas nele, mas, principalmente, por oferecer uma usabilidade acessível ao usuário leigo em linguagem digital, tanto para criar o *blog* quanto para gerenciá-lo. De acordo com o próprio site,

O **WordPress** é uma plataforma semântica de vanguarda para publicação pessoal, com foco na estética, nos Padrões Web e na usabilidade. Ao mesmo tempo é um software livre gratuito e feito por você. Em outras palavras, o WordPress é o que você usa quando quer trabalhar e não lutar com seu software de publicação de conteúdo, sendo hoje a maior plataforma de Gerenciamento de Conteúdo do mundo, com quase 70% do mercado (WORDRESS, 2016).

Em nossa entrevista, verificamos que a maior parte da turma nunca havia tido contato com a criação e manutenção de um *blog*, conforme nos mostra o gráfico 04, logo abaixo:

Gráfico 04 – Experiências anteriores com blog
Antes da disciplina Sistemas Multimídia e Hiperfídia, você já havia tido um blog pessoal?
(10 respostas)



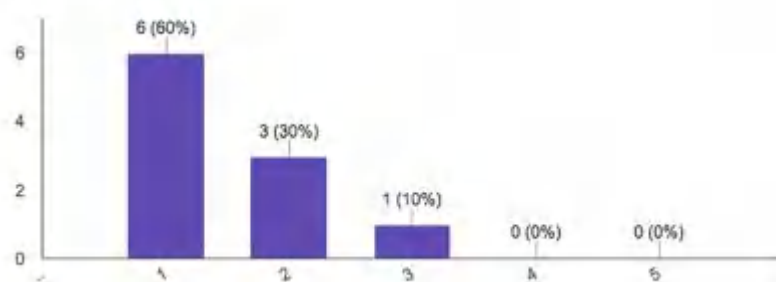
Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Os dados nos mostram que 60% dos alunos não haviam tido a experiência de ser blogueiro, anteriormente à oportunidade ofertada pela disciplina, enquanto 40%, que corresponde a quatro alunos, indicaram possuir *blogs*. As temáticas abordadas por esses quatro *blog* foram: Entretenimento, Cultura sobre a Finlândia, Poemas e Escritos sobre a Vida, e sobre

Temas Diversos. No entanto, os alunos informaram, no questionário que responderam posteriormente, que nenhum desses quatro *blogs* se mantém ativo, atualmente.

Esse dado e a própria facilidade proporcionada pelo Wordpress nos leva a entender o resultado apresentado no gráfico 05:

Gráfico 05 – Nível de Dificuldade para Criação do *Blog*
 Na etapa de criação do blog da disciplina, qual foi o nível de dificuldade que encontrou? (Marque de 1 a 5 conforme o grau de dificuldade)
 (10 respostas)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Considerando que o nível 1 corresponde ao nível mais baixo de dificuldade, percebemos que 60% dos alunos indicaram muita facilidade na criação de suas páginas, ou seja, além dos 40% que já tiveram experiências anteriores com *blogs*, mais 20% também conseguiram navegar tranquilamente pelo Wordpress. 30% indicou o nível 2, que é um nível baixo de dificuldade e corresponde à parte dos que nunca haviam tido a experiência com a ferramenta, assim como o aluno que indicou o nível 3. Ninguém apresentou um alto nível de dificuldade em criar o seu *blog*.

Após a criação dos *blogs*, os alunos foram convidados a apresentá-los através da publicação de seus respectivos *links* no grupo do Facebook, denominado Sistemas Multimídia e Hipermídia, e que serviu para a interação fora da sala de aula dos alunos e professora durante o semestre letivo. Falaremos mais sobre essa interação na seção seguinte.

5.2 As Contribuições da Interação para o Processo de Aprendizagem

A interatividade é uma das principais características das mídias sociais e, para Silva (2009), ela se caracteriza pelo modo dialógico com que os usuários interagem uns com os outros. Sendo um fenômeno potencializado pela Sociedade da Informação que minimiza as fronteiras entre os internautas, a interatividade se apresenta fortemente através das tecnologias digitais e, no contexto da educação, promove uma nova relação do aluno com o conhecimento,

com os outros alunos e com o professor. Sousa e Carvalho (2011) enfatiza que “a possibilidade de interagir, através das ferramentas tecnológicas, implica rever todos os papéis dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem e como também a metodologia utilizada para a promoção dessa aprendizagem” (SOUSA& CARVALHO, 2011, p. 218).

Com a tecnologia, o ambiente de aprendizagem se amplia para além da sala de aula e os espaços de discussão possibilitam ao aluno assumir a autonomia sobre seu processo de aprendizagem. Assim, com objetivo de dar voz aos alunos, chamando-os ao diálogo, foi criado o grupo Sistemas Multimídia e Hiperídia, no Facebook. Nesse grupo, os alunos deveriam postar, a cada nova produção no *blog*, o *link* correspondente para que tomássemos conhecimento de que havia novidade na página e pudéssemos visitá-la. Abaixo, apresentamos a interface do grupo, através da figura 05:

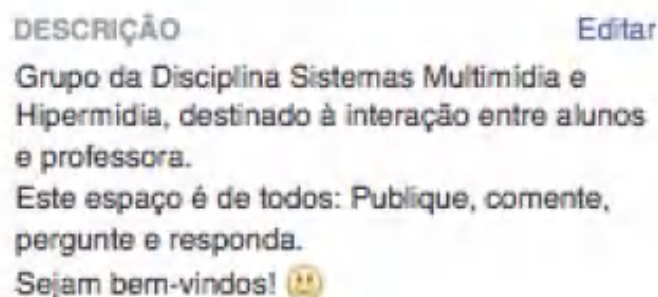
Figura 05 – Imagem do Grupo da disciplina no Facebook



Fonte: Facebook, 2016 (<https://www.facebook.com/groups/205933509571443/>).

E, na sequência, a figura 06 expõe o texto de descrição do grupo da disciplina no Facebook:

Figura 06 - O texto de descrição do grupo do Facebook



Fonte: Facebook, 2016 (<https://www.facebook.com/groups/205933509571443/>).

Ao fazerem suas postagens no grupo, os alunos cumpriam dois objetivos, que eram: informar à professora sobre a produção do texto e abrir o canal para a interação. Essa interação atendia ao princípio básico das mídias sociais, que é a promoção de trocas sociais, e estas possibilitam o estabelecimento de processos de aprendizagem, uma vez que há o aprimoramento das estruturas mentais dos envolvidos, no sentido de refletir, acolher, criticar, aceitar ou duvidar da opinião do outro. A figura 07, a seguir, irá demonstrar uma dessas ações que os alunos deveriam fazer, ou seja, compartilhar o *link* de seus textos no grupo fechado da rede social.

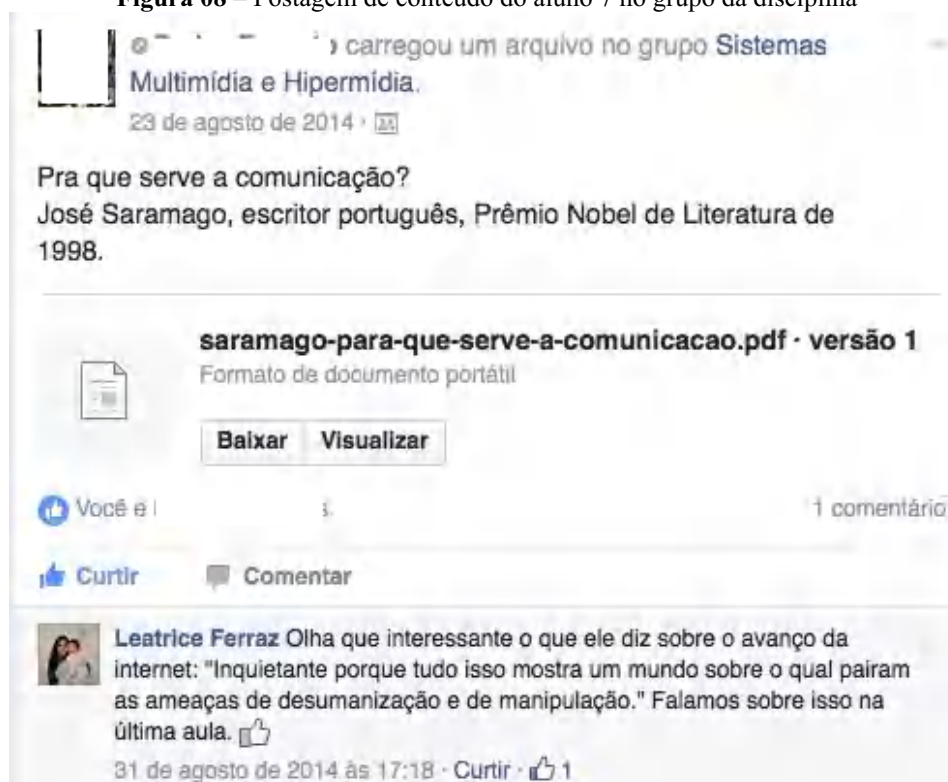


Fonte: Fonte: Facebook, 2016 (<https://www.facebook.com/groups/205933509571443/>).

A figura 07 mostra o Aluno 09 apresentando aos colegas e à professora seu *blog* que acabava de ser criado. A interação aconteceu por meio de três curtidas (os nomes dos alunos foram suprimidos por respeito ético) e pelo comentário da docente. No comentário, evidencia-se a busca pelo estímulo discente para a prática que se pretende no processo pedagógico. Ao longo da aplicação da pesquisa, a prática dialógica aconteceu no sentido de estimular, ouvir, corrigir e acolher, sem a presença das críticas avaliativas em caráter punitivo tão presentes no cotidiano tradicional da academia.

Na figura 08, a seguir, o Aluno 7, de maneira autônoma, compartilha um conteúdo com o grupo e chama ao diálogo os participantes.

Figura 08 – Postagem de conteúdo do aluno 7 no grupo da disciplina



Fonte: Facebook, 2016 (<https://www.facebook.com/groups/205933509571443/>).

A estratégia referente ao uso de mídias sociais na educação promove um diálogo constante e potencializa a voz do aluno. No ambiente digital, local em que o jovem estudante se sente à vontade, ele tende a interagir mais e se torna protagonista, muitas vezes, do ato de comunicar para formar. Na figura 08, o aluno compartilha no grupo do *Facebook* uma indicação de uma obra para leitura de seus colegas e o faz de maneira autônoma e protagonista. Nos comentários, a professora estabelece o diálogo, a fim ampliar a conversa para além da sala de aula e valorizar a iniciativa do aluno.

Paulo Freire (1999) afirma que o diálogo é a característica principal da comunicação. Para ele, dialogar significa assumir posturas mais críticas e conscientes da realidade para melhor compreendê-la, explicá-la e transformá-la, sendo, portanto, em sua concepção “um ato de criação e recriação” (FREIRE, 1999, p. 92). O autor salienta que:

Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1999, p. 91).

Em conformidade com Paulo Freire, Masetto (2000) explica que, no contexto educacional,

as técnicas precisam ser escolhidas de acordo com o que se pretende que os alunos aprendam. Como o processo de aprendizagem abrange o desenvolvimento intelectual, afetivo, o desenvolvimento de competências e de atitudes, pode-se deduzir que a tecnologia a ser usada deverá ser variada e adequada a esses objetivos (MASETTO, 2000, p.133).

O diálogo abaixo, estabelecido entre a professora e o Aluno 08, em seu blog **Agora Sou Publicitário**, é uma demonstração do uso da afetividade na linguagem.

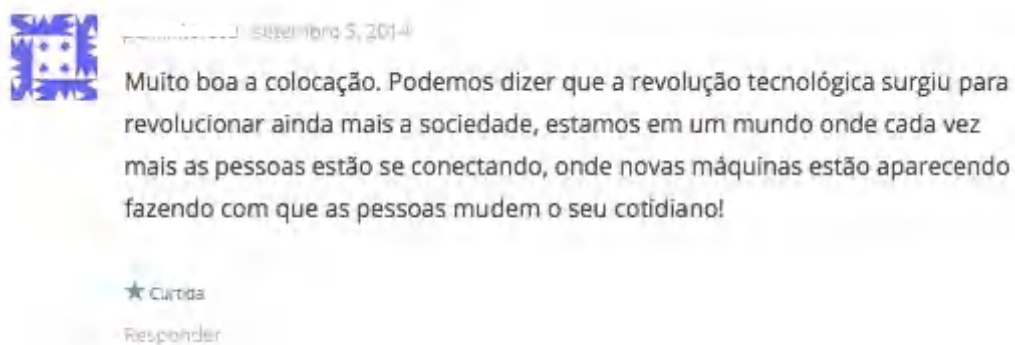
Figura 09 – Diálogo nos comentários do blog Agora Sou Publicitário, do aluno 08



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Esse diálogo foi estabelecido na primeira postagem que o aluno fez, apresentando-se e apresentando seu *blog*. A docente, ao estabelecer o diálogo, demonstra estar acompanhando a produção do aluno e utiliza-se de estratégias de afetividade para estimulá-lo à prática da escrita de seus textos na sua página, como podemos ver, a seguir, na figura 10:

Figura 10 – Comentário feito por um aluno da turma ao *blog* do Aluno 05



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Afigura 10 nos mostra que as publicações dos alunos eram visualizadas pelos seus colegas que, além de lerem, também interagem. Então, no exemplo acima, um aluno da turma que não teve seu *blog* participante da nossa pesquisa, além de ter escrito em seu *blog*, leu a postagem do Aluno 08, fazendo com que este tivesse que retornar ao texto para continuar as reflexões acerca da temática que estava sendo trabalhada na disciplina. Isso gera um contato ainda maior dos alunos com o conteúdo, uma vez que, como já apresentamos aqui, o aluno assistia à aula sobre o tema, lia a bibliografia indicada pela docente e produzia um texto em seu *blog*, mas, como demonstra a figura 10, eles ainda partiam autonomamente para a leitura de *posts* dos colegas, após serem convidados na rede social *Facebook*.

Um outro exemplo de interação que possibilita ao aluno retornar ao texto e continuar as reflexões sobre o tema acontece quando um visitante externo, que não está entre o público formado pela professora e alunos da turma, visita o *blog* para ler e comentar, como podemos notar na figura 11:

Figura 11 – Comentário feito por uma visitante ao blog do Aluno 02



_____ disse:

Eu prefiro acreditar em uma Evolução Tecnológica constante, e não em uma Revolução! (Revolução é uma ruptura radical, e Evolução é variação é adaptação etc).

E hoje? Será que já esgotamos as possibilidades de avanço tecnológico? Será que, diferente de ontem, as descobertas e invenções são de fato para atender nossa demanda, nossas necessidades? Será que já somos capazes de evoluir com sustentabilidade?

São perguntas que ainda não têm respostas claras.

As mudanças sociais e culturais da sociedade estão diretamente ligadas aos avanços tecnológicos. Podemos perceber que cada nova descoberta gera uma mudança nas relações sociais, na forma de agir e enxergar o mundo do indivíduo, e, principalmente, nas necessidades do ser humano. Das primeiras descobertas até os dias atuais as tecnologias cresceram incontrolavelmente, e junto a elas a necessidade do ser humano de aumentar a comodidade, facilidade, praticidade e rapidez do seu dia-a-dia. Desde a (R)evolução Industrial as pessoas têm sido substituídas por máquinas, e, atualmente, uma grande parte dos serviços que necessitamos são disponibilizados por computadores e outros aparelhos tecnológicos. Esta imagem da sociedade tem refletido na forma de vida das famílias de todo o mundo, as crianças querem computadores portáteis, celulares, câmeras fotográficas, videogames e inúmeros serviços oferecidos pela tecnologia, e, então, crescem formando cidadãos totalmente dependentes dos avanços tecnológicos. Até que ponto a tecnologia ajuda? E até que ponto prejudica? Estas são perguntas que não querem se calar. Mas, uma coisa é certa, viver nos dias de hoje sem esta é uma coisa difícil de imaginar.

Responder

Fonte: <<https://midiarising.wordpress.com/>>.

Não sabemos quem é o visitante e também não sabemos se o Aluno 02 o conhece, mas podemos afirmar que ele não possui vínculo com o mesmo curso do aluno. No entanto, apresenta em seu comentário uma discussão pertinente e que leva o Aluno 02 a retornar ao seu blog para interagir com seu interlocutor e, interagindo, permanece no processo de aprendizagem relacionado ao tema em questão. Na figura 12 apresentamos a resposta do aluno ao internauta que interage com ele:

Figura 12 – Resposta do Aluno 02 ao comentário do visitante de sua página



1 disse:

Bom [nome], sobre o que você quis dizer sobre evolução e revolução; eu acredito que a evolução vem decorrente da revolução, e não apenas uma evolução como um todo, e por que é uma revolução? irei citar um trecho do livro Sociedade em Rede de Manuel Castells, "Foram de fato, "revoluções" no sentido de que um grande aumento repentino e inesperado de aplicações tecnológicas transformou os processos de produção e distribuição, criou uma enxurrada de novos produtos e mudou de maneira decisiva das riquezas e do poder no mundo" só quê... há um detalhe! segunda citação do mesmo autor e livro, "Ao contrário das outras revoluções, as novas tecnologias da informação difundiram-se pelo globo com a velocidade da luz, por meio de uma lógica que ao meu ver, é a característica dessa revolução tecnológica: a aplicação imediata no próprio desenvolvimento da tecnologia gerada, conectando o mundo através da tecnologia da informação."

E sim, estamos em constante evolução, até porque essa é a maior característica de nós, seres humanos, se adaptar, inclusive nas novas tecnologias, como é o caso de transplantes de órgãos sintéticos, entretanto, por circunstância do capitalismo, não somos nós que criamos as demandas, e sim é imposta a nós para podermos comprar mais e gerar mais capital, pode perceber, ninguém havia A NECESSIDADE de se ter um aparelho celular à até pouco tempo atrás, porém apresentaram a nós um aparelho, que é capaz de fazer pessoas se comunicarem de ponta a ponta deste planeta em tempo real, e a partir daí percebemos que seria uma boa aquisição, daí começamos a demandar o dito, e como você mesmo disse, hoje estamos totalmente dependentes das novas tecnologias. e é bem fácil de perceber isso, pergunte a alguém se conseguem viver sem o dito aparelho celular?

Responder

Fonte: <<https://midiarising.wordpress.com/>>.

Ao dialogar com o internauta, o aluno revisita seu texto, reflete sobre ele para encontrar os argumentos necessários para transformar o comentário em um diálogo. E a riqueza do diálogo apresentado nas figuras 11 e 12 potencializa a aprendizagem em um processo contínuo.

Nesse sentido, Bakhtin (1997) apresenta o homem em permanente interação com os seus semelhantes através da linguagem e a escrita é apresentada como a transcrição codificada das vozes, possibilitando a transmissão dos sentidos dos diálogos. O autor ainda enfatiza que a própria existência humana está vinculada à comunicação dialógica e que a escrita é o percurso capaz de traduzir a voz humana, uma vez que ela é a portadora dos sentidos da existência, tanto sob o ponto de vista da estilística quanto da semântica. Nas palavras de Bakhtin, "vivo em um mundo povoado de palavras alheias. E toda a minha vida, então, não é senão a orientação no mundo das palavras alheias, desde assimilá-las, no processo de aquisição da fala, e até apropriar

-me de todos os tesouros da cultura”(BAKHTIN, 1997, p. 347-348). As vozes citadas por Bakhtin são as responsáveis pela construção do sentido e incitam respostas e o encontro do outro.

5.3 Os Caminhos da Escrita Hipertextual

A necessidade de se expressar, sejam sentimentos ou opiniões, acompanha o ser humano desde os tempos mais remotos. Kenski (2012) explica que, para viabilizar a comunicação, o homem criou um tipo especial de comunicação que é a chamada “tecnologia de inteligência”. Essa tecnologia é imaterial, existindo como linguagem e não máquina. A autora ainda reforça que “a partir da escrita se dá a autonomia da informação” (KENSKI, 2012, p. 31). Com ela, o homem passa a ter liberdade, não se restringindo à presença física do autor ou do narrador para que o fato seja comunicado. É o que Kenski explica a seguir:

A tecnologia da escrita, interiorizada como comportamento humano, interage com o pensamento, libertando-o da obrigatoriedade de memorização permanente. Torna-se, assim, ferramenta para a ampliação da memória e para a comunicação. Em seu uso social, como tecnologia de informação e comunicação, os fatos da vida cotidiana são contados em biografias, diários, agendas, textos e redações. Como tecnologia auxiliar ao pensamento, possibilita ao homem a exposição de suas ideias, deixando-o mais livre para ampliar sua capacidade de reflexão e apreensão da realidade (KENSKI, 2012, p.31).

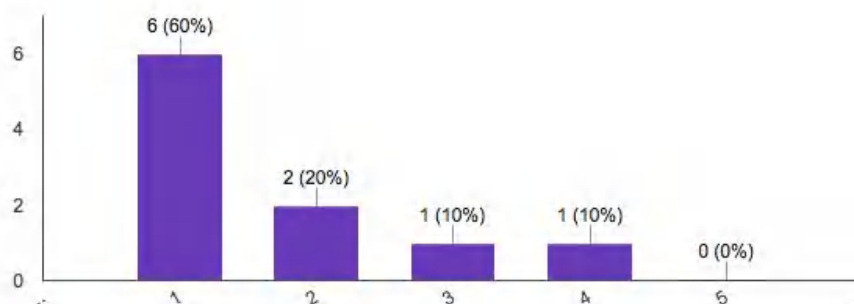
Com as tecnologias digitais, a escrita ganha novos suportes e novos gêneros e a linguagem digital, baseada em códigos binários, passa a ser utilizada para informar, comunicar, interagir e aprender. Apesar de utilizar uma linguagem mais simples do que a linguagem escrita da maioria dos gêneros de suportes físicos, assim como toda produção de um texto escrito, a escrita hipertextual também deve emergir de um processo. Quando o professor propõe uma produção hipertextual aos alunos, dá início a um processo no qual a atividade de escrita ganha vida através de um desencadeamento de uma seleção de atividades que tornam o escrevente o sujeito do seu texto, com certa consciência sobre o que escreve.

Ao longo do semestre, os alunos se empenharam no processo de produzir textos que abordassem as temáticas previstas na ementa da disciplina Sistemas Multimídia e Hiperfídia, além de outros textos que se interessaram autonomamente em escrever. Apesar da escrita não ser um processo fácil para escreventes que não possuem hábito de leitura e escrita frequentes, os alunos indicaram não ter dificuldade em relação à produção dos hipertextos para seus *blogs*, conforme demonstra o gráfico06, a seguir:

Gráfico 06 – Nível de dificuldade para a produção textual

E sobre a produção dos textos, qual foi o nível de dificuldade que encontrou?
(Marque de 1 a 5 conforme o grau de dificuldade)

(10 respostas)



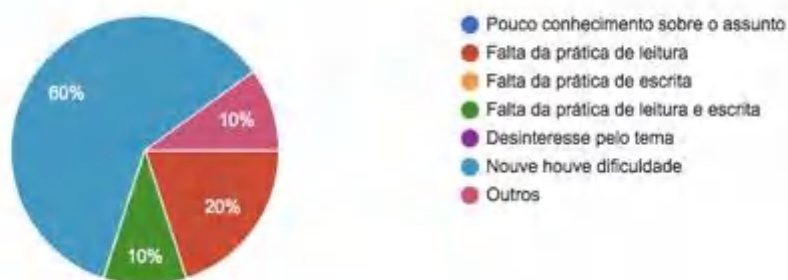
Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

O gráfico acima demonstra que 60% dos alunos não perceberam dificuldades em produzir seus textos para o *blog* e esse percentual corresponde ao mesmo número de alunos que não demonstraram dificuldades também no processo de criação dos *blogs*, conforme já apresentado no gráfico 05 e também com o gráfico 07, na sequência:

Gráfico 07 – As principais dificuldades encontradas na escrita dos textos do *blog*

Quais foram as principais dificuldades encontradas na escrita dos textos do seu blog?

(10 respostas)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

No gráfico 07, 60% dos alunos também confirmam não terem tido dificuldade na escrita como demonstrado no gráfico 06 e os 40% dos que indicam dificuldades, apontam que elas correspondem à falta da prática de leitura (opção escolhida por 20% dos alunos), falta da prática da leitura e da escrita (escolhida por 10% dos alunos) e outros motivos que foram indicados por 10% dos alunos pesquisados.

No entanto, a realidade apresentada traz para as salas de aula da graduação um público com dificuldades de leitura e escrita e, mesmo os sujeitos da nossa pesquisa respondendo ao questionário que não encontraram dificuldades em produzir seus *posts*, quando voltamos aos dados da nossa pesquisa, é possível perceber os textos de alguns estudantes afastando-se constantemente da norma culta da Língua Portuguesa. Há problemas relacionados à coerência, coesão e correção gramatical que serão apresentados a seguir. Uma vez que a disciplina não é relacionada à Língua Portuguesa e os alunos têm acesso a duas delas na sua matriz curricular do curso de Publicidade, não caberia uma intervenção mais intensa de nossa parte em relação a isso na disciplina em questão, mas, ainda assim, estabelecemos um diálogo com os alunos, no intuito de auxiliá-los na qualidade de seus textos. Exemplo disso é o que apresentamos na figura 13, correspondente a uma postagem do Aluno 04:

Figura 13 – *Post* do Blog Comunicadores de Primeira Viagem, do Aluno 4

VIAGEM AO MUNDO DO HIPERTEXTO.

Posted on 3 de outubro de 2014 by papodecasada



Olá Marinheiros estamos aqui mais uma vez para começar essa viagem marítima pelo mundo da comunicação, desta feita iremos falar sobre o Hipertexto, então não jogue a sua âncora, pois iremos navegar sem destino pelo universo dos links.

Segundo Pierre Lévy em seu livro "O que é o Virtual?" desde o período mesopotâmico o texto é algo que causa interesse nos seres humanos a escrita é capaz de hipnotizar muitos leitores, o texto é algo virtual, pois faz as pessoas pensarem através das palavras utilizando a memória como seu principal aliado para dar sentido às frases.

Os códigos da web trouxe para o texto digital a possibilidade de nos tele transportar através dos links e imagens do mundo virtual, quando estamos em uma página dentro de um determinado navegador somos bombardeados por oportunidades de irmos para outra página através de um simples click, e isso faz da web algo impressionante .

Parece mágico, não é pessoal? espero que vocês tenham gostado dessa pequena expedição pelo hipertexto para a viagem se tornar completa click no próximo link e voltem quando quiser.

https://www.youtube.com/watch?v=B_TxOBONcK0

Compartilhe isso:



Fonte: <<https://goo.gl/c6QXPB>>.

O Aluno 4 consegue construir sentido com o seu texto, uma vez que, conforme afirma Koch (2009), “o sentido do texto é [...] construído na interação texto-sujeitos” e a coerência diz respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual “vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos” (KOCH, 2009, p. 31), mas ele apresenta desvios de norma culta, como pontuação incorreta, falta de concordância verbal e erros quanto à acentuação gráfica, como exemplificamos na quadro 01:

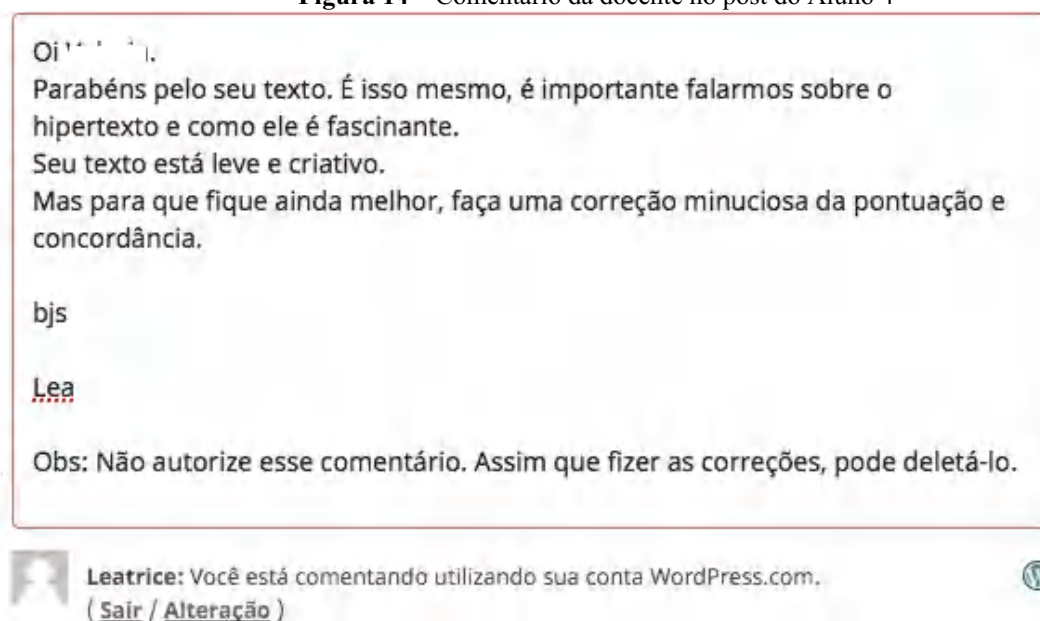
Quadro 01– Exemplos dos desvios cometidos no texto da figura 13

Desvios	Exemplos dos desvios cometidos no texto da figura 13
Pontuação	Segundo Pierre Lévy em seu livro "O que é o Virtual?" desde o período mesopotâmico o texto é algo que causa interesse nos seres humanos a escrita é capaz de hipnotizar muitos leitores, o texto é algo virtual, pois faz as pessoas pensarem através das palavras utilizando a memória como seu principal aliado para dar sentido às frases.
Concordância Verbal	Os códigos da web trouxe para o texto digital a possibilidade de nos tele transportar através dos links e imagens do mundo virtual, quando estamos em uma página dentro
Acentuação	sua ancora,

Fonte: <<https://goo.gl/c6QXPB>>.

Para auxiliá-lo, bem como aos demais alunos que precisavam fazer ajustes desse tipo em seus textos, escrevemos comentários privados nos próprios *blogs*, pedindo aos alunos que fizessem as correções necessárias. A opção por comentários moderados partiu de nós, com o objetivo, principalmente, de preservar o aluno em relação à privacidade das orientações dadas pela professora.

Figura 14 – Comentário da docente no post do Aluno 4



Fonte: Sistema Interno de Gerenciamento de Blogs do Wordpress, 2014.

Não foram feitas correções detalhadas e nem os alunos eram avaliados quanto à qualidade de seus textos, mas os comentários, como demonstrado na figura 14, tinham o objetivo de levar o aluno a reler seu próprio texto e estimulá-lo à reescrita para melhorá-lo. Como já dito, os comentários eram privados para não expor o aluno ao público em geral, e em sala de aula essas recomendações eram reforçadas. Esse movimento da escritura dos *blogs* fez parte do processo de Letramento Digital que, conforme afirma Xavier (2007, p. 03),

esta nova forma de aprendizagem se caracterizaria por ser mais dinâmica, participativa, descentralizada (da figura do professor) e pautada na independência, na autonomia, nas necessidades e nos interesses imediatos de cada um dos aprendizes que são usuários frequentes das tecnologias de comunicação digital.

A seguir, na figura 15, mais um exemplo de nossa intervenção com o objetivo de levar o aluno à correção e à reescrita de seu texto.

Figura 15 – Comentário no Blog Garota Publicitária, do Aluno 10

Um comentário sobre “Comunique-se!”



Leatrice

31 de agosto de 2014 às 21:22

Muito bom Leatrice,
Parabéns pelo blog.

Vou indicar uma pequena correção: substitua interajir por interagir.

bjs

★ Curtida

↳ Responder

Fonte: <<https://publicigirl.wordpress.com/2014/08/26/comunique-se/>>.

Na sequência, o texto corrigido pelo Aluno 10:

Figura 16 – Post de Apresentação do Blog Garota Publicitária, do Aluno 10



Meu nome é *Caroline Ferraz*, sou estudante de Comunicação Social- Publicidade e Propaganda.

O intuito desse blog é compartilhar, analisar e debater ideias sobre o campo da comunicação!

Portanto sintam-se a vontade para interagir!!!

Sejam bem-vindos e *Comunique-se!*

Fonte: <<https://publicigirl.wordpress.com/2014/08/26/comunique-se/>>.

Não obstante aos problemas textuais apresentados, de uma forma geral os alunos conseguiram se expressar bem, de acordo com as características hipertextuais que envolvem, dentre outras, uma linguagem simples, muitas vezes com a presença do chamado 'internetês' e multimidiática.

Komesu e Tenani (2015) explicam que o internetês é um tipo de escrita não convencional fundado nas características da Língua Portuguesa, mas que apresenta uma forte presença da fala na escrita. É o que exemplifica a figura 17:

Figura 17 – Post de Apresentação do Blog Pinguim Sertanejo, do Aluno 03

Pinguim Sertanejo

🕒 agosto 25, 2014 por *luciana sertanejo*

Um blog de comunicação, para comunicadores sociais e simpatizantes.

De conteúdo leve e plural, suas origens estão enraizadas no Sertão Baiano.

Uma dica? Lá vai...

- Aqui um pinguim pode sobreviver tranquilamente em alguns períodos do ano.

Quer saber mais?

Vem pra cá, bóra entrar!

Fonte: <<https://pinguimsertanejo.wordpress.com/>>.

O Aluno 03, na figura 17, escreve seu texto de apresentação do *blog* com uma linguagem muito leve e muito próxima da linguagem oral. Podemos destacar alguns termos que evidenciam a presença do internetês, como os seguintes: “*Lá vai...*” e “*bóra entrar*”.

O escrevente desse texto tem uma clara intenção de dialogar com seu leitor e essa conversa acontece de maneira escrita, mas tem forte presença da oralidade. Da mesma forma, o Aluno 05 escreve seu texto com uma forte presença da oralidade, como demonstra a figura 18:

Figura 18 – *Post* do Blog Conexão Publicitária, do Aluno 05

Olá galera conectada, como vcs estão? pois bem, vamos a um novo assunto .
 Nesse post de hj iremos falar de forma geral sobre as redes sociais e a cibercultura
 Com a tecnologia a cada dia nos surpreendendo mais e mais, a interação virtual também revolucionou, a mobilidade atrai e atrai muito, dessa forma as marcas se expandem cada vez mais, mostrando à que veio, atualmente as empresas conectadas, buscam agências publicitárias que criem campanhas (conceitos) que façam o cliente se sentir parte da marca
 Na cibercultura essa comunicação é feita para intensificar as relações entre “anunciante” e o “Comprador”, e assim o virtual vai dominando o mundo contemporâneo .
 A influência que as redes sociais têm sobre os consumidores, é muito grande, e as empresas estão ligadas nisso, pois os consumidores agora tem um grande poder em mãos
 As redes sociais estão divididas entre dois elementos, atores e conexão, os atores somos nós mesmos que representamos através dos elos sociais, interações e moldando as estruturas sociais, Quando se trata da internet, esses atores são representados de diversas maneiras no ciberespaço, pois bem, esses atores (nós) são representados por exemplo pelo weblog, fotolog, twitter e sem dúvidas também o facebook, já as conexões é formada pela interação social gerada pelos atores, tipo um comentário no facebook que vai ficar ali até que alguém o delete, e a partir disso se iniciam as interações
 Quem está mais conectado, são os consumidores da geração y, que tem conexão ilimitada a informações das redes e elevando o poder de decisão, essa mudança comportamental, é o casamento do conhecimento virtual com a realidade, as pessoas estão atentas ao que acontece em ambos os espaços, e é um grande desafio publicitário lidar com essa situação, o marketing precisa de adequar em uma comunicação de emissor e receptor, onde o receptor sempre vai dar uma resposta positiva ou negativa a mensagem.
 Esse foi o post de hj meu povo, o último post acadêmico, espero que tenham gostado do trabalho desenvolvido até aqui, bjos bjos e até qualquer hora, fiquem conectados ! 😊

Fonte: <<https://goo.gl/PkdV7L>>.

No texto do aluno 05, na figura 18, é possível perceber tanto a presença da linguagem coloquial e relacionada à oralidade quanto das abreviaturas que também são próprias do internetês. Vejamos alguns exemplos, conforme o quadro 02:

Quadro 02 – Abreviaturas utilizadas no *Post* do Blog Conexão Publicitária (Figura 18)

Linha	Abreviatura	Palavra correspondente
01	vcs	Vocês
02	hj	Hoje
19	bjs	Beijos

Fonte: Própria Autora, 2016

Os tipos de abreviaturas apresentados no texto do aluno 05 compreendem as abreviaturas formadas essencialmente pela omissão das vogais. Komesu e Tenani (2015) explicam que:

A abreviação consiste em processo linguístico de reduzir/encurtar palavras, e esse processo não é exclusivo da escrita no internetês, embora haja abreviaturas que mais frequentemente ocorrem em textos que circulam no ambiente digital. No entanto, na internet, abreviar pode ser visto como modo de enunciação escrito, marcado por propósito comunicativo, dividido, compartilhado entre os escreventes, num suporte material que, muitas vezes, se dá em comunicação síncrona, isto é, simultânea, ainda que os participantes se encontrem em diferentes lugares geográficos no mundo (KOMESU & TENANI, 2015, p. 56).

Sob essa perspectiva enunciativo-discursiva, as abreviações do internetês podem ser percebidas também como resultantes da relação sócio-histórica do escrevente com o seu interlocutor.

No texto do aluno 07, presente na figura 19, é possível perceber, também, na última linha, a existência de um *emoticon*. Os *emoticons* são como uma linguagem pictográfica e têm sido muito utilizados no ambiente digital para facilitar a comunicação contemporânea, objetivando, de maneira especial, exprimir os sentimentos que na escrita são difíceis de ser expressos, enquanto na fala ficam claros pelas expressões corporais e/ou entonação de voz.

Figura 19 – Trecho do último *post* do Blog Linkar, do Aluno 07

Esse semestre tá chegando ao fim... Ahhhhhh... 😊 Mas nada de tristeza, porque afinal estamos conectados, porém, chegamos ao ultimo post de 2014... Nesse semestre fizemos uma viagem na historia da internet, a forma como ela entrou em nossa vida, sua evolução e como ela ainda está tão presente em nosso meio, mas hoje pra finalizar com chave de ouro: “Geração Y e publicidade nas redes sociais” \o/!

Fonte: <<https://goo.gl/IZmHun>>.

O internetês aparece novamente no trecho do *post* do Aluno 07, com a presença do diálogo com o leitor, expressões próprias da oralidade (“Ahhhhhh”) e *emoticons*. Como Xavier (2004) reforça, o hipertexto se apresenta como uma “forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2004, p. 171).

Assim, texto, imagem, figuras, áudio, animação e vídeo podem se integrar, a fim de possibilitar o efetivo acontecimento da comunicação. E os alunos foram, muitas vezes, além do texto escrito. Em todos os *blogs* foi possível identificar a presença de duas ou mais modalidades diferentes de linguagem. Eles lançaram mão de vídeos, fotos, desenhos e até mesmo produziram seu próprio *podcast*, que é um miniprograma de rádio publicado na *web*, conforme demonstra a figura 20:

Figura 20 – *Podcast* produzido pelo aluno 08 para o Blog Agora Sou Publicitário



Fonte: <<https://agorasoupublicitario.wordpress.com/>>.

Nesse *podcast*, o Aluno 08 aborda, em doze minutos, o conceito de Cibercultura, bem como suas características, contextualizando-as ao contexto da sociedade contemporânea. Acreditamos que, por ser uma mídia e uma linguagem nova, na gravação do áudio o aluno se utilizou de uma comunicação formal que contrasta com a leveza e informalidade de seus textos escritos no blog Agora Sou Publicitário. No entanto, evidencia-se a característica da multimídia que é possível ao hipertexto, com a convergência de diferentes tipos de mídias, não se restringindo a comunicação apenas ao texto escrito. Nesse sentido, os alunos souberam se aproveitar dessa característica, como fica evidenciado no blog Conexão Publicitária, em que texto, vídeo, foto e desenho são explorados pelo aluno, demonstrado no quadro 03, a seguir:

Quadro 03 – Postagens multimídia do Blog Conexão Publicitária, do Aluno 05

Texto e Vídeo	Texto e Foto	Texto e Desenho
---------------	--------------	-----------------



Fonte: <<https://publicitarioconectado.wordpress.com/>>.

Os exemplos demonstrados no quadro 03 evidenciam parte da riqueza que é a escrita hipertextual, em que se extrapola a ideia de linearidade e, como explica Xavier (2002), é preciso “abandonar o sistema conceitual baseado nas ideias de centro, margem, hierarquia, linearidade, para dar lugar à multiplicidade, aos nós, às ligações, às redes, condições e possibilidades apresentadas pela Pós-Modernidade” (XAVIER, 2002, p. 37). E, com essas características, o hipertexto também altera não só as formas de produção textual como também as formas de acesso às informações, transformando-se em um “espaço virtual inédito e exclusivo no qual tem lugar um modo digital de enunciar e construir sentido” (XAVIER, 2002, p. 37).

Um dos objetivos da nossa pesquisa foi o de verificar como o *blog* aproxima o aluno da prática da escrita e, ao final do semestre, os alunos foram solicitados a produzir cinquenta textos e alcançamos o número de cinquenta e quatro *posts*, sendo quarenta e quatro referentes à solicitação docente e dez foram produzidos por iniciativa própria do aluno.

5.4 Os Caminhos do Aprendizado

O aprendizado envolve a reconstrução daquilo já apropriado em momento anterior, mas, ao aprender, o aprendiz torna um determinado conhecimento mais complexo, adicionando a ele novos significados e relações e é por meio da linguagem que se evidencia tal aprendizado. Nesse processo de reconstrução e atualização permanente da realidade, os aprendizes se

assumem sujeitos e participantes dessas transformações e é notória a relação muito estreita entre o aprender e a linguagem. Vigotsky (1989) explica que a formação de conceitos é um processo criativo que tem início na infância, mas é na juventude que tal função intelectual se desenvolve. Isso se dá, segundo o autor, em função da experiência, do contexto histórico-cultural e das vivências do sujeito, uma vez que é na relação entre o indivíduo e o contexto que ocorre a apropriação dos significados que vão ajudar a formar novos conceitos.

Nesse sentido, a experiência com a escrita em *blogs* teve o objetivo de auxiliar os jovens alunos na apropriação e ressignificação dos conceitos com os quais tiveram contato através da aula, na tradicional sala de aula, e na leitura do material bibliográfico indicado pela docente.

Ao longo do semestre letivo, os alunos foram solicitados a escreverem em seus respectivos blogs sobre cinco temas: (1) A Sociedade em Rede; (2) O que é a Web?; (3) O que é o Virtual?; (4) A Comunicação e o Marketing na Ciberultura; e (5) Redes Sociais. Essas temáticas foram analisadas considerando-se os critérios de: adequação ao tema proposto, construção hipertextual (verificou-se se os alunos construíram seus *posts* com a presença de elementos multimidiáticos como vídeos, imagens, *links* e outros para complementarem o texto escrito), presença de reflexão crítica da leitura realizada. Sobre essa reflexão crítica, vale salientar que, por se tratar de um *blog*, não pretendíamos aprofundamento. Na sequência, analisamos se os alunos fizeram produções autônomas e verificamos a correlação delas com os assuntos trabalhados em sala de aula.

A seguir, faremos a análise da produção dos dez alunos pesquisados para cada um desses temas solicitados, bem como o que foi produzido para além da solicitação da professora.

A fim de identificarmos os alunos, cada um deles recebeu o código, conforme demonstrado abaixo:

- A1 – Aluno 01
- A2 – Aluno 02
- A3 – Aluno 03
- A4 – Aluno 04
- A5 – Aluno 05
- A6 – Aluno 06
- A7 – Aluno 07
- A8 – Aluno 08

- A9 – Aluno 09
- A10 – Aluno 10

Quanto à análise do desempenho, utilizamos a numeração de um a quatro para classificar as postagens dos estudantes, dentro dos critérios estabelecidos, de acordo com o alcance pretendido, como explicitado abaixo:

- 1 – não atende
- 2 – atende parcialmente
- 3 – atende
- 4 – não produziu o *post*

a) A Sociedade em Rede

Nessa temática, os alunos tiveram acesso ao livro *A Sociedade em Rede*⁴, de Manuel Castells e, para escrever sobre esse primeiro assunto, precisaram realizar a leitura do capítulo um. Para a produção textual nos *blogs*, foram orientados a, após a leitura, escreverem um texto, explicando como a internet surgiu e evoluiu. Esse seria o primeiro texto para fins avaliativos produzido pela turma, mas a ideia era que eles fossem se familiarizando, aos poucos, com o gênero *blog* e com o processo de produção hipertextual.

A tabela 01 demonstra o resultado alcançado com a escrita sobre o tema, nos *blogs*:

Tabela 01 – Resultado das produções dos alunos

Critérios Analisados	Resultado									
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Adequação ao tema	3	3	4	3	3	3	3	3	3	3
Presença de reflexão crítica da leitura realizada	3	2	4	2	3	3	3	3	3	3
Construção hipertextual com elementos além de texto escrito	3	3	4	1	1	3	3	3	1	1

Fonte: Dados da pesquisa, 2014.

Quando pedimos aos alunos que escrevessem sobre **A Sociedade em Rede**, somente o Aluno 03 não produziu tal *post*. Todos os demais conseguiram abordar corretamente o assunto. Nove alunos trataram o tema com um olhar também reflexivo, sendo que, destes, dois foram avaliados como atendendo parcialmente. Além do texto escrito, cinco alunos apresentaram, também, a imagem do livro base para a escrita do *post* como imagem ilustrativa, configurando uma escrita multimidiática, característica do hipertexto. Considerando-se tais dados, é possível perceber que, de modo geral, o aprendizado é demonstrado de forma satisfatória pelos alunos através da produção hipertextual, apresentada em seus respectivos *blogs*.

Vejamos, a seguir, como o Aluno 05 aborda a temática (figura 21):

Figura 21 – Postagem do Aluno 05, no blog Conexão Publicitária, sobre a Sociedade em Rede

Livro da semana : A sociedade em rede- Autor : Castells,Manuel.

© setembro 4, 2014 por jacksongommes

Bom galera.. no embalo de tudo que tem ligação com tecnologia ,vou falar hoje de um livro que retrata um pouco sobre o seu avanço..

o autor faz um apanhado a tudo que se refere aos avanços tecnológicos ,por uma linguagem digital comum.

Vou focar aqui no capítulo 1: A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO .

O autor afirma que a tecnologia da informação é um evento histórico ,que por ventura tem a mesma importância da revolução industrial

O interessante é que o que caracteriza essa atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação,mas a aplicação desses conhecimentos e desta informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento da informação,com toda essa rapidez do ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia ,a tecnologia amplifica seu poder ,à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem

Uma outra característica da Revolução da tecnologia da informação em relação a outras revoluções tecnológicas , é que ocorre somente em algumas sociedades,e foram difundidas em áreas geográficas limitadas ,já a revolução da tecnologia da informação difundiu-se pelo mundo em menos de duas décadas .

Devido a sua penetrabilidade em todas as esferas da atividade humana , a Revolução da tecnologia da informação é o ponto inicial de Castells para analisar a complexidade da nova economia ,sociedade e cultura em informação

O livro tem uma leitura um pouco cansativa e reque paciência..mas fica a dica... nesse capítulo o Autor faz comparações com a ligação da Revolução tecnológica com a Revolução industrial,entre outras coisas..

Então galera ,quem quer aprofundar nesse tema,podem ler esse livro..pois ele irá ajudar..tenha paciência e aproveitem !

Fonte: <<https://publicitarioconectado.wordpress.com/2014/09/04/livro-da-semana-a-sociedade-em-rede-autor-castellsmanuel/>>.

O Aluno 05, como demonstrado na figura 21, aborda resumidamente o pensamento de Castells no capítulo 01, conseguindo discorrer adequadamente sobre a proposta temática e também alcança a capacidade de se posicionar diante da leitura que realizou do livro. Isso mostra que o aprendizado aconteceu a ponto dele conseguir se expressar a respeito do que foi proposto sem necessidade de se limitar à reprodução do que o autor disse, mas refletindo sobre

tais dizeres. Observemos no seguinte trecho como o aluno promove essa reflexão: “O interessante é que o que caracteriza essa atual revolução tecnológica não é a centralidade de conhecimentos e informação, mas a aplicação desses conhecimentos e desta informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento da informação, com toda essa rapidez do ciclo de realimentação entre a introdução de uma nova tecnologia, a tecnologia amplifica seu poder, à medida que os usuários apropriam-se dela e a redefinem. (...) O livro tem uma leitura um pouco cansativa e reque paciência... mas fica a dica... nesse capítulo o Autor faz comparações com a ligação da Revolução tecnológica com a Revolução industrial, entre outras coisas” (ALUNO 05).

O aluno compreende o pensamento de Castells e comenta-o, inclusive, emitindo juízo de valor e recomendando sua leitura aos seus leitores.

Já o Aluno 04 não alcança o mesmo nível de proficiência, uma vez que seu *post* sobre a Sociedade em Rede fica muito mais atrelado aos ditos do autor do que, propriamente, procurar fazer uma reflexão particular a respeito. Vejamos seu texto, na figura 22.

Figura 22– Postagem do Aluno 04, no blog Comunicadores de Primeira Viagem, sobre a Sociedade em Rede

REFLEXÕES SOBRE A REVOLUÇÃO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Publicado em 5 de setembro de 2014

Observei lendo o livro “A sociedade em rede” que o seu autor considera como tecnologia da informação a informática a eletrônica e a biologia. Sua intenção é de mostrar a importância da revolução da tecnologia da informação e de como ela penetra em todas as atividades da área humana, transformando assim o pensamento do ser humano em tecnologias palpáveis, esse processo da comunicação e da informação me chamou muita atenção principalmente sobre um termo utilizado pelo autor chamado computação ubíqua que significa a adaptação do homem de forma integrada com a tecnologia, só de imaginar o ambiente se modificando através de simples ações humanas como olhar para a direita e para a esquerda, caminhar, bater palmas, fazendo com que aparelhos funcionem já me deixou impressionada.

Tivemos um grande passo para a comunicação com a criação dos computadores e da internet. O primeiro computador Chamado de Eniac criado em 1946, de lá para cá muita coisa mudou e o computador deixou de ser aquela gigantesca parafernália nos servindo de maneira extremamente prática hoje em dia, já a internet foi criada em primeiro de setembro de 1969 com o nome de Arpanet. Com estas grandes e fortes criações propicia-se desde aquela época até hoje a propagação e interação de idéias de todos os gêneros.

Nos dias de hoje somos quase que totalmente dependentes da tecnologia da informação, algo que há pouco tempo foi criado, mas que se tornaram indispensável e muito importante para nossas vidas.

Fonte: <<https://comunicadoresdeprimeiraviagem.wordpress.com/2014/09/05/reflexoes-sobre-a-revolucao-da-tecnologia-da-informacao/>>.

O texto da figura 22 demonstra que o Aluno 04 fez a leitura do texto-base, mas não o compreendeu em profundidade, pois quando ele relata que “observei lendo o livro ‘A sociedade em rede’ que o seu autor considera como tecnologia da informação a informática a eletrônica e a biologia”, Castells, na verdade, relaciona informática, eletrônica e a biologia à redes tecnológicas. Ademais, o aluno apresenta os trechos do livro que mais chamaram sua atenção e apresenta um dado histórico, sem marcar os pontos mais importantes do texto para a formação da Sociedade em Rede, como fez o Aluno 05.

Mas, no geral, como vimos, os alunos conseguiram compreender que Castells fez um levantamento histórico da *web*, demarcando os principais fatos para apresentar a Revolução da Informação pela qual a sociedade está passando e que será responsável por importantes transformações da vida social, econômica, tecnológica e cultural da humanidade.

b) O que é a Web?

Nessa segunda postagem, os alunos foram convidados a refletirem sobre o conceito de *Web*, ainda embasados no mesmo livro lido na semana anterior, cujos resultados foram apresentados na seção que antecedeu essa.

Os resultados alcançados com essas publicações podem ser observados através dos dados apresentados na tabela 02:

Tabela 02 – Resultado das produções dos alunos

Critérios Analisados	Resultado									
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Adequação ao tema	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3
Presença de reflexão crítica da leitura realizada	3	3	3	1	2	1	1	1	3	3
Construção hipertextual com elementos além de texto escrito	3	3	3	3	3	3	3	3	3	3

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Nessa tabela, observamos que todos conseguiram abordar corretamente o conceito de *web* e o fizeram utilizando de imagens e/ou *links* externos ao *blog*, mas 60% trataram o tema com um olhar também reflexivo, sendo que, destes, um foi avaliado como atendendo parcialmente e cinco, completamente, o que significa que conseguiram transpor uma abordagem apenas conceitual, ou seja, não se limitaram a, simplesmente, apresentar o conceito

que Castells formula para a *web*. No entanto, 40% se restringiram a apenas apresentar, limitadamente, tal conceito relacionado à *web*. Apesar de ser maioria aqueles que conseguem demonstrar adequadamente o aprendizado do conteúdo, consideramos que 40% é um número alto de alunos que não alcançam o resultado esperado. Diante da leitura e análise que fizemos das postagens dos alunos, nossa hipótese para esse resultado é de que a escrita dos 40% que não apresentaram uma reflexão crítica do tema foi feita mais voltada ao conhecimento de senso comum do que para a base teórica, uma vez que a leitura de um capítulo do livro *A Sociedade em Rede*, de Manuel Castells, foi feita na semana anterior para a escrita do *post*, em que os resultados foram apresentados na letra **a** desta seção(p. 87).

Na figura 23, a seguir, demonstramos a postagem do aluno 01, que apresenta satisfatoriamente o conteúdo, faz uma reflexão sobre ele e se comunica também através da imagem.

Figura 23 – Postagem do Aluno 01, no blog The Expedition, sobre o que é a WEB

O que é web?

Publicado em 12 de setembro de 2014

Com a criação da internet no período da guerra fria na década de 60 e logo após o termino da mesma, a tecnologia foi adotada pelas universidades do Estados Unidos! Logo veio a criação da web a world wide web a www "teia do tamanho do mundo" por sua condição de conectar todo o mundo em uma teia de conexões, a web propicia o acesso a qualquer site executados através da internet.

Hoje isso se expandiu ainda mais pode ser acessado não apenas computadores como no início, mas também em pequenos aparelhos como celulares e tablets e com a criação das mídias sociais, veio à interatividade a comunicação e trocas de culturas entre povos do mundo inteiro no mesmo lugar, sem fronteiras, sem distâncias! O alcance proporcionado é enorme e sua capacidade de replicação é fenomenal tornando-se muitas vezes virais. O poder de divulgação de um fato é rápido e esse interesse por esta informação pode proporcionar boas possibilidades de compartilhamento.

No mundo físico, temos as estradas como um bom exemplo de distribuições e expansão de variadas culturas não deixa de ser também uma rede, porem ela não a agilidade, a velocidade do ir e vir que a web tem!

A Web segue três fases Web 1.0 que podemos definir como o início de tudo, onde ainda não havia uma organização definida, mas que foi de suma importância para o que vivemos hoje, talvez o grande boom da tecnologia, e era algo que até então quebrou enormes barreiras.

Na Web 2.0 surgiu as mídias sociais, a explosão da comunicação entre os povos, o nascimento do facebook, myspace, youtube, o mundo não era mais o mesmo, as fronteiras praticamente não existia mais.

Já na Web 3.0 vem à organização e evolução das demais, devido a grande demanda de pessoas, online na internet em todos os tipos de aparelhos e a sua longa permanência conectadas, logo entenderam que a web teria que ser mais focada em cada uma das pessoas, entender o gosto de cada uma delas é de importância crucial para o futuro comercial dentro desta rede.

É termo "teia de rede" não deve ser à toa, apenas para propor a questão da comunicação! Mas para lembrarmos, que como a teia de uma aranha, ela é forte apesar de ser quase invisível e aparentar fragilidade, e é adesiva, pregar, prender, praticamente é impossível da presa se livrar dessa rede! Quer dizer que somos presas dessa rede? Se pensarmos muito bem, de certa forma sim e sua força invisível mostra muito bem, pois podemos tocar e ver a web? Não! Mas a necessidade de bom convívio com ela, é de fundamental importância! Não dá mais para viver sem estar entrelaçado à essa rede!



Fonte: <<https://theexpeditionblog.wordpress.com/2014/09/12/o-que-e-web/>>.

Ao terminarmos a leitura da postagem, percebemos que o Aluno 01 conceitua claramente a *web* (“teia do tamanho do mundo”), bem como sua função, quando ele afirma que a “a *web* propicia o acesso a qualquer site executados através da internet”. Contudo, ele vai além e explica aos seus leitores o que significa a *web* através também de um levantamento histórico, indicando a evolução pela qual ela passou e sua importância. Valendo-se da possibilidade hipertextual, o Aluno 01 acrescenta, ao final do seu texto, uma imagem com função ilustrativa, tornando-o multimídia.

Diferentemente do Aluno 01, a postagem do Aluno 06, apesar de abordar corretamente o tema em questão, limita-se a apresentar o conceito de *web*, sem ir além disso, como demonstrado na figura 24:

Figura 24 – Postagem do Aluno 06, no blog Espaço 201, sobre o que é a WEB

set
12

A rede de alcance mundial: O WWW.



Todos nós utilizamos o WWW, mas nem todos sabem ou já se interessaram em saber o que significa essa sigla. Nada mais agradável do que o conhecimento. Vou falar brevemente sobre o assunto só pra refrescar mais a cabeça de vocês.

Bem, o WWW – que significa rede de alcance mundial – é uma plataforma de gerenciamento de informações que foi desenvolvida com o objetivo de organizar as informações e ligar os hipertextos a vários computadores através da internet. Tudo isso foi ideia do gênio Tim Berners-Lee, um físico do CERN – Organização Européia para Pesquisa Nuclear, lá em Março de 1989.

Deu pra entender melhor? Matou essa pulguinha atrás da orelha?

Conheçam mais um pouco. O link que segue abaixo te levará para um site bem legal com as informações mais detalhadas sobre o WWW.

<https://sites.google.com/site/historiasobreossitesdebusca/www-world-wide-web>

Fonte: <<https://espaco201.wordpress.com/2014/09/12/a-rede-de-alcance-mundial-o-www/>>.

Percebemos, na postagem do Aluno 06 que, no parágrafo 01, ele chama seu leitor para entender o significado do WWW e, no parágrafo 02, em 05 linhas, descreve o significado da sigla. No final do seu texto, indica um *link* para o leitor que se interessar em aprofundar o tema, mas ele mesmo não vai além de um conceito simples. Esperávamos que os alunos pudessem, além de conceituar o significado da sigla, indicar os diferentes marcos pelos quais passou a *web* e seus respectivos significados, como fez o Aluno 01 e os demais que atenderam ao critério de adequação e reflexão crítica sobre o tema proposto.

c) *O que é o virtual?*

Para a escrita sobre *O que é o Virtual?*, os alunos tiveram de realizar a leitura do capítulo 03, do livro⁵ que leva esse mesmo nome, do filósofo Pierre Lévy. Nessa obra, Lévy apresenta o mundo novo surgido pela virtualização propiciada pela Cibercultura. A partir da leitura da obra, o aluno deveria postar, em seu respectivo *blog*, um texto explicando o que significa o mundo virtual, especialmente as transformações possibilitadas à comunicação através do que disponibiliza o hipertexto ao leitor e ao escritor, considerando o pensamento do autor.

Como resultados dessas postagens, foram alcançados os seguintes dados, demonstrados na tabela 03:

Tabela03 – Resultado das produções dos alunos

Critérios Analisados	Resultado									
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Adequação ao tema	3	3	3	2	3	3	3	4	3	3
Presença de reflexão crítica da leitura realizada	3	3	3	1	2	3	2	4	3	3
Construção hipertextual com elementos além de texto escrito	3	3	3	3	3	3	3	4	3	3

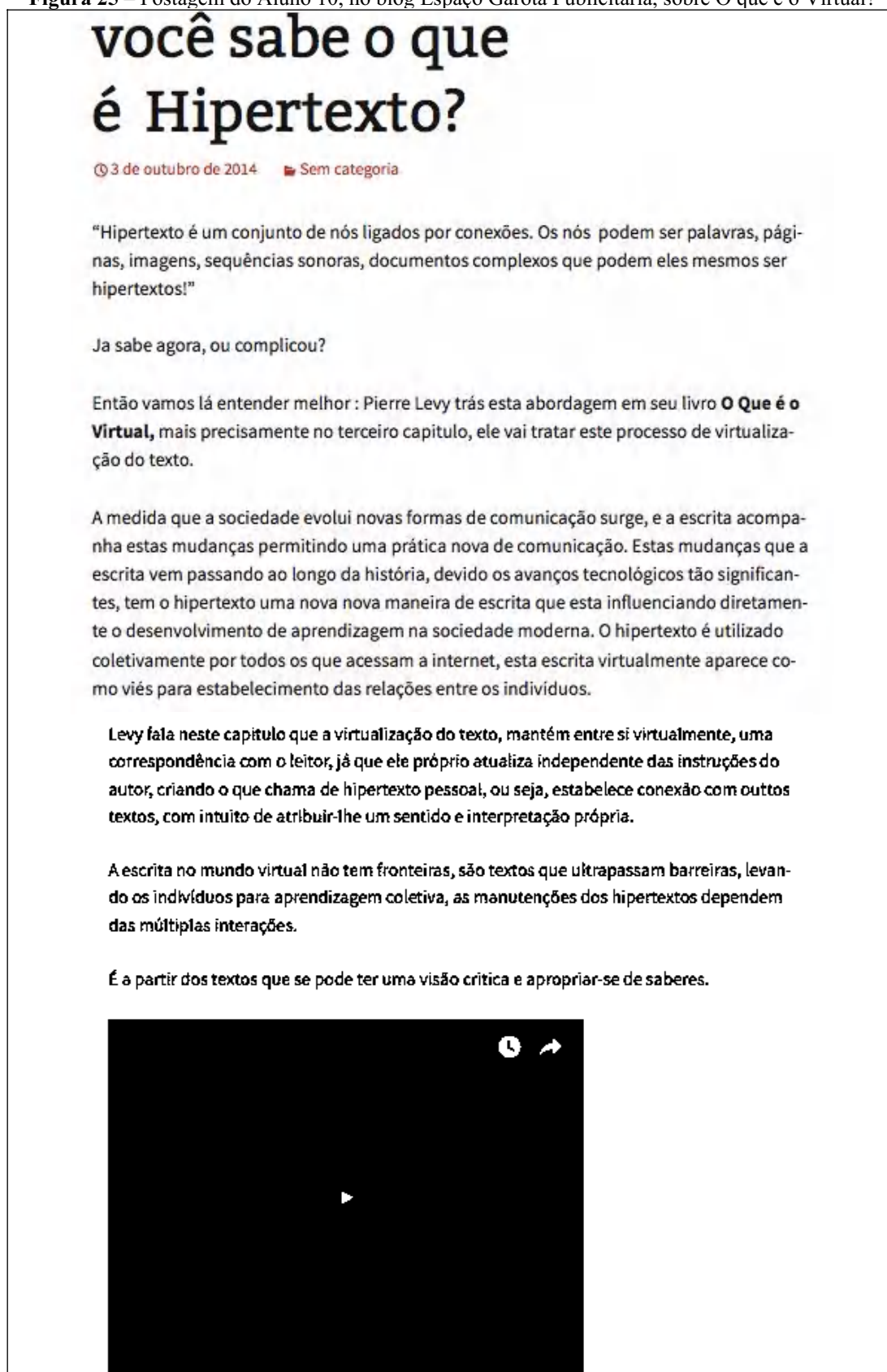
Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

O Aluno 08, do blog **Agora Sou Publicitário** não produziu o texto solicitado, mas oito alunos escreveram adequadamente sobre o tema, abordando a questão do hipertexto. Destes, todos complementaram seus textos escritos com imagens, vídeos e/ou *links* externos aos *blogs*. Seis deles escreveram textos com clara presença de reflexão individual, mas dois atenderam parcialmente a esse item, pois construíram seus textos vinculando-os muito à abordagem da bibliografia indicada e com pouca reflexão. Já no *post* do Aluno 04, constatamos que ele não

atendeu a esse critério, por ter apresentado um texto que não alcança a discussão realizada por Lévy e apresenta informações superficiais ao leitor, sobre o hipertexto.

Em contrapartida, o Aluno 10 consegue conceituar, discutir o conceito e complementar a informação com a indicação de um vídeo que ele posta em seu próprio *blog*, como evidencia a figura 25:

Figura 25 – Postagem do Aluno 10, no blog Espaço Garota Publicitária, sobre O que é o Virtual?



Fonte: <<https://publicigirl.wordpress.com/2014/10/03/voce-sabe-o-que-e-hipertexto/>>.

A figura 25 nos mostra como o Aluno 10 alcança a compreensão do pensamento de Levy e é capaz de explicá-lo aos seus leitores. Ele inicia sua postagem com um trecho, em citação direta, da obra de Levy, que serviu como texto-base para sua escrita e, em seguida, explica seu significado de maneira adequada e, na sequência, reflete sobre esse significado ao dizer que “a escrita no mundo virtual não tem fronteiras, são textos que ultrapassam barreiras, levando os indivíduos para aprendizagem coletiva, as manutenções dos hipertextos dependem das múltiplas interações”. Para encerrar seu *post*, o aluno complementa sua informação com a inserção de uma entrevista de Pierre Levy, em vídeo, em que ele fala sobre esse tema e sobre as profundas alterações pelas quais a sociedade tem passado e passará devido à virtualização das relações socioculturais.

d) *Comunicação e o Marketing na Cibercultura*

Nesse quarto tema, os alunos foram subsidiados pela leitura do capítulo um do livro *Comunicação Multimídia*⁶, intitulado *A Comunicação e o Marketing na Cibercultura*, cuja autora pretendeu apresentar as tecnologias de comunicação e suas utilizações pela publicidade e pelo marketing como ferramentas estratégicas para intensificar as relações entre organização e seus públicos-alvo. Foi sobre isso que os alunos escreveram e os resultados estão indicados na tabela 04:

Tabela 04 – Resultado das produções dos alunos

Critérios Analisados	Resultado									
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Adequação ao tema	3	4	3	3	3	3	3	3	4	3
Presença de reflexão crítica da leitura realizada	3	4	3	3	3	3	3	3	4	3
Construção hipertextual com elementos além de texto escrito	3	4	3	3	3	3	3	1	4	1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Quando trabalhamos a temática mais voltada à futura prática profissional do aluno, percebemos maior expressividade nos textos apresentados. Dos dez alunos, dois não escreveram sobre a temática, mas 100% dos que escreveram, além de produzirem textos adequados ao tema proposto, o fizeram não apenas reproduzindo as ideias do texto base, mas refletindo sobre ele.

Ao identificarmos a presença de um texto multimidiático, dois alunos limitaram-se a se comunicar apenas pelo texto escrito, enquanto seis, além desse, também lançaram mão de imagem e/ou *link* externo para conteúdo referente ao assunto, a exemplo do Aluno 03, como demonstrado na figura 26:

Figura 26 – Postagem do Aluno 03, no blog Pinguim Sertanejo, sobre A Comunicação e o Marketing na Ciberultura

Marketing na Ciberultura

Q dezembro 5, 2014 por I



É sabido que o consumo é estimulado a partir de estratégias de marketing, de comunicação de massa e de nichos específicos, objetivando sempre facilitar ainda mais o consumo e as relações. Com a era digital, formam-se "comunidades virtuais" (RHEINGOLD, 1998), com dinâmica própria e envolvem os consumidores de forma a conhecê-los sempre melhor e, assim, quem sabe, antecipar comportamentos que sirvam como dados para o mapeamento de tendências de consumo, influenciados pelo webmarketing e pela publicidade.

O marketing, a mídia, a publicidade, a web e as tecnologias de comunicação estão consolidando negócios, informações e ideias. Essa mistura constante de informações, entretenimento, notícias criam uma corrente infinita de novos desafios e novas formas de fazer negócios tanto na comunicação como no marketing.

A nova ferramenta de venda passa a ser a simpatia e o carisma através da interatividade com o cliente que está do outro lado da tela.

A publicidade tem como uma de suas funções criar necessidades em novos nichos e subnichos, utilizando a arma clássica da sedução, a qual é amplamente explorada. A publicidade estimula uma sede de consumo que já existe na sociedade, salientando a beleza feminina e o consumo das mulheres, por exemplo. A publicidade não consegue fazer com que se deseje o indesejável. Nos países europeus ricos, a obsessão pelo ter passou. Hoje, "as grandes preocupações são com o desemprego, com a insegurança, com o futuro, com a educação das crianças, com a nova qualidade de vida e com novas formas de espiritualidade". (LIPOVETSKY, 2004, p.34).

No Brasil, a obsessão pelo "ter" vai demorar muito para acabar; portanto, a publicidade ainda tem seu lugar garantido. Para Lipovetsky, "no fundo, é bobagem afirmar que a publicidade impõe algo. Ela amplia a aspiração ao bem-estar. Amplia, insisto, não cria. A publicidade faz vender, sem impor mecanicamente comportamentos ou produtos". (2004, p.36).

A sociedade encontra-se na era da informação, deslocando-se para a era da recomendação, do boca a boca virtual, através dos nichos e subnichos. A comunicação é muito ampla na web e na própria Ciberultura, essa faceta intrigante de cada meio de comunicação, podendo ser estudado profundamente através das comunidades como a da Barbie no orkut, nos jogos, no e-commerce e nas lojas reais que revendem produtos; e, claro, no próprio comportamento dos consumidores que consomem a marca. O que evidencia que a Web 2.0 colaborativa tem sido explorada pelas ferramentas e estratégias de comunicação e webmarketing para aprofundar as relações com seus nichos específicos.

Fonte: <<https://pinguimsertanejo.wordpress.com/2014/12/05/marketing-na-cibercultura/>>.

Com o seu *post*, o Aluno 03 demonstra ciência das ideias do autor do texto-base e reflete adequadamente sobre elas, indicando ter alcançado o aprendizado esperado sobre o assunto. Iniciando seu *post* com uma figura que ilustra o consumo, o aluno dá sequência a ele com as ideias introdutórias presentes no texto-base que esclarecem o papel do marketing para o estímulo ao consumo e como “o marketing, a mídia, a publicidade, a web e as tecnologias de comunicação estão consolidando negócios, informações e vida”. Em seguida, no parágrafo 04, linhas 1-6, são apresentadas reflexões que se relacionam ao texto-base, mas não foram retiradas dele. O aluno consegue acessar seu referencial de conhecimento para dialogar com a citação que apresenta logo na sequência. E continua seu texto demonstrando compreender o sentido transmitido por Sprandel (2009).

e) *Redes Sociais*

Para abordarem o conceito de Redes Sociais, os alunos leram o capítulo três do livro *Redes Sociais na Internet*⁷, da pesquisadora Raquel Recuero. Em seus respectivos *blogs*, apresentaram suas considerações sobre o tema, com o objetivo de demonstrarem que apreenderam tanto a conceituação quanto a importância que as redes sociais possuem para as relações sociais contemporâneas.

Quanto ao alcance do aprendizado pretendido, a tabela 05 indica os resultados:

Tabela 05 – Resultado das produções dos alunos

Critérios Analisados	Resultado									
	A1	A2	A3	A4	A5	A6	A7	A8	A9	A10
Adequação ao tema	4	3	3	3	3	3	3	3	4	3
Presença de reflexão crítica da leitura realizada	4	2	3	2	2	2	2	3	4	3
Construção hipertextual com elementos além de texto escrito	4	1	3	3	3	3	1	3	4	1

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Nessa última publicação que solicitamos aos alunos, percebemos uma diferença quanto aos resultados alcançados. Dos dez alunos, dois não escreveram as publicações e dos oito que postaram adequadamente sobre o tema, identificamos que cinco produziram *posts* mais superficiais, que atenderam apenas parcialmente ao que se esperava em relação à presença de uma reflexão crítica do tema. Acreditamos, como hipótese, que esse fato se deve ao momento

em que a escrita do texto aconteceu, que equivaleu ao final do semestre, em que os alunos estavam sobrecarregados com atividades avaliativas de outras disciplinas. Provavelmente, isso comprometeu a leitura do texto indicado e, consequentemente, a qualidade dos textos postados.

Apresentamos, na figura 27, o exemplo de um texto que apenas atendeu parcialmente ao que se esperava:

Figura 27 – Postagem do Aluno 02, no blog Media's Rising, sobre As Redes Sociais na Internet

A vida e as redes sociais

Retornando ao famoso (e as vezes polêmico) assunto : A internet e as redes sociais.

Se pararmos para analisar, a cada 20 amigos ,apenas 1 ou 2 não tem contas em redes sociais (e olha que é um caso raro) , hoje as redes sociais funcionam como uma ferramenta de marketing pessoal (quem nunca viu na timeline um conhecido ou amigo mostrando como a vida dele é interessante... ou não), a quantidade de check ins em lugares diferentes, muitos desabafos sobre dificuldades, momentos filosóficos ou a exposição de como levam uma vida fitness e saudável pode influenciar outras pessoas e você de uma forma ampla e discreta, você caro leitor, pode até achar que nunca viu nada de interessante em redes sociais, mas uma hora ou outra você vai acabar comprando algo ou fazendo alguma atividade por influencia daquela pessoa que você pode achar entediante na vida fora da internet (em Facebook todos tem uma vida agitada, fora dela não se sabe se é realmente como nas fotos e check ins).

Uma grande vantagem e ao mesmo tempo perigo de se ter uma conta no Facebook por exemplo,seria a capacidade de contato fácil com desconhecidos, início de novas e frágeis amizades criadas a partir de vínculos e pontos em comuns que fora da internet possa nem existir e assim se forma uma amizade ou contato rápido,porém pode se tornar algo extremamente rápido e passageiro.Com a facilidade de redes sociais podemos julgar e influenciar outras pessoas, mas ainda que possamos fazer isso é preciso lembrar que também estamos submetidos a tal fato.

Eu costumo pensar que as redes sociais são como facas de dois gumes: possui boas estimativas e é prática para algumas situações peculiares mas em dadas circunstâncias pode ser prejudicial e nos expor de uma forma desagradável.

Fonte: <<https://midiarising.wordpress.com/2014/11/14/a-vida-e-as-redes-sociais/>>.

O Aluno 02, apesar de abordar sobre o que foi solicitado, não demonstra ter conhecimento aprofundado sobre a discussão empreendida por Raquel Recuero. Ao contrário, o aluno, em seu texto, apresenta visão e opinião muito mais voltada ao senso comum do que crítica e reflexiva sobre a temática que estava sendo abordada. Enquanto Recuero aborda a

teoria de formação de redes, o aluno 02 limita-se a apresentar sua percepção superficial sobre as redes sociais, especificamente o Facebook, como fica evidenciado no parágrafo três.

Diferentemente, o Aluno 10 consegue refletir sobre a abordagem de Recuero e escreve um texto que indica ter apreendido o conteúdo, conforme demonstra a figura 28:

Figura 28 – Postagem do Aluno 10, no blog Garota Publicitária, sobre As Redes Sociais na Internet

REDES SOCIAIS NA INTERNET

14 de novembro de 2014 Sem categoria

Nos últimos anos diversas formas de comunicar, passou a fazer parte do nosso dia a dia, uma evolução muito rápida fez com que nós também evoluíssemos.

E qual a explicação para esta evolução? A internet.

Essa grande revolução seduziu tantos seus usuários, que hoje todos temos motivos para está conectados. E podemos dizer que as Redes sociais protagoniza essa necessidade. As redes sociais interfere na vida das pessoas, tornando-as dependentes dela.

Raquel Recuero em Seu livro Redes sociais na internet, traz considerações relevantes para entendermos o funcionamento das redes. Ela não é um elemento novo, ou seja não surgiu com o MSN, orkut, facebook, porém consiste em qualquer ferramenta que permite expressões. As redes sociais começam em qual quer grupo com a qual estabelecemos vínculos, por exemplo: grupos de amigos, colegas de trabalho, faculdade etc. A redes são representadas por atores e suas interações, estes atores são os indivíduos presentes nas redes com objetivos de estabelecer conexões entre si.

Porém é no ambiente digital que a comunicação se amplia e as informações se dissemina de forma muito rápida, gerando uma grande visibilidade. Neste ambiente que parece particular e que ao mesmo tempo se torna público, já que o foco passa estar na exposição pública, o indivíduos utiliza-se deste espaço virtual para construir uma imagem favorável a terceiros, as redes sociais proporciona uma publicização da vida das pessoas onde o desconhecido torna-se popular, permitindo que as pessoas construa uma identidade que gostaria de ter no mundo offline.

As Redes sociais é uma ferramenta poderosa, e tem o poder de influenciar a vida e decisões das pessoas, ela potencializa o que se faz na vida real, uma vez que muitas de nossas reivindicações e questionamentos estão presentes ali. E muitos tem aproveitado desta influência proporcionada pelas redes, pra promover mobilizações em prol do bem comum, como temos assistido ultimamente em nosso país.

Enfim, a distância de um de um click, podemos está interligados com o mundo através da

Fonte: <<https://publicigirl.wordpress.com/2014/12/06/conectados-na-rede/>>.

O Aluno 10 consegue discorrer sobre o tema Redes Sociais de modo a demonstrar a compreensão diante do que Raquel Recuero apresentou em sua obra. É possível percebermos, na figura 28, como o texto apresenta tanto referências corretas ao texto, como no parágrafo 04,

como também reflexões do aluno acerca do tema, indicando a apropriação de sentido e capacidade de retransmissão, como evidenciado nos parágrafos 05 e 06.

f) Produções autônomas dos alunos

Além dos temas que solicitamos aos alunos, muitos utilizaram-se do *blog* para escreverem autonomamente sobre assuntos correlatos à área da Comunicação Social. Consideramos que essa escrita também faz parte do processo de formação no qual o aluno estava inserido, uma vez que, como afirma Paulo Freire (1996), o ensino não é uma simples transferência de conhecimento, mas uma das mais ricas experiências humanas. Para o autor, o estudante deve assumir, desde o início, o seu processo de aprendizagem como sujeito de sua formação, participando efetivamente da construção coletiva que é a educação, juntamente com o docente.

Dos dez *blogs* participantes dessa pesquisa, pudemos perceber a presença de textos escritos autonomamente pelos alunos em oito deles. No quadro 04, apresentamos os referidos *blogs* e as respectivas temáticas abordadas que não foram solicitadas pela professora:

Quadro 04 – Posts autônomos dos alunos

<i>Blog</i>	Títulos dos <i>Posts</i>
Aluno 1 – The Expedition	• Profissionalismo no mundo digital; • Dead Fish: Banda bate record em arrecadação coletiva!
Aluno 3 – Pinguim Sertanejo	• A publicidade nas redes sociais;
Aluno 4 – Comunicadores de Primeira Viagem	• Marketing Na era da Geração Y;
Aluno 5 – Conexão Publicitária	• 3º encontro de publicidade e propaganda do sudoeste da Bahia; • Oba Oba, E Ai, Mídia Alternativa,O Que É Isso?
Aluno 6 – Espaço 201	• A evolução da comunicação através do uso das novas tecnologias;
Aluno 7 – Linkar	• Cultura digital: Um novo olhar sobre o meio digital!
Aluno 9 – Caverna Informacional	• Conectividade Em Massa;

Aluno 10 – Garota Publicitária.	• Conectados na rede!!
---------------------------------	-------------------------------

Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Foram produzidos dez textos e, destes, sete fazem referência a temas ligados à ementa da disciplina à qual a atividade do *blog* estava vinculada, enquanto dois estavam ligados a outras disciplinas da Comunicação Social e um era o compartilhamento da notícia de um evento do curso, do qual a turma havia participado. Esse contexto indica que os conteúdos ministrados na disciplina podem ter despertado o interesse do aluno para a utilização de seu *blog* com o objetivo de continuar próximo das temáticas abordadas e, assim, se tornar protagonista de sua formação, pesquisando mais sobre o tema e refletindo sobre ele através da escrita.

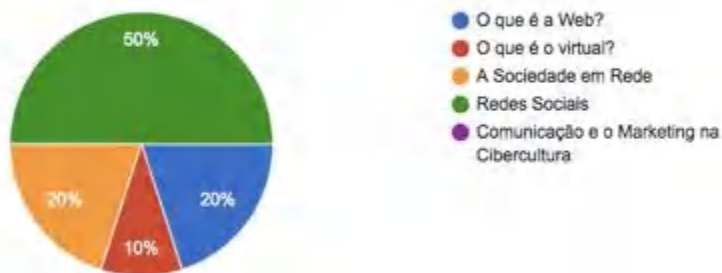
5.5 A Percepção do Aluno sobre seu Processo de Aprendizagem

Ao final do semestre letivo, os alunos participantes desta pesquisa foram convidados a responderem a uma entrevista na qual deveriam indicar sua percepção sobre o processo de aprendizagem proporcionado pela experiência com seus *blogs*. É importante reforçar o que explicamos na trajetória metodológica, que essa entrevista foi aplicada através da ferramenta de formulários do Google com o objetivo de garantir o anonimato dos respondentes e, assim, não comprometemos o resultado da pesquisa diante de uma possível intimidação por parte do aluno por ter que prestar informações à professora. A partir dessa entrevista, alcançamos os resultados que descreveremos a seguir.

Quando perguntados sobre qual tema mais gostaram de escrever, verificamos um dado interessante ao compararmos com a análise que acabamos de fazer, na seção 4.4. Lá, verificamos que o tema *A Comunicação e o Marketing na Cibercultura* alcançou melhor qualidade, sob o ponto de vista da avaliação da professora, do que os textos do tema **Rede Social**. No entanto, o gráfico 08 apresenta um resultado diferente quando analisada a percepção do estudante em relação à preferência da escrita:

Gráfico 08 – Temas que os alunos mais gostaram de escrever

Sobre qual dos temas solicitados você mais gostou de escrever? (10 respostas)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

50% dos alunos pesquisados indicaram que **Redes Sociais** foi o tema de que mais gostaram de escrever, enquanto **Comunicação e Marketing na Ciberultura** não foi citado por ninguém. 20% gostou de abordar sobre **A Sociedade em Rede**; outros 20% preferiram escrever sobre **O que é a Web?**, enquanto 10% informaram ter gostado mais do tema **O que é o Virtual?**.

Perguntados sobre o motivo da escolha do tema, os alunos que gostaram de postar sobre **Redes Sociais** informaram que a preferência se deve ao fato de que as redes sociais já fazem parte de suas rotinas e isso os leva a ter mais afinidade e interesse em abordar sobre elas. Um aluno indicou, também, que foi interessante aprender mais sobre um assunto que já vivencia na prática.

Aqueles 20% que preferiram falar sobre **O que é a Web?** justificaram sua escolha da seguinte forma: um afirmou que descobrir sobre a história da internet despertou seu interesse e, para o outro, esse tema foi de extrema relevância e o marcará para o resto de sua vida.

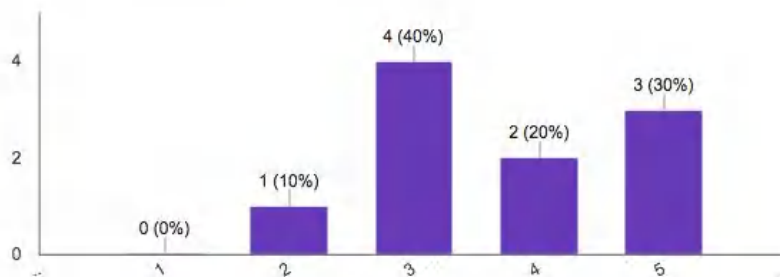
20% dos alunos indicaram **A Sociedade em Rede** como o tema predileto e um deles apontou que a escolha aconteceu pelo fato de “mostrar a evolução da sociedade através de um mundo virtual que na verdade é real, gerando uma grande evolução na economia, cultura, comunicação etc. (...)”. O outro aluno informou que a escolha aconteceu por afinidade.

E, por fim, o aluno correspondente aos 10% informou a preferência pelo tema **O que é o Virtual?**, justificando sua escolha pelo fato de ter tido mais tempo para produzir um texto com melhor qualidade.

Em relação à contribuição que as atividades com o *blog* deram à prática da leitura, o gráfico 09 traz a seguinte indicação:

Comparando com sua prática de leitura relacionada às outras disciplinas, você considera que o blog contribuiu para o aumento da sua rotina de leitura? (Marque em uma escala crescente de 1 a 5)

(10 respostas)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Em uma escala crescente, entre pouca contribuição e muita contribuição, 50% dos alunos indicaram que o *blog* muito contribuiu para a prática de leitura, comparando as metodologias de outras disciplinas, enquanto que 40% marcou o número 3 indicando uma média contribuição, e apenas 10% marcou o número 2, na escala próximo à pouca contribuição. Percebemos, portanto, que os alunos avaliam que o uso do *blog* conseguiu se diferenciar de outros métodos de ensino em relação ao incentivo à leitura.

Quanto à contribuição do *blog* para a prática da escrita, os alunos demonstram uma percepção ainda mais favorável, conforme mostra o gráfico 10:

Gráfico 10 – Contribuição do *blog* para a prática de escrita

Você considera que o blog contribuiu para a melhoria da qualidade da sua escrita? (Marque em uma escala crescente de 1 a 5)

(10 respostas)



Fonte: Dados da Pesquisa, 2014.

Neste resultado, 60% dos alunos consideram que o *blog* foi capaz de contribuir para melhoria da qualidade de sua escrita, enquanto que 30% indicou uma contribuição mediana e 10%, correspondente a um aluno, acredita que o *blog* ficou mais próximo de pouca contribuição.

Perguntados sobre quais os benefícios conseguiram perceber com o uso do *blog* como ferramenta didática, na disciplina Sistemas Multimídia e Hipermídia, os alunos listaram as seguintes questões, conforme dados da pesquisa (2014):

- Interação;
- O aprendizado através da prática, ajudou bastante, pois estimulou a pesquisa;
- Conhecimento mais aprofundado para com os temas propostos;
- Me possibilitou uma abertura de campo intelectual e gerou também desejo e satisfação pelo novo aprendizado;
- Permitiu que os conteúdos fossem compreendidos de forma lúdica, com facilidade ao acesso a diversas informações;
- Compartilhamento das informações a partir da escrita dos assuntos aprendidos em sala, colocando-os em prática;
- Creio que o contato com um blog, nos coloca dentro mais perto do universo das tendências atuais que é a criação de conteúdo através de blogs nos mais variados segmentos;
- Maior interação dos alunos;
- Me ajudou bastante a melhorar na escrita e na leitura; digo, sempre gostei de praticar ambos mas com o blog pude aperfeiçoar mais;
- Dinâmica, atual, de fácil aprendizagem.

Tais dados demonstram que o aluno percebe benefícios importantes na utilização do *blog* para seu processo de aprendizagem, uma vez que identifica a interação proporcionada, o estímulo à pesquisa que gera maior aprofundamento ao conhecimento, à ludicidade, à prática associada à teoria e à melhoria da leitura e escrita.

Ao longo da análise dos resultados feita neste capítulo, buscamos compreender as potencialidades do *blog* para o processo de aprendizagem considerando estudantes de graduação. Entendemos ter alcançado os objetivos propostos, mas, ao mesmo tempo, temos ciência que muito mais poderia ter sido explorado. No entanto, diante das limitações de tempo e espaço que nos é destinado neste trabalho, encerramos, temporariamente, as análises e esperamos a oportunidade de darmos continuidade futuramente.

Na conclusão, que faremos a seguir, retomaremos a discussão e apresentaremos caminhos e desafios para o uso dos *blogs* educativos.

5.6 Discussão dos Resultados

Pelo resultado apresentado em nossa investigação, entendemos que o *blog* educativo se apresenta como uma possibilidade didático-pedagógica valorosa, uma vez que mantém os alunos vinculados aos conteúdos curriculares por mais tempo. Nossa pesquisa identificou que esse contato mais próximo com os temas que estavam sendo trabalhados em sala de aula trouxe benefícios tanto do ponto de vista da professora quanto dos próximos alunos. Esses benefícios puderam ser percebidos pelos dados demonstrados aqui e que detalharemos a partir de agora.

O primeiro aspecto que podemos salientar como diferencial dessa experiência pedagógica é que, diferentemente do que ocorre na maioria dos casos em que se utilizam *blogs* educativos, como afirmamos há pouco, no nosso caso cada um dos alunos criou sua própria página virtual e gerou sobre ela o sentimento de pertencimento e responsabilidade. Desde a nomeação dos *blogs* que representa a identidade individual de cada aluno e demonstra, para nós, a criatividade envolvida no processo de criação, assim como o *layout* escolhido que reforça tal identidade e os conteúdos que foram produzidos ao longo do semestre, os alunos estiveram ligados às suas páginas durante, pelo menos, os cinco meses letivos que durou a disciplina.

Ao menos uma vez por semana entraram, leram e escreveram nos *blogs* e esse contato frequente e individualizado aproximou os alunos, também, por consequência, da própria disciplina e seus conteúdos curriculares. E, dessa investigação, consideramos que o *blog* educativo é um hipergênero, pois, como explicitamos no capítulo 2, e é afirmado por Bonini (2011), ele é capaz de suportar outros gêneros textuais como vídeos, poesias, fotografias, textos dissertativos, entre outros. Consideramos, ainda, que o *blog* seja capaz de servir para o favorecimento do aprendizado de conteúdos disciplinares e ele próprio possui potencial de ser um espaço de aprendizagem através da linguagem hipertextual caracterizada pela interatividade, não linearidade, multimidialidade e demais características apresentadas por Levy (1996), Marcuschi (1999) e Xavier (2002), discutidas por nós no capítulo 1, na seção 1.2.

No entanto, cabe ressaltar que ele não se basta por si só. Como afirma Morin (1999), a educação é um processo que não pode ser fragmentado, uma vez que o indivíduo é um ser social e todo o contexto em que se encontra contribui para a sua formação. Nesse sentido, a inserção de tecnologias digitais na educação se aproveita do contexto tecnológico com o qual os estudantes estão familiarizados para potencializar sua formação. O *blog*, por suas características de hipergênero e linguagem hipertextual, favorece a didática do professor, a participação efetiva

do estudante em seu processo de formação e a interação com outros agentes que não poderiam se inserir em outro contexto sem o uso da *web*.

Dentro dos limites dessa experimentação, percebemos a interação acontecer e ela se situou no contexto didático em prol da aprendizagem, tendo como elementos participantes dela o professor com o aluno, o aluno com outro aluno e o aluno com o visitante externo à pesquisa. Podemos afirmar que a troca de informações é capaz de favorecer a construção do conhecimento, mas é importante ressaltar que a aprendizagem vai depender significativamente da pertinência dessas informações que estão sendo trocadas. Nos *blogs* pesquisados, foi possível identificar interlocuções que foram capazes de contribuir para o processo de aprendizagem, pois levaram os alunos a refletir sobre seus textos, reescrevê-los e/ou voltarem à discussão de certas temáticas para responderem aos comentários de seus leitores. Exemplo dessa interlocução em prol do aprendizado foi a representada pelas figuras 11 e 12 (p. 80-81), em que o Aluno 10 dialoga com um visitante de seu *blog* sobre o texto que postou, correspondente ao conteúdo curricular, fazendo-o retornar ao tema.

Uma outra potencialidade do uso do blog na educação é o estímulo à prática da escrita. Entendemos que a leitura e a escrita são atividades essenciais ao desenvolvimento e formação do indivíduo e, como afirma Soares (2009, p.70), a escrita “é um processo de relacionar unidades de som a símbolos escritos, e é também um processo de expressar ideias e organizar o pensamento em língua escrita”. Essa organização do pensamento é capaz de, de maneira processual e associada à leitura, promover o desenvolvimento da própria escrita. Miller (1998) enfatiza que o ato de escrever eleva a necessidade de se produzir um texto que faça sentido para o leitor e, quando este coloca-se diante de um texto, busca exprimir sentido dele. Na nossa pesquisa, certamente não é possível afirmar que houve a melhora na qualidade da escrita, uma vez que o tempo de um semestre letivo não torna possível uma alteração tão profunda ao ponto de ser constatada, e até porque esse não foi o nosso propósito, mas a dinâmica envolvendo a escrita semanal dos *blogs* possibilitou aos alunos um contato maior com o ato de escrever, uma vez que, ao longo do semestre, eles tiveram a oportunidade de produzir, pelo menos, seis textos, sendo um de apresentação do *blog* e cinco referentes ao conteúdo semanal, além daqueles escritos por iniciativa do próprio aluno. Essa escrita periódica gerou no estudante uma percepção de melhoria da qualidade da escrita como foi evidenciado pelo gráfico 10 (p. 114), em que 60% dos alunos afirmaram perceber melhora em sua escrita a partir da experiência de escrita constante no *blog*. Com isso, poderíamos sugerir que, se o mesmo *blog* fosse utilizado por todas as disciplinas ao longo dos quatro anos de curso, os alunos apresentariam um significativo desenvolvimento de sua produção textual.

Quanto à aprendizagem dos conteúdos curriculares, o *blog* se apresenta com grande potencial de favorecimento, mediante o método que aplicamos na experiência investigada. Nossa pesquisa demonstrou que o *blog* se insere em ações pedagógicas que, em conjunto, possibilitam ao aluno alcançar os objetivos estabelecidos para a disciplina. Esse conjunto formado pela aula em sala de aula, a leitura da referência bibliográfica, a escrita no *blog* e a interação, fizeram com que o aluno se mantivesse ligado ao conteúdo por mais tempo e com maior profundidade, dando a ele as condições de aprendizagem. Como já dissemos, o *blog* não se basta como recurso pedagógico, mas se insere no contexto educacional como um gênero capaz de enriquecer o processo de ensino e aprendizagem. Ao todo, foram solicitados cinquenta textos, considerando os cinco temas dos dez alunos. Foram produzidos quarenta e quatro textos por solicitação docente e mais dez de maneira autônoma. Dos quarenta e quatro *posts* solicitados, 100% atenderam adequadamente ao tema proposto; 65,9% foram produzidos com uma reflexão crítica que atendia à expectativa docente para a discussão a partir dos textos-base; 22,7% atenderam parcialmente e 11,4% não atenderam à expectativa quanto à presença de uma abordagem crítica e reflexiva sobre o tema proposto.

Dos dez textos produzidos por iniciativa do aluno, 20% correspondiam a assuntos ligados à comunicação social, mas 80% relacionaram-se diretamente ao conteúdo trabalhado na disciplina. Assim, o interesse despertado no aluno para continuar a escrever sobre o conteúdo curricular enriquece sua formação. E, a partir desse dado, compreendemos que o *blog* potencializa também a autonomia do discente em seu processo de formação. A autonomia é um conceito complexo e multifacetado e adotamos a ideia de Paulo Freire (1998) sobre esse tema. Para ele, a educação libertadora é precedida pelo desenvolvimento da capacidade do estudante em criar suas próprias representações do mundo, sendo capaz ainda de pensar estratégias para resolução de problemas e assim, compreender-se como sujeito da história. Nesse sentido, a autonomia é fundamental para a construção de práticas sociais transformadoras. O desenvolvimento da autonomia requer, portanto, que o aluno aprenda a estabelecer conexões entre as diferentes dimensões do processo social, político e cultural e assuma, para si, o comprometimento sobre esse aprendizado.

Na nossa pesquisa, identificamos que o *blog* levou os alunos a assumirem para si, parcialmente, a responsabilidade sobre a aprendizagem, já que identificamos que alguns deles usaram seus espaços virtuais para refletir sobre temas correlatos aos que estávamos trabalhando na disciplina, como foi evidenciado pelo quadro 04, onde apresentamos os dez textos produzidos por oito alunos de maneira autônoma. O sentimento de pertencimento ao *blog*, associado ao interesse pelos assuntos, levou-os à permanência da atualização com a postagem

no blog durante o semestre, mesmo sem a intervenção docente. Nesse contexto, um dos alunos indica que o *blog* “(...)possibilitou uma abertura de campo intelectual e gerou também desejo e satisfação pelo novo aprendizado”.

Tais resultados, aqui apresentados, demonstram o alcance dos objetivos propostos em nossa pesquisa, os quais retomaremos na conclusão, a seguir.

6 CONCLUSÃO

Após termos retomado a análise dos resultados de nossa pesquisa na seção anterior, buscaremos, a partir de agora, apresentar nossas contribuições finais, mas sem a pretensão de esgotar nosso interesse pela continuidade da pesquisa sobre esse tema, nem tampouco finalizarmos as discussões que se fazem necessárias.

Como vimos ao longo deste trabalho, o *blog* já está presente em muitas estratégias de ensino e apresenta importantes contribuições. No entanto, boa parte das pesquisas científicas que abordam essa temática trazem dados a partir de investigações na educação básica. Pouco se pesquisou, no Brasil, sobre as potencialidades do uso do *blog* em processos pedagógicos no ensino superior. Além disso, pudemos perceber que experiências como a nossa são raras, também, no sentido de investigar *blogs* individuais. A maioria dos estudos que almejou identificar o papel do *blog* educativo o fez a partir de *blogs* coletivos ou *blogs* de professores.

A nossa estratégia didática, que foi objeto da pesquisa, requereu um trabalho e envolvimento maior tanto da professora quanto dos alunos, mas, com ela, constatamos que os resultados alcançados conseguiram atender aos objetivos propostos com maior profundidade. Foi nossa intenção contribuir com o universo acadêmico no sentido de demonstrar as potencialidades que o *blog* possui para o processo de aprendizagem de estudantes de graduação. Além desse objetivo geral, tivemos como objetivos específicos verificar se o uso de *blogs* é capaz de favorecer a autonomia do aprendiz nos alunos, se os *blogs* os aproximam da prática da escrita e, ainda, avaliar a viabilidade do uso de *blogs* em estratégias educativas no Ensino Superior.

Retornando ao nosso problema de pesquisa, ou seja: **quais as potencialidades dos *blogs* como ferramentas didático-pedagógicas para o processo de aprendizagem de alunos do ensino superior?**, podemos concluir que identificamos, a partir do método para aplicação da experiência, quatro potencialidades para o uso do *blog* em processos educativos, que foram, portanto: (1) Interação; (2) Aumento da Prática da Escrita; (3) Melhoria da Aprendizagem; (4) Estímulo à autonomia.

Entendemos que essas respostas não esgotam as dúvidas. Com este trabalho, novas perguntas surgiram e despertaram em nós – e pretendemos que também em nossos leitores – o interesse pela continuidade das pesquisas relacionadas a esse tema. Em hipótese alguma queremos fechar a questão com esta pesquisa, pois acreditamos que muitas outras potencialidades podem ser encontradas no uso de *blogs* educativos. Parte delas já foi

apresentada em outros trabalhos de pesquisa, mas acreditamos ter dado nossa contribuição nessa seara e temos a certeza que ainda há muito o que se investigar.

Cabe enfatizarmos, por último, que o trabalho pedagógico com *blog* traz, além de resultados positivos, desafios para professores e instituições de ensino superior. Da mesma forma que afirmamos que os alunos permanecem mais tempo em contato com a disciplina, e isso aumenta seu envolvimento com os conteúdos curriculares, os professores também são mais requeridos. Para que o *blog* alcance os resultados aqui mencionados, o professor precisa se desprender da limitação da sala de aula e se disponibilizar ao contato com o aluno e leitura de suas produções textuais em momentos extras ao horário da aula. Isso gera um desafio também institucional, pois como diferenciar a carga-horária de trabalho de um professor que faz uso de TICs em suas disciplinas daqueles professores que mantêm métodos de ensino tradicionais? Atualmente, os professores que têm feito uso de tecnologias digitais como *blogs* ou redes sociais o fazem muito mais pelo comprometimento com a qualidade da educação do que preocupados com a remuneração que receberão, já que a maior parte não será paga financeiramente pelas horas a mais dedicadas ao trabalho. Certamente que, enquanto essa questão não for solucionada, muitos professores não serão despertados ao interesse pelo *blog* ou outras TICs. Um outro desafio diz respeito à própria formação docente. Enquanto os estudantes encontram-se familiarizados com a linguagem hipertextual e seus recursos, parte dos professores não se sente à vontade no ambiente digital. Essa também é uma questão que precisa ser resolvida sob o ponto de vista institucional e governamental, com a criação de programas de formação docente para o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação.

Em suma, nosso interesse é poder contribuir com a melhoria da qualidade da educação superior e apresentar o *blog* como um gênero viável, rico e enriquecedor para as práticas educativas de professores de graduação.

REFERÊNCIAS

AMARAL, A.; RECUERO, R. & MONTARDO, S. (orgs.). **Blogs.Com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

AMARAL, A. et al. **Netnografia como aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital**. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>. Acesso em: 16 abr. 2016.

AQUINO, M. C. **Um resgate histórico do hipertexto**: O desvio da escrita hipertextual provocado pelo advento da Web e o retorno aos preceitos iniciais através de novos suportes. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/aquino-maria-clara-resgate-historico-hipertexto.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BANKS, A. M. **Blogging Heroes**: Entrevistas com 30 dos principais blogueiros do Mundo. São Paulo: Universo dos Livros Editora Ltda, 2009.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, A. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da Informação**, v.27, n. 2, p. 122-127. Brasília: IBICT, maio/ago. 1998.

BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 679 704, 2011

BORGES, F. G. B. Os gêneros textuais em cena: uma análise crítica de duas concepções de gêneros textuais e sua aceitabilidade na educação no Brasil. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 119-140, 2012.

BRITTO, L. Sociedade de Cultura Escrita, Alfabetismo e Participação. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. 10ª ed. São Paulo, 2004.

CARVALHO, A. A. A. *et al.* Blogue: uma ferramenta com potencialidades pedagógicas em diferentes níveis de ensino. In: COLÓQUIO SOBRE QUESTÕES CURRICULARES, 7., Braga, Portugal, 2006. **Actas...**Braga: CIED, 2006. p. 635-652. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1822/5915>>. Acesso em: 12 abr. 2015.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador. Trad. Reginaldo de Moraes. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial do Estado, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

CIPRIANI, F. **Blog Corporativo**. São Paulo: Novatec, 2006.

CRYSTAL, D. **Language and the Internet**. Cambridge, Cambridge University Press. 2001.

DEDE, C. **The role of information and communications technologies in the evolution of graduate education**. Washington, DC: Council of Graduate Schools, 2007. Disponível em: <http://isites.harvard.edu/fs/docs/icb.topic147383.files/Dede_NSSE-submit.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2016

EFIMOVA, L.; HENDRICK, S. **In search for a virtual settlement: an exploration of weblog community boundaries**. Communities and Technologies, 2005.

ELIA, M.F., SAMPAIO, F.F. **Plataforma Interativa para Internet: Uma proposta de Pesquisa-Ação a Distância para professores**. Anais do XII Simpósio Brasileiro de Informática na Educação, 2001

FISCHER, S. R. **História da Escrita**. São Paulo: UNESP, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da Liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1999.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (orgs). **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIBBONS, M. et al. **The new production of know- ledge: the dynamics os science and research in contemporary societies**. London: Sage Publications, 1994.

GOMES, L. F. **Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital**. Jundiaí , SP: Paco, 2007.

GOULART, C. Letramento e Novas Tecnologias: Questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (org.). **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3ª Ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

GUTIERREZ, S. **Weblogs e educação: contribuição para a construção de uma teoria**. Módulo Curso UCA. Ceará, 2005. Disponível em: <http://www.virtual.ufc.br/cursouca/modulo_web2/parada01_cid2/para_saber_mais/gutierrez_toriaweblogs.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2015.

JOHNSON, D.M. **Approaches to Research in Second Language Learning**. New York & London: Longman. 1992.

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno**. Trad. Nize Maria campos Pellanda, Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

KLEIMAN, A. B. **Os significados do Letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

KLEIMAN, A. B. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização**. Projeto Temático Letramento do Professor. Secretaria de Educação de São Paulo, 2007.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2009.

KOMESU, F. Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

KOMESU, F. **Entre o público e o privado: um jogo enunciativo na constituição do escrevente de blogs da Internet**. Tese de Doutorado em Linguística – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

KOMESU, F.; TENANI, L. **O Internetês na Escola**. São Paulo: Cortez, 2015.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, M. R. de. **Ciberpedagogia: Indicativos para o Rompimento com a Lógica da Transmissão**. 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/Vertentes_35/marcio_e_murilo.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da Enunciação**. Organizado por Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva, diversos tradutores. Curitiba: Criar Edições, 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Linearização, Cognição e Referência: O Desafio do Hipertexto**. 1999. Disponível em: <http://web.uchile.cl/facultades/filosofia/Editorial/libros/discurso_cambio/17Marcus.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2016.

MARCUSCHI, L. A. **O Hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula**. Linguagem & Ensino, v. 04, n. 1, 2001.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros Textuais Emergentes no Contexto da Tecnologia Digital**. Texto da Conferência pronunciada na 50ª Reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, USP, São Paulo, 23-25 de maio de 2002.

MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e Gêneros Digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). **Gêneros Textuais: reflexões e ensino**. 4ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. *In*: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. São Paulo: Papirus, 2000.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002.

MILLER, C. **Genre as social action**. Quaterly journal of speech, 1984.

MILLER, C. R. **Gêneros Textual, agência e tecnologia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MORAN, J. M. **A Educação que Desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. - 5ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

MORAN, J. M., MASETTO, M. & BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 16ª Ed. Campinas: Papirus, 2009. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/moran/uber.htm#experiências>>. Acesso em: 13 fev. 2016.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Publicações Europa-América, 1996.

NELSON, T. **Literary Machines**. Sausalito: Mindful Press, 1993.

NOVELLI, A. Pesquisa de Opinião. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

PRENSKY, M. **On the Horizon**. NCB University Press, Vol. 9 No. 5, October (2001). Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/>>. Acesso em: 25 jan. 2016.

PRIMO, A.; RECUERO, R. da C. **Co-links: Proposta de uma nova tecnologia para a escrita coletiva de links multidirecionais**. 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/colinks.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

PRIMO, A.; RECUERO, R. Hipertexto cooperativo: uma análise da escrita coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia. **Revista FAMECOS** • Porto Alegre • nº 22 • dezembro 2003.

PRIMO, A. Blogs e seus gêneros: Avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa. *In*: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2008, Natal. **Anais...**, 2008.

RAMAL, A. C. **Ler e Escrever na cultura digital**. 2002. Disponível em: <<http://www.revistaconecta.com/destaque/edicao04.htm>>. Acesso em: 30 jul. 2015.

RECUERO, R. da C. **Comunidades Virtuais no IRC: o caso do #Pelotas**. Um estudo sobre a Comunicação Mediada por Computador e as Comunidades Virtuais. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2008.

RIBEIRO, A. E. **Novas tecnologias para ler e escrever**: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROJO, R.; BARBOSA, J. **Hipermodernidade, Multiletramentos e Gêneros Discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROSA, H.; ISLAS, O. Contribuições dos blogs e avanços tecnológicos na melhoria da educação. In: AMARAL, A., RECUERO, R., MONTARDO, S. (Org.). **Blogs.Com**: estudos sobre blogs e comunicação. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: Da cultura das mídias à cibercultura. Editora Paulus. São Paulo, 2003.

SANTOS, E. **Formação de professores e cibercultura**: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. *Revista da FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade*, v. 11, n. 17, p. 113-122, jan./jun., 2002.

SCHITTINE, D. **Blog**: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SILVA, L. S. da. **O Blog e Autonomia no Ensino/Aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de pós-graduação em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/10816/1/Dissertacao%20Ludimilia%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2014.

SOARES, M. **Letramento**: Um tema em três gêneros. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 1998.

SOARES, M. Novas Práticas de Leitura e Escrita: Letramento na Cibercultura. **Rev. Educ. Soc.**, Campinas, vol. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SOARES, M. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

SOARES, E. M. do S.; ALMEIDA, C. Z. **Interface gráfica e mediação pedagógica em ambientes virtuais**: algumas considerações. Disponível em:

<http://ccet.ucs.br/pos/especializa/ceie/ambiente/disciplinas/pge0946/material/biblioteca/sacramento_zamboni_conahpa_2005.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2016.

SOUSA, R. P., MIOTA, F. M. C. S. C., CARVALHO, A. B. G.(orgs.). **Tecnologias digitais na educação[online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

TEIXEIRA, D. de O.; MOURA, E. Chapeuzinho Vermelho na Cibercultura: Por uma Educação Linguística com Multiletramentos. In: ROXO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na Escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Texto Base do Seminário Internacional “Tecnologias para transformação da educação: experiências de sucesso e expectativas”**. Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/FIELD/Brasilia/pdf/brz_ci_preliminar_doc_tecnologias_transformacao_educacao.pdf>. Acesso em: 25 maio 2016.

VASCONCELOS, C. **O Desafio da Qualidade da Educação**. Texto Preparatório para a CONAE. Disponível em: <http://www.celsovasconcellos.com.br/Download/CSV-Desafio_da_Qualidade.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

XAVIER, A. C. dos S. **Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP: (s.n.), 2002.

XAVIER, A. C. dos S. **Letramento Digital e Ensino**. 2007. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

XAVIER, A. C. dos S. As Tecnologias e a aprendizagem (re)construcionista no Século XXI. **Revista Hipertextus**, Volume 1, 2007. Disponível em: <<http://hipertextus.net/volume1/artigo-xavier.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

ZIMMER, J. M. **Superação das barreiras para o uso da informática por educadores**. Trabalho apresentado ao curso de Pós-Graduação em Informática Aplicada à Educação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, SP, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENVIADO AOS ALUNOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Blog Educativo e as práticas de letramento: uma análise sobre a produção hipertextual de alunos de graduação

Esta entrevista tem por objetivo identificar a eficácia do uso de blogs educativos em práticas de letramento como facilitadores do processo de aprendizagem. Sua participação será muito importante para as conclusões dessa pesquisa e, por isso, desde já agradecemos pelas suas respostas.

*Obrigatório

Sexo *

- ☐ Feminino
☐ Masculino

Idade (marque sua idade em dezembro de 2014) *

- ☐ 18 a 20 anos
☐ 21 a 23 anos
☐ 24 a 26 anos
☐ 27 a 29 anos
☐ 30 ou mais

Você estudou em: *

- ☐ Escola Pública
☐ Escola Particular

Antes da disciplina Sistemas Multimídia e Hiperemídia, você já havia tido um blog pessoal? *

- ☐ Sim
☐ Não

PRÓXIMA

Nunca envie senhas pelo Formulários Google

Se a resposta à questão fosses **sim**, abria-se o formulário abaixo, antes de dar continuidade à pesquisa:

Qual era a temática do blog? *

Qual resposta?

Ele ainda está no ar?

☐ Sim

☐ Não

VOLTAR

PRÓXIMA

Verifique se preencheu todos os campos obrigatórios

Se a resposta fosses **não**, dava-se continuidade à pesquisa:

***Obrigatório**

Na etapa de criação do blog da disciplina, qual foi o nível de dificuldade que encontrou? (Marque de 1 a 5 conforme o grau de dificuldade) *

	1	2	3	4	5	
Nenhuma dificuldade	☐	☐	☐	☐	☐	Extrema dificuldade

E sobre a produção dos textos, qual foi o nível de dificuldade que encontrou? (Marque de 1 a 5 conforme o grau de dificuldade) *

	1	2	3	4	5	
Nenhuma dificuldade	☐	☐	☐	☐	☐	Extrema dificuldade

Quais foram as principais dificuldades encontradas na escrita dos textos do seu blog? *

- ☐ Pouco conhecimento sobre o assunto
- ☐ Falta da prática de leitura
- ☐ Falta da prática de escrita
- ☐ Falta da prática de leitura e escrita
- ☐ Desinteresse pelo tema
- ☐ Nunca houve dificuldade
- ☐ Outro: _____

VOLTAR

PRÓXIMA

Comparando com os métodos de ensino de outras disciplinas, como você avalia o uso do blog no seu processo de aprendizagem? *

	Sim	Não	Não consigo opinar
O blog possibilitou uma aprendizagem mais consistente acerca dos conteúdos trabalhados em sala de aula?	☐	☐	☐
O Blog estimulou uma leitura semanal dos conteúdos?	☐	☐	☐
O blog possibilitou maior interação entre os alunos?	☐	☐	☐
O blog te estimulou a pesquisar outros conteúdos, além dos que estavam previstos na ementa?	☐	☐	☐
O blog melhorou sua escrita?	☐	☐	☐

Você manteve o blog atualizado após o encerramento da disciplina? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

Quais os benefícios você conseguiu perceber para o uso do blog como ferramenta didática, na disciplina Sistemas Multimídia e Hipermídia? (se não houve, indique o termo: não há) *

Sua resposta

Quais os malefícios você conseguiu perceber para o uso do blog como ferramenta didática, na disciplina Sistemas Multimídia e Hipermídia? (se não houve, indique o termo: não há) *

Sua resposta

VOLTAR

ENVIAR

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: **A PRODUÇÃO DO TEXTUAL NO ENSINO SUPERIOR: Autoria e Letramento Digital**
 PESQUISADORA RESPONSÁVEL: **Leatrice Ferraz Macário**

Prezado (a) aluno (a)

Eu, Leatrice Ferraz Macário, discente do Programa de Mestrado em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, estou realizando o projeto de pesquisa chamado “**A PRODUÇÃO DO TEXTUAL NO ENSINO SUPERIOR: Autoria e Letramento Digital**”. O objetivo geral deste projeto é analisar a eficácia do uso de blogs em estratégias de Letramento Digital quanto ao favorecimento do processo de aprendizagem dos alunos de graduação.

Os participantes da minha pesquisa serão alunos de uma turma de graduação do curso de Comunicação Social da Faculdade de Tecnologia e Ciências. Convido você a participar deste projeto, pois esta pesquisa poderá contribuir para a identificação das contribuições da produção textual em mídias digitais, especificamente o blog, para o aprendizado dos conteúdos ministrados em disciplinas do Ensino Superior. Sua participação é voluntária e consistirá em produzir textos em um blog próprio, de conteúdos ministrados na disciplina Sistemas Multimídia e Hipermídia, durante um semestre. Numa segunda etapa, você será convidado a responder a algumas perguntas pertinentes ao processo de aprendizagem a partir da produção textual, a qual deverá ser gravada em áudio também, para melhor consulta posterior do pesquisador. Todo esse processo ocorrerá após a assinatura deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Se alguma pergunta da entrevista lhe causar desconforto, você poderá deixar de responder a pergunta que causar tal incômodo. Ao participar desta pesquisa, você não será identificado (a), permanecendo em anonimato e poderá retirar seu consentimento em qualquer momento da pesquisa, sem sofrer nenhum prejuízo. Esta pesquisa também não traz gastos financeiros para você, nem qualquer forma de ressarcimento ou indenização financeira por sua participação. Além disso, sua participação nesta pesquisa não é obrigatória e, caso não deseje participar da mesma, sua vontade será respeitada.

Os resultados desta pesquisa serão publicados de forma anônima em revistas especializadas, de tal forma que você, nem nenhum outro participante, será identificado. A gravação das entrevistas e sua transcrição em papel serão arquivadas pela pesquisadora por cinco anos. Você pode solicitar esclarecimentos antes, durante e depois da participação na pesquisa. Tais esclarecimentos podem ser obtidos com Leatrice Ferraz Macário, através do e-mail leaferraz@gmail.com ou do telefone (77) 98385980. Em caso de dúvida, você também poderá entrar em contato comigo na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Estrada do Bem Querer, km 4, Caixa Postal 95. Vitória da Conquista - BA CEP: 45083-900, Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Se você aceitar participar desta pesquisa, precisará assinar o TCLE em duas vias (uma via ficará com você e a outra ficará sob a guarda de Leatrice Ferraz Macário; precisará, ainda, criar um blog na plataforma Wordpress e escrever textos semanalmente, após as aulas ministradas e das leituras das referências bibliográficas. Além de, no final do semestre, participar de uma entrevista, que será gravada em áudio. Em caso de dúvida, você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CEP/UESB) pelo telefone (73) 35289727, pelo e-mail cepuesb.jq@gmail.com, ou no seguinte endereço: Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro: Jequiezinho, Jequié – Bahia. O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão que analisa os projetos de pesquisa quanto a seus aspectos éticos.

Desde já, agradeço sua atenção!

_____ - BA, ____ de _____ de _____.

 Pesquisadora Responsável Participante